

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LINHA DE PESQUISA: CULTURA E CIDADES.

MARCO ANTÔNIO DA SILVA BATISTA NETO

ORIENTADOR: DR. JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO

**“OPERÁRIOS ” DA BOLA?: EXPERIÊNCIAS SOBRE A PROFISSIONALIZAÇÃO
DOS JOGADORES E CLUBES DE FUTEBOL DE CAMPINA GRANDE – PB
(1960-1975).**

CAMPINA GRANDE – PB

2018

MARCO ANTÔNIO DA SILVA BATISTA NETO

**“OPERÁRIOS ” DA BOLA?: EXPERIÊNCIAS SOBRE A PROFISSIONALIZAÇÃO
DOS JOGADORES E CLUBES DE FUTEBOL DE CAMPINA GRANDE – PB
(1960-1975).**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em História pela linha I de Pesquisa: Cultura e cidades.

Orientador: Prof. Dr. José Benjamim Montenegro

CAMPINA GRANDE – PB.

2018

B333o Batista Neto, Marco Antônio da Silva.
Operários da bola? : experiências sobre a profissionalização dos jogadores e clubes de futebol de Campina Grande-PB (1960-1975) / Marco Antônio da Silva Batista Neto. – Campina Grande, 2018.
157 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação: Prof. Dr. José Benjamim Montenegro".
Referências.

1. História Cultural. 2. Futebol Campinense – Jogadores e Clubes – Profissionalização. 3. Relações Sociais - Futebol – Jogadores e Clubes. I. Montenegro, José Benjamim. II. Título.

CDU 930.85(043)

MARCO ANTÔNIO DA SILVA BATISTA NETO

**“OPERÁRIOS ” DA BOLA?: EXPERIÊNCIAS SOBRE A PROFISSIONALIZAÇÃO
DOS JOGADORES E CLUBES DE FUTEBOL DE CAMPINA GRANDE – PB
(1960-1975).**

Dissertação avaliada com conceito _____, em 28 de março de 2018.

BANCA EXAMINADORA



DR. JOSÉ BENJAMIM MONTENEGRO
UFCG
ORIENTADOR



DR. SEVERINO CABRAL FILHO
UFCG
EXAMINADOR INTERNO



DR. DAMIÃO LIMA
UFPB
EXAMINADOR EXTERNO

Dedicatória

Ao meu pai Marco Antônio e minha mãe Laudiene Guimarães, pelo apoio.

A minha sobrinha Lis, por me trazer alegria todos os dias.

Ao meu avô João, por me ensinar a gostar de futebol.

A minha avó Socorro (in memoriam), por me incentivar a escrever.

A Wilker Araújo (in memoriam). “Nós conseguimos!”.

AGRADECIMENTOS

Todo esse tempo em que fiquei escrevendo a dissertação, me deparei com a solidão e com a ausência de várias pessoas que fizeram parte dessa trajetória. Algumas se foram, deixaram a vida e viraram uma bela lembrança, outras resolveram seguir caminhos diferentes, mas mesmo assim continuaram contribuindo para a minha formação acadêmica e principalmente pessoal. Esta parte do trabalho é mais que uma série de agradecimentos, mas de reconhecimento de todos que fazem parte dessa vida.

Se existe algum ser divino, não tenho certeza, mas espero que exista. E se ele faz parte dessa energia que nos cerca, agradeço pelas oportunidades e torço que um dia, espero que esse dia demore muito, possamos acertar os ponteiros.

Só consegui entender meu pai (**Marco Antônio Júnior**), quando ele saiu de casa. Eu achava que iria ser fácil, mas o coração engana a mente o tempo todo, principalmente com lembranças. O som do violão de Belchior, a voz apaixonante de Djavan e a sanfona de Flávio José me aproximaram do meu pai. Hoje, sou muito grato por ele ter participado desse caminho, apostando e fazendo o possível para que eu e minha irmã fizéssemos uma trajetória diferente. Seu maior patrimônio pai, é o nosso amor.

Se perguntarem a minha mãe (**Laudiene Guimarães**) sobre minha paixão pelo futebol, ela coloca toda a culpa no meu avô, mas ela tem parte nisso também. Me incentivava a gostar mais e mais desse esporte, comprando chuteiras, camisas de time e assistindo comigo os jogos pela televisão. Depois de um tempo, ela quis recuar, acreditava que aquilo era uma doença, mas já era tarde demais. Agradeço muito pelos abraços, pela força nos momentos complicados e peço desculpas pela ausência ocasionada pela escrita, obrigado por acreditar quando nem eu mesmo acreditava.

Minha irmã **Clara**, me surpreendeu com uma das coisas mais importantes da minha vida, minha pequena Lis. Eu não sabia que amava tanto minha irmã até vê-la na sala de parto, sofrendo todas as dores do nascimento de sua filha. Naquele dia, eu descobri que o amor não tem tamanho. Obrigado maninha, você não sabe como é bom te ter ao meu lado.

Lis, nasceu pouco tempo depois da morte da minha avó, fazendo com que a alegria renascesse em nossos corações. Hoje, caminha, grita e preenche o vazio dessa casa. Como é bom sentir a alegria de cada descoberta, por mais que seja algo simples, quando vejo você conhecendo o mundo me sinto feliz por fazer parte dele. Obrigado por nos trazer alegria tetezinha.

Quase todos os domingos, aos 95 anos de idade, meu avô (**João Miguel**) parte para mais um jogo da raposa com aquela tranquilidade e simpatia que cativa toda a nossa família. Ele que me levou para o estádio a primeira vez, comprou a primeira camisa do Campinense e me apresentou para uma das minhas maiores paixões. Como o senhor diz: “Minha herança é fazer com que meus netos sejam raposeiros”. Acho que o senhor tá conseguindo. Obrigado meu velho amigo, seguirei vibrando contigo pelos campos do Brasil.

Quando minha avó materna **Marina** partiu, senti pela primeira vez a dor da perda. Aquela mulher forte e alegre não poderia viver triste por conta de uma doença, por isso às vezes a morte simboliza a libertação. Obrigado pelo carinho, cuidados, palavras e afeto exposto durante os 16 anos que vivemos juntos. Não esqueço das suas palavras e sigo acreditando nelas.

Quando lembro da minha bisavó paterna **França**, não sinto a dor da saudade. Meu peito é tomado pela alegria daquela mulher. Muitas vezes passávamos a tarde jogando dominó ou baralho apostado, eu tinha uns 10 anos e ela 90. Os nossos encontros eram regados a muita piada e carinho, era bom sorrir contigo. Mesmo depois da sua partida, suas lembranças me fazem sorrir, obrigado vó França.

Apesar de não ter convivido muito, lembro do meu bisavô **Samuel** (*in memoriam*) com muita alegria. Aquele homem, mesmo não querendo fez com que nossa família se tornasse mais forte. Obrigado vô.

Como é difícil escutar Bethânia e não te ver dançar pela casa, como dói não escutar a sua risada ecoando pelo ambiente. Você partiu e nem me disse “adeus no espelho com batom”. Mas nós estávamos juntos até o último momento, pois tínhamos confiança um no outro. Quando minha vó paterna **Socorro** faleceu, eu começava a escrever essa dissertação e como diz Bukowski: “a dor faz um escritor”. Segui escrevendo, pois ela adorava escrever. Agradeço por tudo e sinto muitas saudades.

Meus tios paternos **José Almeida** e **Celiane Almeida**, são pessoas que cada conselho é precioso e com eles aprendo cada dia algo especial e diferente, por tanto, sou eternamente grato aos dois por me ensinar, acolher e oferecer carinho nos momentos mais complicados da minha vida.

Agradeço ao meu tio materno **Guimarães** e as minhas tias **Walquíria**, **Valmari**, **Verônica**, **Denise** e **Socorro** pelo carinho e afeto oferecido durante esse tempo.

Meus primos **Demétrius**, **Vinicius**, **Deyna** e **Yve**, são irmãos mais velhos (muito mais velhos), que durante todo esse tempo me ensinaram a gostar de boas músicas, bons livros e bons filmes. Com eles entendi o verdadeiro valor de ser professor, a necessidade de modificar um sistema de ensino arcaico, doando-se ao outro por acreditar no ser humano. Sou eternamente grato, pelos exemplos e pelo amor dessas quatro figuras.

Daniel, **João Gabriel** e **Miguel** (primos paternos) chegaram um pouco depois, mas trouxeram com eles uma alegria sem tamanho, onde a agitação torna os almoços de domingo na casa de minha tia Celiane uma verdadeira “bagunça” Obrigado pelo carinho guris.

Marina, **João Lucas**, **Nayara**, **Iago**, **Hélio**, **Joana**, **Gabriel** e **Maria Clara**, são primos (maternos) que tenho muito carinho, é uma pena não temos muito contato, mas o afeto ultrapassa essa distância. Obrigado meus queridos.

Com **Camila Rafaela** vivi os melhores cinco anos da minha vida. O amor dessa relação hoje é uma das lembranças mais preciosas que guardo comigo. Quero te agradecer por tudo que vivemos e por cada passo dado ao longo dessa estrada. Hoje, seguimos caminhos diferentes, mas eu continuo te admirando e espero que você consiga realizar seus desejos. “O mundo é dos sonhadores”, então permita-se sonhar e realizar aquilo que não conseguimos. Obrigado por tudo querida, você me fez muito feliz.

Agradeço a mãe de Camila, **Rossana**, pelo carinho e pelas palavras de motivação durante os momentos de dificuldade. Ao seu pai, **Marcelo**, pelas boas risadas e tantas histórias vividas que não cabem nos agradecimentos. Aos seus irmãos, **Gabriel**, pelo companheirismo e afeto e especialmente a **Lucas Emanuel**, que de forma muito singela procurou conservar, mesmo distante, a nossa amizade,

através de conversas e demonstrações de carinho. Obrigado por tudo família Martins, espero que vocês sejam eternamente felizes.

Ao chegar na universidade, estava perdido, mas ao encontrar amigos me senti tranquilo para terminar o curso. **Gutierre, Marcos Saulo, Leonardo e Antônio** foram amigos de todos os momentos. Conversas longas, brigas, bar, futebol e um monte de experiências impagáveis. Com eles aprendi a colocar os pés no chão e seguir acreditando em dias melhores. Obrigado companheiros, agora vamos desfrutar o sabor do mundo.

Sou grato a **Sheyla Mayra** e a sua família (Manuel), por terem me dado a oportunidade de ser professor e de acompanhar esse crescimento profissional e pessoal. Sheylinha é uma irmã mais nova que guardo com muito carinho e que em todos os momentos estamos juntos. Em breve estaremos rindo disso tudo.

Agradeço aos companheiros **Leandro Wickboldt e Kemuel Feliciano**, amigos que me passam tranquilidade e segurança em momentos confusos da vida. Desejo todo o sucesso de mundo para vocês e muito em breve estaremos fazendo aquele velho e bom churrasco regado a cervejas (Leandro) e risadas.

Aos demais amigos **Ana Carolina, Aldinete, Josy, Socorro Diniz, Diogo, Tafarel, Ícaro** e especialmente **Wilker Araújo**, que passou em minha vida deixando um rastro de alegria e saudade.

Agradeço muito a **Catarina**, pela correção do texto, carinho e dedicação durante esse período de produção.

A minha querida amiga **Raffaella**, por me fazer entender que a vida, apesar de todo o sofrimento é surpreendentemente bela. Obrigado por me passar tranquilidade.

Sem um bom camisa 10, um centroavante não consegue fazer gols. Então, eis que surge o “jaqueta” 10, dando boas assistências, segurando o jogo quando necessário e passando a bola com maestria para o ataque. Nesse jogo “acadêmico”, **José Benjamim Montenegro**, foi um grande camisa 10, orientado, dando boas assistências e sendo um grande amigo nesse tempo. Agradeço a ele pela paciência e companheirismo, coisa que a universidade não preza. Agora, só me resta saber a aproveitar o “passe” e fazer o gol com frieza.

Aos professores do PPGH e do curso de História em especial **Eronides Câmara** e **Silêde Leila**, por terem participado da minha vida fora e dentro da sala de aula, ajudando a construir o meu saber de forma singela e profunda.

A professora **Socorro Rodrigues**, fonte de sensibilidade e carinho que encontrei naquela universidade.

Aos ex jogadores, **Ivan Lopes**, **Edvaldo Moraes** e **José lima** e aos dirigentes **Lamir Mota** e **José Santos**. Obrigado pelo tempo cedido e pelas boas histórias contadas.

A CAPES, pelo investimento e compromisso com esse trabalho.

“Estava mais angustiado que um goleiro na hora do gol”. (Belchior)

RESUMO

O objetivo dessa dissertação é discutir como os jogadores de futebol e os clubes foram profissionalizados e quais as suas experiências e relações sociais com os dirigentes e entre eles na cidade de Campina Grande - PB (1960-1975). No ano de 1960 os dois principais times da cidade de Campina Grande, Campinense Clube e Treze, debatiam a profissionalização das equipes, ou seja, os atletas agora seriam profissionais, viveriam do esporte, considerado um lazer sério. Esse debate, gerou uma série de transformações dos clubes e dos jogadores, afinal, a profissionalização fez surgir um novo grupo de trabalhadores, que seguiriam normas disciplinares, como horário, expediente e carteira assinada. Em contrapartida, os dois clubes começaram a crescer e ganhar projeção regional, quebrando a hegemonia dos times da capital paraibana. Teoricamente, trabalhamos com a categoria de experiência do historiador social Edward P. Thompson. Metodologicamente, com o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg. Em relação as fontes procuramos fazer um diálogo entre os relatos orais e os arquivos do Diário da Borborema, jornal que acompanhava o mundo futebolístico no período estudado.

Palavras-Chave: Jogadores. Experiência. Futebol. Profissionalização.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to discuss how football players and clubs were professionalized and what their experiences and social relations with the leaders and between them in the city of Campina Grande - PB (1960-1975). In 1960, the two main teams of the city of Campina Grande, Campinense Clube e Treze, debated the professionalism of the teams, that is, the athletes would now be professionals, would live of the sport, considered a serious leisure. This debate led to a series of changes in the clubs and players. After all, professionalization gave rise to a new group of workers, who would follow disciplinary norms, such as schedule, hours, and a formal contract. On the other hand, the two clubs began to grow and to gain regional projection, breaking the hegemony of the teams of the capital paraibana. Theoretically, we work with the experience category of the social historian Edward P. Thompson. Methodologically, with the Carlo Ginzburg indoctrination paradigm. Regarding the sources we tried to make a dialogue between the oral reports and the archives of Diário da Borborema, a newspaper that accompanied the soccer world during the studied period.

Keywords: Players. Experience. Soccer. Professionalism.

LISTA DE SIGLAS

CAC	Centro Atlético Campinense
CBD	Confederação Brasileira de Desportos.
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CECC	Centro Esportivo Campinense Clube
CELB	Companhia de Eletrificação da Borborema
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda.
FPF	Federação Paraibana de Futebol.
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
LBF	Federação Brasileira de Futebol
LCF	Liga Carioca de Futebol
LDC	Liga de Desportos Campinense.
LDP	Liga Desportiva Paraibana
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PV	Presidente Vargas.
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
STJD	Superior Tribunal de Justiça Desportiva
SANBRA	Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UDN	União Democrática Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Capítulo 1: O Brasil do progresso e das chuteiras	37
1.1 Getúlio Vargas e a profissionalização do futebol.....	38
1.2 O palco do lazer e do trabalho: A construção da casa do “Galo” e do estádio Municipal	48
1.3 Campina respira futebol: A reativação do futebol do Campinense Clube.	54
Capítulo 2: A década de 1960 e a efervescência do futebol de Campina Grande.....	62
2.1 O Brasil na década de 1960	62
2.2 O “vaivém” do mercado da bola.....	66
2.3 Campina Grande: Capital do futebol.....	86
2.4 - “O meu time é a alegria da cidade”: O auge do futebol de Campina Grande.....	94
Capítulo 3: O jogo dentro e fora das quatro linhas.....	111
3.1 A seleção do milagre econômico.....	111
3.2 Campina Grande x FPF: A formação do campeonato “Misto”.	118
3.3 A retomada dos clubes de Campina Grande ao cenário estadual	131
Conclusão	145
Bibliografia.....	149

INTRODUÇÃO: ENTRANDO EM CAMPO

A primeira vez que fui a um estádio de futebol, tinha seis anos de idade. Meu avô materno, João, disse que aquele era o período certo para que eu entendesse o jogo. Mas naquele primeiro momento, não quis entender nada, apenas sentir, vibrar e começar uma relação sentimental que rompeu os portões do estádio “Amigão”.

Era um domingo, final de tarde. Não recorro quem era o rival, mas lembro das vibrações nas arquibancadas, da torcida raposeira, que empurrava o esquadrão rubro-negro para mais uma vitória, confetes, buzinas, gritos e palavrões. Naquele momento, senti uma felicidade imensa, algo semelhante à alegria de Guilherme de Baskeville, ao encontrar a biblioteca secreta e a obra de Aristóteles no romance escrito por Umberto Eco *O nome da rosa*.

Se com a bola nos pés não pude ser um artista, como Zidane, Pirlo ou Ronaldinho Gaúcho, desviei minha paixão para a pesquisa sobre a história do futebol, alimentando aquele antigo sonho de criança, só que agora na universidade. O futebol é o esporte que mexe com todas as idades, atinge crianças de oito anos e vai até idosos de 80. Não existe idade para a paixão pela bola. Para o cronista Luís Fernando Veríssimo

Não há maneira adulta de ser apaixonado por futebol. Adulto seria largar a paixão e deixar para trás essas crianças: a devoção a um clube de futebol e às suas cores como se fosse a nossa outra nação, o desconsolo ou a fúria assassina quando o time perde, a exultação guerreira com a vitória. Você pode racionalizar a paixão, e fazerteses sobre a bola, e observações sociológicas sobre a massa ou a poesia sobre o passe, mas é sempre fingimento. É só camuflagem. Dentro do mais teórico e distante analista e do mais engravatado cartola aproveitador existe um guri pulando na arquibancada. (VERÍSSIMO, 2010. P. 25)

As palavras do escritor gaúcho resumem o sentimento de quem está produzindo este texto. Os debates historiográficos, a análise teórica e metodológica, as fontes, os vários livros lidos, não perderam sua conexão com o encantamento daquele menino ao pisar pela primeira vez no estádio de futebol. Pode parecer um clichê mas, na verdade, o futebol é por excelência, o espaço dos clichês.

Como o tema atravessou toda minha vida, na universidade não foi diferente. No curso de História, no PIVIC, pude trabalhar, em parceria com o professor José Benjamim, uma pesquisa sobre a simbologia do hexacampeonato para o torcedor do

Campinense Clube. Durante a nossa pesquisa, tivemos acesso aos arquivos do Diário da Borborema, principalmente ao caderno de esportes, no qual surgiram algumas das seguintes indagações sobre o processo de profissionalização dos times da cidade - Campinense e Treze - como as duas agremiações foram estruturadas profissionalmente? E quais as condições de trabalho dos atletas, dirigentes e outros profissionais envolvidos no processo? E por que os dois times estão em crise no atual momento?

As dúvidas foram abrindo os caminhos para a produção de um projeto de pesquisa de maior fôlego, que traria para o campo de jogo ex-jogadores profissionais e dirigentes que estavam esquecidos pela história, mas que ficaram guardados no imaginário dos torcedores, que lembram de lances fabulosos produzidos pelos seus ídolos do passado.

Para a construção do projeto, era necessário expor as experiências daqueles homens e mulheres que contribuíram para a profissionalização do futebol campinense. Por isso, começamos um longo processo de identificar pessoas que participaram ativamente da estruturação dos times da cidade, entre eles, dirigentes, treinadores, ex-atletas e torcedores.

O futebol balançou tanto Campina Grande que, em pouco tempo, os jogos eram uma das grandes atrações da sociedade serrana. Milhares de pessoas saíam de suas casas para acompanhar os treinos, jogos e até os bastidores das suas equipes. Aqueles que não podiam comparecer às atividades do clube, ligavam o rádio e escutavam com amigos e familiares as narrações calorosas dos *matches*.¹

Na Rainha da Borborema, o futebol conseguiu ganhar todo esse destaque com a profissionalização das suas equipes. O Treze Futebol Clube foi a primeira equipe campinense a tornar-se profissional, organizar uma estrutura para os seus atletas e construir um estádio de futebol, diga-se de passagem, o único estádio privado da Paraíba, já que todos os outros pertencem ao governo estadual ou aos municípios.

¹ Palavra de origem inglesa, o seu significado corresponde a partida ou competição entre adversários. Esse termo, ainda é muito utilizado no Brasil pela imprensa esportiva ou pelos torcedores.

Em contrapartida, o Campinense Clube passou por um longo processo de debate político até sua profissionalização. A equipe cartola², como era mais conhecida, gozava do prestígio de ser um clube social voltado para as elites da cidade. Por isso, toda a década de 1950 foi travada por embates entre os conselheiros do clube, em especial, o Doutor Gilvam Barbosa, que juntamente com outros membros da elite da cidade, conseguiram profissionalizar a agremiação.

A transição do amadorismo para a profissionalização foi um marco importante para a história futebolística de Campina Grande, trazendo melhorias para o esporte local, como estruturação de estádios, criação de uma imprensa esportiva, além de movimentar a cidade nos dias de jogos, promovendo uma sociabilização entre os cidadãos.

Nosso objetivo nesta dissertação é analisar as experiências dos ex-atletas, treinadores e dirigentes para que, através das suas narrativas, possamos entender como ocorreu o processo de profissionalização dos clubes e dos jogadores. O recorte escolhido vai de 1960 até 1975, por se tratar de um período de ditadura militar, iremos mostrar como essa fase turbulenta da história do Brasil interferiu na administração da CBF e utilizou o futebol para construir uma imagem de um país forte, “unido” e em “desenvolvimento”. Além disso, não podemos deixar de falar dos atletas como um novo grupo de trabalhadores em formação, que assim como boa parte da população brasileira, foi atingida pela retirada de direitos promovida pelos militares.

Em 01 de abril de 1964, as forças golpistas (militares e empresários) celebravam o seu mais novo feito: a derrubada do presidente João Goulart e a intervenção militar no Brasil. A ditadura estava instalada e por longos vinte anos direitos democráticos foram anulados, a violência do estado ditava o modo de vida no país. Músicos, intelectuais, políticos, trabalhadores e líderes estudantis foram presos ou mortos, em nome da “democracia” e do anticomunismo.

O general Castello Branco se torna o primeiro ditador desse período. Tendo em vista que as forças populares iriam lutar pelo fim da ditadura militar e pelos direitos do povo, Castello Branco não perdeu tempo: formou um ministério composto por

² Cartola era o nome dado aos dirigentes e empresários do final do século XIX. Como eram homens de grupos aristocráticos, andavam com cartolas e bengalas. Essa denominação, permanece aos dirigentes brasileiros até hoje.

militares, baixou o ato institucional nº1 (AI-1), impondo o seu poder acima dos demais poderes e começou a repressão em nome de um suposto “perigo comunista” que se alastrava no Brasil.

Tomando medidas impopulares, a ditadura promoveu “arrochos salariais” e aumentou a carga tributária, prejudicando os grupos mais populares do país. Segundo, Guterman (2014), nem os jogadores profissionais de futebol escaparam do imposto de renda, “muita gente que não pagava Imposto de Renda, como os jogadores de futebol, passou a ser cobrada com vigor, inclusive alguns bicampeões do mundo, como Garrincha, Didi, Zagallo e Nilton Santos.”³

Mesmo cobrando impostos dos (ex) atletas profissionais, a ditadura começou a se utilizar do futebol para vincular a imagem da seleção brasileira com o governo sombrio dos militares. Essa prática não foi exclusiva da ditadura brasileira, por exemplo, na Segunda Guerra Mundial, o fascismo e nazismo se apropriaram das seleções nacionais. Mussolini, Franco e Hitler ameaçavam jogadores antes das partidas, promovendo o medo, a exclusão social e o regime fascista dentro e fora das “quatro linhas”.

Segundo o jornalista José Eduardo de Carvalho, a seleção italiana representava a nação e seus ideais de superioridade; por isso, Mussolini “fez a equipe italiana trocar a camisa azul tradicional, por um uniforme todo preto, a cor padrão do fascismo.”⁴

No Brasil, vinhetas, cartazes, propagandas e músicas aproximavam a ditadura da seleção de Pelé, Leão, Jair, Tostão, Rivelino, Carlos Alberto e tantos outros nomes que conseguiram ganhar o tricampeonato mundial de futebol no México. Essa relação, nos mostra como o futebol e a política caminham tão próximos, pois durante muito tempo era comum dizer que “futebol, política e religião não se misturam e nem se discute”.

Sentir, viver e, principalmente, pensar o futebol sempre foram atividades complexas. No início do século XX, os jornalistas, poetas e torcedores descreviam o

³ GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular no país**. São Paulo: Contexto, 2014. P.150.

⁴ CARVALHO, José Eduardo de. **Geopolítica**. São Paulo: SESI-SP editora, 2012. P. 48

sentimento envolvente do esporte, assim como o papel exercido por ele na sociedade. Torcer por um clube, identificar-se com sua torcida é uma das atividades mais intensas do mundo contemporâneo.

Quando o árbitro apita o início da partida, nesse momento, todos os olhos do estádio se voltam para o espetáculo e os torcedores “vão à loucura”. Jovens, crianças, mulheres e homens emitem suas vibrações para conseguir um objetivo em comum: vencer. Gritos, xingamentos, lágrimas e sorrisos fazem parte da composição sentimental desse momento. Uma partida de futebol altera os sentidos humanos de quem vive cada lance, afinal, como diz o jargão popular: “o futebol não é apenas um jogo.”

Segundo o sociólogo e jornalista Juca Kfourri, o futebol nos ensina a ganhar e a perder, talvez seja um dos maiores meios educativos e legados criados por esse esporte.

“ E só quem não tem a menor sensibilidade é capaz de dizer que a plateia do futebol é uma plateia de passivos. Porque ninguém me convence de que não fiz junto com Basílio aquele gol que libertou o Corinthians de vinte e dois anos sem Título; ninguém me convence de que não subi com Pelé na cabeçada que deu o primeiro gol contra a Itália, na Copa de 70; e que eu não estava junto com Taffarel, na defesa do pênalti, na Copa de 94. É aquela coisa de pensar que, se eu não estivesse lá, não aconteceria, ou só aconteceu porque eu estou aqui, para o bem ou para o mal” (KFOURI, 2000, p. 61)

Para o escritor uruguaio Eduardo Galeano, todo torcedor é um religioso, por mais que não acredite em Deus. No dia da partida, o torcedor inicia seus rituais sagrados, está envolvido em uma série de símbolos, perdendo a razão para ver seu time jogar. No dia do *match*,

“Ondulam bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não tem ateus exibe suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada. ” (GALEANO, 2012, p.14)

O campo de futebol, ainda é um dos espaços que consegue equalizar minimamente as diferenças classistas da sociedade. É comum que torcedores da elite ou da classe média, se misturem com os torcedores da geral para vibrarem juntos.

Mas em outros casos, a divisão social prevalece, pois “os ricos e famosos ocupam os melhores lugares, tribunas especiais e cadeiras especiais, restando aos mais pobres a conhecida geral, onde têm que assistir ao espetáculo de pé e com uma péssima visão do campo de jogo.”⁵

Mas como esse esporte se tornou uma das paixões mais alucinantes da sociedade contemporânea? E qual a importância dos operários nesse processo de profissionalização e difusão do futebol por todo mundo?

Criado pelos ingleses no século XIX, no seio da industrialização e expansão do capitalismo, o esporte se tornou uma febre nos cinco continentes e hoje movimentam milhões de pessoas que vivem diretamente ou indiretamente do futebol. Mas, durante um bom tempo, essa atividade foi considerada um lazer sério, por isso não poderia se tornar um produto dos capitalistas. Não durou muito e o esporte transformou-se em uma fábrica, onde a alegria das jogadas improvisadas acabou virando uma disciplina de força, rapidez, produção e pouca arte. Para Gramsci, o futebol é o espelho do sistema cruel capitalista, pois

“Observem uma partida de futebol: é um modelo da sociedade individualista. Nela se toma a iniciativa, mas essa é definida pela lei. As personalidades distinguem-se hierarquicamente, mas as distinções não ocorrem segundo o status, mas segundo as específicas capacidades de cada um. Há movimento, competição, luta, mas esses são regulados por uma lei não escrita que se chama “lealdade”, continuamente recordada pela presença do árbitro. Paisagem aberta, livre circulação de ar, pulmões sadios, músculos fortes, sempre voltados para a ação”. (GRAMSCI, 2004, P. 209/211)

Apesar de concordar em parte com o pensador marxista, acredito que o futebol, por muitas vezes, consegue quebrar a lógica individualista e mesquinha do capitalismo. A união, os valores de grupo e a possibilidade de fazer com que simbolicamente um oprimido vença um opressor são exemplos do que o futebol pode fazer.

No Brasil, assim como em boa parte do mundo, a chegada do esporte, segundo a historiografia tradicional, foi creditada às elites, que trataram de apresentar o novo jogo inglês, praticado pelos jovens burgueses, que restringiam a participação dos populares no futebol.

⁵CERRANO, Paulo César Rodrigues (org). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. P. 25.

Porém, o esporte sempre esteve ao lado das massas. Ainda na Inglaterra, a elite viu o futebol ser praticado por indivíduos das classes mais pobres, como operários, estudantes, imigrantes e artesãos que trataram de popularizar o lazer para o interior da Grã Bretanha e depois para fora do Império Britânico.

Para o historiador Hilário Franco Júnior, a lógica capitalista e cultural inglesa foi gradualmente se expandindo pela Europa e depois pelo continente latino americano, por isso

“Não foi casual que nesta região vários clubes tenham adotado nomes ingleses, na Argentina (Banfield, Boca Juniors, Newell’s Old Boys, River Plate, Vélez Sársfield), no Brasil (Arsenal do Mato Grosso, Corinthians de São Paulo, River do Piauí, Tranways de Pernambuco), no Chile (Everton, Green Cross, Wanderers), na Bolívia (The Strongest) ou no Peru (Sporting Cristal).” (FRANCO Jr, 2007, p.23)

Na América do Sul, os operários acompanharam a expansão do esporte, ajudando a difundir o futebol entre os populares; por isso, segundo o historiador social Miguel Stédile,

“...o futebol difunde-se neste continente em torno dos portos, ferrovias e fábricas instaladas pelos britânicos. Propagado por marinheiros, funcionários especializados ou professores das escolas britânicas, antes limitado às elites e clubes nacionais, foi gradualmente apropriado pelos trabalhadores.” (STÉDILE, 2015, p.20)

A participação dos trabalhadores transformou o esporte, que lentamente foi profissionalizado e tornou-se uma atividade lucrativa, não só para os trabalhadores que abraçaram a oportunidade de fugir das fábricas, mas para os patrões que enxergaram um modo de ganhar mais dinheiro.

Segundo o jornalista Mário Filho, a democratização do esporte e o profissionalismo “marrom” teve início no Brasil com The Bangu Athletic Club, fundado em 1904 por operários da indústria têxtil. Nessa equipe, os operários começaram a construir um grupo seletivo de operários-jogadores que recebiam alguns privilégios o

Operário que jogasse bem futebol, que garantisse um lugar no primeiro time, logo ia para a sala do pano. Trabalho mais leve. O operário-jogador, no dia do treino, recebia um ticket. Para apresentar no portão, para sair sem perder a hora de trabalho. O campo era o prolongamento da sala do pano, quem entrava na sala do pano só via jogador do primeiro time dobrando fazenda. Devagar, para não cansar, reservando suas energias para o treino. (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 84)

Esse profissionalismo “marrom”, como era conhecido no período, não apenas beneficiava os operários, mas também a fábrica que construía um “jogo de troca de favores” com os seus trabalhadores. Para ser um bom jogador, era necessário ser um bom operário, ou seja, estar submetido às normas disciplinares da fábrica. Não beber, não perder o horário, se dedicar ao trabalho e ao jogo; afinal, ao vestir a camisa do Bangu, o operário-jogador representava a sua fábrica, o seu trabalho.

A relação entre fábrica e futebol não é um fato que ocorreu apenas no Brasil. No final do século XIX, os operários ingleses fundaram clubes que nasceram dentro das fábricas. O West Ham, por exemplo, foi formado por trabalhadores nas empresas siderúrgicas, o Manchester United por ferroviários e o Arsenal, por trabalhadores da indústria armamentista.⁶

Porém, nem sempre os patrões tinham uma boa relação com os operários-jogadores. Os atritos começaram quando os operários passaram a trocar de fábrica para ingressar em outras equipes, onde receberiam melhores condições de trabalho e, logicamente, fariam parte do time daquela indústria. Esse movimento será fundamental para o início da profissionalização do esporte, tanto na Inglaterra como no Brasil; porém, no nosso caso, esse processo ocorreu tardiamente.

Os trinta primeiros anos do século XX no Brasil foram de popularização e crescimento do esporte, mas o debate envolvendo a profissionalização dos jogadores era delicado, principalmente por parte da elite “cartola” dos clubes; afinal, para essa classe, o jogador deveria atuar por amor à instituição, por amor à camisa.

Para alguns dirigentes, o futebol estava se tornando um bom negócio. As partidas eram lucrativas, principalmente nas bancas de apostas. Os jogadores que se destacavam ganhavam um “bicho”⁷, pois era necessário manter o *crack* no clube, pois se a premiação não fosse boa, o jogador mudava de time rapidamente. Essa relação conturbada entre jogadores e cartolas fez com que o profissionalismo fosse pensado

⁶ FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 35.

⁷ Premiação dada aos melhores jogadores, ou ao time que vence uma partida importante, como um clássico ou uma final. Essa premiação era oferecida por cartolas, empresários ou donos de “banca” do jogo do bicho.

não apenas por aqueles que faziam parte do cenário esportivo, mas pelo governo estadual e federal.

O esporte estava chamando a atenção das autoridades, principalmente por causa da forte participação dos negros no futebol. Em 1920, em uma expedição da seleção de *foot-ball* que representava o Brasil, ao chegar à Argentina, os jornalistas, políticos e torcedores ficaram “assustados” com o número de negros em um time. Os jornais da cidade no dia posterior exibiam uma foto de macacos representando os jogadores brasileiros.⁸

Outro fato que acirrava o debate eram os jogadores brancos que, em sua maioria, não queriam a profissionalização, pois boa parte pertencia a uma classe média alta do Rio de Janeiro, além de compor as diretorias dos clubes sociais. Por outro lado, estavam os negros, operários, que necessitavam de uma renda extra ou de uma promoção na fábrica para sobreviver. Para esses atletas “só há no mundo uma casa de diversões em que o palhaço não recebe: o campo de *foot-ball*.”⁹

Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, através de um golpe de estado, novas políticas foram adotadas. Um exemplo disso foi criação dos direitos trabalhistas e a sua consolidação. A profissionalização do futebol foi se tornando uma realidade. Obviamente, o governo fiscalizava os clubes e os jogadores, assim como supervisionava as fábricas e seus operários. Logo, era necessário examinar os contratos, pois

O Estado aceitava o profissionalismo, mas dentro de restritos limites impostos pelo poder público. A este cabia vigiar o funcionamento das entidades profissionais, com o objetivo de assegurar uma constante disciplina da organização do clube e dos seus dirigentes. (SOUZA, 2008, p. 95.)

Mesmo com o governo fiscalizando os contratos dos atletas profissionais, as condições de trabalho dos jogadores não eram as melhores, pois o clube detinha praticamente o atleta como um “escravo” da bola, o qual só poderia sair da equipe mediante a autorização do dirigente. Esse fato não era exclusivo dos atletas profissionais, mas de boa parte dos trabalhadores brasileiros que, apesar das

⁸ SOUZA, D. A. **O Brasil entra em Campo! Construções e reconstruções da identidade Nacional (1930- 1947)**. São Paulo: Annablume, 2008. P. 33.

⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947. P. 222.

mudanças trabalhistas, continuavam sendo submetidos a uma série limitações impostas pela elite.

Espanha e Itália possuíam as melhores condições de trabalho para um atleta profissional; por isso, muitos jogadores negros e pobres se transferiram para os principais clubes europeus na esperança de melhorar de vida e de fugir dos cartolas brasileiros ou das fábricas. Escola, moradia e segurança eram serviços proporcionados aos jogadores e suas famílias que aceitavam jogar nos países mencionados.

No Brasil, o atleta profissional por sua vez segue uma série de normas disciplinares, conduzidas pelo clube em que trabalha. Uma rotina composta por treinos físicos, repetição de jogadas e uma cartilha de proibições que um jogador de alto rendimento deve seguir. Afinal, para a elite que comandava os clubes, era necessário controlar o atleta, educar o profissional, pois

“Sem a “educação” feita pelos dirigentes, os aspectos irracionais se conservariam no jogador de futebol. Assim, o craque rebelde, o malandro, aquele que não queria ser “educado” por essa elite, que não queria que seus valores ou não queria permitir o controle sob sua vida privada era visto como uma ameaça ao bem de toda uma equipe, de toda uma seleção e, por que não, de toda uma nação.” (SOUZA, 2008, p. 96)

Preferindo assim continuar no amadorismo, onde a identidade clubista era mais forte, além de permitir que o atleta ficasse de fora de todas as regras impostas pelo clube. Festas em clubes sociais, bebedeiras, ausência em treinamentos e não obrigatoriedade em jogos, essa era a vida de um jogador amador, que desfilava nos gramados sua liberdade e seu prazer em jogar futebol. Para alguns atletas

“Nenhum jogador queria ser chamado de profissional, era uma afronta, mesmo para os que recebiam alguma forma de remuneração. O jogador branco tinha ainda mais receio. Ele tinha medo de perder a vida tranquila enquanto amador. Se ele se tornasse profissional, o clube já avisava que ele teria o mesmo tratamento de um empregado qualquer. Como amador, era ele quem fazia um favor ao clube, todos pedindo para ele participar de um match. Viver do clube era quase uma prostituição.” (SOUZA, 2008. P. 109)

Arthur Friedenreich e Heleno de Freitas eram exemplos de jogadores amadores que aproveitavam a boemia carioca e não tinham nenhum compromisso disciplinar com o futebol. Aliás, jogavam pelo simples prazer de exibir suas habilidades dentro

das quatro linhas. Ambos mestiços e de famílias ricas, não precisavam do futebol para sobreviver, mas eram amantes do esporte.

Os jogadores citados acima, eram ídolos em seus clubes, pois para o torcedor eles jogavam por “amor à camisa”, por afinidade pela instituição em que estava defendendo. Mas para o governo Vargas eram uma ameaça, afinal, o drible, a quebra do sistema tático, o improvisado, o individualismo, iam contra os objetivos da nação, pois era necessário criar uma identidade nacional, baseada na disciplina e no coletivismo, isso

“Para os ideólogos do período estava evidente a associação entre práticas desportivas e a construção da identidade nacional. Assim, era necessário neutralizar os modelos contrários ao pretendido, principalmente os do malandro e do subversivo. Com esse objetivo, os esportes desempenhavam uma dupla função: como parte integrante do projeto educacional e como forma de espetáculo cívico. Em ambos os aspectos o que ficava destacado era que a nação que se pretendia construir era calcada no ideal da disciplina.” (SOUZA, 2008. P. 98)

Nesse aspecto, a profissionalização contribuiu para que o Estado e as elites fiscalizassem a vida o jogador “malandro”, do trabalhador que fugia às normas da fábrica, ao modo explorador do capitalismo. Era necessário controlar o atleta dentro e fora do seu espaço de atuação, mas muitos jogadores resistiam a esse controle e batiam de frente com a classe patronal.

Leônidas da Silva era um desses jogadores. O “diamante negro” era um fenômeno dentro das quatro linhas, as jogadas “mágicas” de Leônidas transformaram o atleta em um mito do futebol. Pobre, negro e ex-operário, o jogador saiu das condições adversas para se tornar conhecido pelo mundo. Mas, fora dos gramados, os cartolas e o Estado achavam que o atleta era um verdadeiro problema para os interesses das elites.

Considerado pelas elites como indisciplinado, Leônidas conseguiu arranjar inimigos por onde passou. Nos clubes como América, Bom sucesso, Flamengo, Botafogo e São Paulo, os dirigentes chamavam o atleta de mercenário, por mudar de clube ao receber uma proposta salarial melhor, além de ser considerado “festeiro”, por viver em boates, repleto de mulheres e bebidas. Leônidas era um boêmio e não seguia a cartilha imposta a um jogador profissional.

Do outro lado, tínhamos um jogador considerado “exemplo” para os profissionais. Domingos da Guia, zagueiro de seleção brasileira, era um ex operário, que se tornou jogador graças à grande habilidade com os pés. Era um defensor diferenciado, pois não possuía características agressivas e sempre ao “roubar” a bola, tinha uma elegância invejável. Seguiu os horários propostos pelos clubes, não faltava a seus compromissos, não era visto em festas ou qualquer outro evento social. Domingos era um homem caseiro, com família formada e considerado jogador “exemplo”, por não “driblar” as regras impostas.¹⁰

Enquanto Domingos era considerado um bom profissional, Leônidas era o seu oposto, por isso, sempre levava dor de cabeça para os dirigentes de plantão. Esses dois exemplos, nos mostram os problemas enfrentados pela classe de trabalhadores ligados ao futebol. A profissionalização do futebol seguia os passos da profissionalização de qualquer trabalhador; ou seja, no Brasil, o funcionário era condicionado à disciplina, à exploração, humilhação e às péssimas condições de trabalho.

Por isso, se faz necessário analisar as experiências dos atletas profissionais, pois o seu cotidiano, seus valores culturais, suas tradições, estão além do ambiente de trabalho. A categoria (experiência) pensada pelo historiador marxista inglês Thompson entende que a história e suas categorias não são fixas, estáticas ou descoladas do meio social, como pensava Althusser, que propunha um “imperialismo teórico”. Para o pensador Louis Althusser, um dos propagadores do marxismo estruturalista,

“O objeto real e o objeto do conhecimento são duas coisas distintas. O objeto de que se trata na teoria não é o objeto real, mas o objeto do conhecimento. Portanto, este é reprodução exclusiva do pensamento, o que se opõe radicalmente à relação percebida por Thompson entre matéria e pensamento.” (MULLER, 2012, p.129)

Olhando atentamente, percebemos um engessamento da história e a não participação de homens e mulheres como compositores e construtores da sociedade, do saber histórico. Logo, pensar a experiência é fundamental para problematizar as

¹⁰ SOUZA, D. A. **O Brasil entra em Campo! Construções e reconstruções da identidade Nacional (1930- 1947)**. São Paulo: Annablume, 2008. P. 114.

relações entre os vários grupos sociais, no caso de Thompson, a classe operária inglesa e o seu fazer-se.

Para o historiador inglês, através das experiências teremos expressões culturais e políticas que fazem parte da consciência dos trabalhadores. Ao estudar a classe operária na Revolução Inglesa, Thompson propôs pensar os operários, suas organizações e peculiaridades, afinal, cada grupo possui um modo de agir e pensar. Por isso,

“Se determos a história num determinado ponto, não há classes, mas simplesmente uma multidão de indivíduos com um amontoado de experiências. Mas se examinarmos esses homens durante um período adequado de mudanças sociais, observaremos padrões em suas relações, suas ideias e instituições. A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história”. (THOMPSON, 1987, P.11)

No nosso caso, pensar as experiências dos jogadores profissionais é problematizar o fazer-se de um novo grupo de trabalhadores da cidade, além de refletir a própria vida humana destes indivíduos, que eram escanteados pela sociedade.

Sendo assim, através da

“Experiência os homens se tornam sujeitos, experimentam situações e relações produtivas como necessidades e interesses, como antagonismos. Eles tratam essa experiência em sua consciência e cultura e não apenas a introjetam. Ela não tem um carácter acumulativo. Ela é fundamentalmente qualitativa. ” (THOMPSON, 1981 apud GHON, 1997, p.204).

Thompson, na *A formação da classe operária inglesa*, já tinha apontado para o lazer dos trabalhadores, onde entre as bebedeiras e festividades estava também o futebol. Expondo a experiência desses homens e mulheres comuns, o pesquisador apresenta um sentido mais vivo para a história. Ao fazer isso, o historiador coloca em cena pessoas que foram “esquecidas” pelo debate historiográfico.

Nesse sentido, dar visibilidade a grupos ou pessoas que foram colocadas à margem do processo histórico é pensar a vida humana e suas dimensões históricas, seus valores culturais e sociais, o movimento da sociedade e de suas classes, mostrando que a história está em constante movimento e não engessada, fixa, como propunham alguns teóricos.

No Brasil, alguns historiadores contribuíram para pensar o futebol, apesar das dificuldades impostas no passado pela historiografia acadêmica. Boa parte dos que

pesquisaram essa temática, tem como base teórica o marxismo ou os estudos culturais.

Uma das pesquisas que são referências para os estudos sobre o futebol trabalha com a intenção de descrever a história do futebol como uma micro-história do mundo contemporâneo. Esse trabalho é produto de um curso de pós-graduação elaborado na USP, ministrado pelo historiador social Hilário Franco Júnior, o curso culminou com a produção de um livro, *A dança dos deuses: Futebol, sociedade e cultura (2007)*. Nessa extensa obra, o historiador percorre os principais momentos históricos do século XX no Brasil para mostrar como o futebol estava intrinsicamente ligado às principais transformações políticas, desde a República Velha até o processo de redemocratização do país.

Ainda nessa pesquisa, Hilário Franco apresenta a importância dos operários para a profissionalização das equipes, já que no início do século XX o futebol era um esporte popular entre os trabalhadores da indústria; logo, os debates travados envolvendo as questões trabalhistas também atingiram o esporte.

José Miguel Wisnik, em *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil (2008)*, faz um caminho parecido com o de Hilário Franco, mas faz análises mais enfáticas sobre o jogo. O professor de literatura expõe as aproximações entre o futebol, a poesia, a política, democracia e principalmente à cultura afro-brasileira. Por isso, o pesquisador também compõe o time de referências para do nosso trabalho.

No artigo de Fátima Martin Rodrigues, *O Futebol nas fábricas (1994)*, a socióloga procura compreender as relações entre o futebol, os jogadores e as fábricas do Rio de Janeiro e São Paulo, mostrando como os operários brasileiros ajudaram a propagar o esporte, além de terem colaborado para a profissionalização do futebol, através dos sindicatos. A autora ainda problematiza a transição do esporte burguês para os grupos mais populares da cidade. Esse artigo será importante para entender os primeiros anos do futebol no Brasil e como os sindicatos dos operários ajudaram na profissionalização.

No livro de Adriana Amorim, *Futebol x Teatro: rito, cena e dramaturgia do espetáculo futebolístico (2014)*, a pesquisadora em artes cênicas aproxima o futebol e o universo do mundo representativo teatral. Para a escritora, o esporte apresenta

semelhanças com a dramaturgia, apesar de não ser considerado uma arte. Esse trabalho é importante para pensar o limiar entre a prática esportiva e a arte no mundo moderno.

Para Carlos Eduardo B. Sarmiento, no livro, *A construção da Nação Canarinho: Uma história institucional da seleção brasileira de futebol (1914-1970)* (2013), a seleção brasileira foi escolhida como símbolo do país, ganhando aos poucos o torcedor brasileiro e servindo de produto para as estratégias políticas. O trabalho desse historiador será importante para o entendimento do nosso recorte histórico, já que o futebol foi utilizado pelos militares como símbolo de um país em “progresso”.

O historiador social Denado Alchorne de Souza, autor de *O Brasil entra em campo: Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)* escrito no ano de 2008, nos mostra como o futebol foi utilizado pelo Estado Novo para formar uma identidade nacional, unificando o país em prol do desenvolvimento. Outro ponto importante da obra é a participação dos negros operários no processo de profissionalização e como essa luta vai interferir no governo de Getúlio Vargas.

Nessa pesquisa, Denado Alchorne vai ter como base as teorias do historiador social inglês Edward P. Thompson, problematizando a cultura e as experiências dos jogadores profissionais e amadores do Rio de Janeiro. Para Thompson, quando nos remetemos à cultura dentro da experiência, devemos entender como foram aos poucos “encarnadas em tradições, sistema de valores, ideias e formas institucionais” (THOMPSON, 2011, pág.10). Ainda segundo o historiador inglês, a cultura é um meio de resistência, pois

“A cultura conservadora da plebe quase sempre resiste, em nome do costume, às racionalizações e inovações da economia (...) que os governantes, os comerciantes ou os empregadores querem impor. A inovação mais evidente na camada superior da sociedade, mas como ela não é um processo tecnológico/social neutro e sem normas (“modernização”, “racionalização”), mas sim a inovação do processo capitalista, é quase sempre experimentada pela plebe como uma exploração, a expropriação de direitos de usos costumeiros, ou a destruição violenta de padrões valorizados de trabalho e lazer.” (THOMPSON, 1998, pág. 19).

Ao procurar entender as relações sociais, as experiências e a cultura, Thompson coloca homens e mulheres como sujeitos da história sem estarem

prisioneiros a estruturas fixas e generalizantes¹¹. Por isso, sua contribuição teórica foi importante para o desenvolvimento da pesquisa de Denaldo Alchone, que revelou os modos de agir dos jogadores de futebol profissionais e amadores em um momento de transformação política e tensões sociais na década de 1930.

As experiências são construídas historicamente através das relações humanas, contextos sociais, culturais e políticos, por isso estão inseridas em um processo histórico. Esse referencial teórico nos ajudará a discutir como a profissionalização do futebol em Campina Grande foi estruturada e como era o cotidiano dos atletas nos clubes. Por isso, iremos nos valer da história oral, que cada vez mais se aproxima da história dos excluídos.¹²

Ao falar em pesquisas locais, destacamos a historiadora Giovanna Lopes Marques autora de *Quem nasce em Campina Grande é Campinense: Futebol e sociabilidade na “Rainha da Borborema” (1954-1965)* dissertação de mestrado apresentada no ano de 2011. Através dos conceitos de Benedict Anderson¹³, a autora problematiza como o Campinense Clube, clube aristocrático, vai se tornar uma das equipes de futebol mais populares de Campina Grande, além de ser um dos primeiros clubes a profissionalizar seus atletas.

Para a historiadora, pensar a popularização e a profissionalização de um clube de futebol nos oferece novas experiências sociais e culturais vividas pelos grupos que fizeram parte da composição do clube; afinal, o esporte não é só um espaço de harmonia, mas também de sociabilidades (tensões sociais) entre sujeitos. Essa pesquisa será essencial para percebermos como a profissionalização pode transformar um clube de futebol, sabendo que essa modificação vai causar debates entre os jogadores e os dirigentes.

A pesquisa do historiador Diogo Pimenta Pereira Leite, *Quem manda no futebol da Paraíba? Elites políticas e Estado Novo (1941-1947)*, mostra como as elites políticas se apropriaram do futebol durante o período varguista. Conseqüentemente, o autor apresenta o surgimento da Federação Paraibana de Futebol, a instituição mais

¹¹ THOMPSON, Edward. P. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, P. 226.

¹² AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. P. 14.

¹³ O conceito utilizado nessa pesquisa é o de comunidades imaginadas, onde ao considerar que as nações são “imaginadas”, elas formulam identidades, sentidos para a alma e constituem objetos de desejos.

importante do esporte paraibano e que, ainda hoje, possui uma relação conturbada com os times de Campina Grande.

Fora do eixo acadêmico, dialogamos com o livro escrito pelo professor Mario Vinicius Carneiro, intitulado *Treze futebol clube: 80 anos de história*. Nessa obra memorialista, o pesquisador expõe detalhadamente os primeiros oitenta anos de uma das agremiações esportivas de Campina Grande, desde sua fundação até o início dos anos 2000. Utilizamos este trabalho para pesquisa de datas, fatos e fotos, já que ele não apresenta um caráter historiográfico, mas sim um livro de memórias escrito por um torcedor.

Continuando, temos os trabalhos do ex-dirigente José Santos: *Futebol da Paraíba: dos bastidores ao gramado* e *Linhas e entrelinhas do futebol paraibano*, que abordam a participação do autor como gerente de futebol dos principais times da cidade serrana. Compostas de datas, fotos e memórias, as obras são importantes para entender as experiências profissionais de atletas e dirigentes, assim como fatos que ocorreram durante os períodos de 1968 até 1985; por isso, temos esse trabalho como um referencial importante para a pesquisa.

Para problematizar as experiências dos jogadores profissionais, escolhemos como fontes a história oral (entrevistas/depoimentos) e o jornal da época (Diário da Borborema), onde faremos um diálogo constante entre as duas fontes escolhidas.

A constituição das fontes por meio das narrativas aproxima o historiador das pessoas e principalmente da própria história. Afinal, obriga o pesquisador a sair da sua zona de conforto, dos escritórios, salas de aula, arquivos e embarcar nas memórias de sujeitos não acadêmicos, que fizeram parte, ao seu modo, das lutas cotidianas.

Os depoimentos orais são testemunhos de experiência e participação de homens e mulheres na história. Para o pesquisador Alfredo Bosi, “a linguagem se vale de uma tática toda sua para recortar, transpor e socializar as percepções e os sentimentos que o homem é capaz de experimentar”¹⁴. Por isso devemos lembrar que a fonte oral é mais uma fonte disponível para a pesquisa historiográfica; logo, deve

¹⁴BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 200. P. 29.

ser analisada e criticada no momento da pesquisa. Segundo o historiador Antônio Torres Montenegro

“A entrevista não se constitui como uma narrativa histórica e o depoente não constrói por meio da memória oral um relato histórico; é apenas um depoimento, uma entrevista, que não institui uma narrativa histórica com todas as suas implicações historiográficas, documentais, metodológicas e escriturais.” (MONTENEGRO, 2008, p.195)

Sendo assim, não devemos creditar a fonte oral como verdade, mas, como uma memória-testemunho que está inserida nas relações humanas. Assim como os documentos, devemos entender que a memória e a fala são repletas de contornos, esconderijos e silêncios, que podem produzir uma outra interpretação por parte do pesquisador. Por isso, o diálogo com outras fontes nos possibilita interpretar outras dimensões do processo histórico.

Para o historiador Bernardo Borges Buarque de Holanda, os jornais foram essenciais para o registro histórico do futebol no Brasil, além de expor o processo de reapropriação popular do esporte, por isso devemos

“Reconhecer os periódicos esportivos como atores sociais e como objetos autônomos para análise. Tais jornais são percebidos mais do que fontes neutras ou meios opacos para o colhimento de informações. Trata-se, sobre tudo de vê-los como um objeto de investigação em si próprio, de averiguar as suas condições materiais de existência, de perceber as características do tempo histórico em que vicejou e de reconhecer o papel ativo desempenhado pelos meios de comunicação, em particular pelo jornalismo esportivo, na construção do imaginário nacional.” (HOLLANDA, 2012, p.17)

O jornalismo esportivo entra em cena no início do século XX, tendo como objetivo impulsionar as práticas esportivas e relatar o cotidiano das agremiações futebolísticas. As crônicas esportivas detalhavam as partidas com um tom literário, afinal, os narradores eram escritores das cidades cariocas, Mario Filho, Nelson Rodrigues e José Lins do Rêgo, os quais ajudaram a popularizar o cotidiano dos clubes, fazendo com que o torcedor ou simpatizante vivenciasse a instituição dentro e fora das quatro linhas.

Porém, alguns jornalistas e literatos eram contra a popularização do futebol, acreditando que esse esporte seria um meio de imposição cultural estrangeira capitalista, além de aglomerar malandros e vagabundos, como pensava Rui Barbosa. Graciliano Ramos e Lima Barreto também eram contra o esporte Bretão. Acreditavam

que o futebol era um “modismo europeu”, principalmente Lima Barreto, que observava a grande adesão dos negros a essa prática esportiva criada por brancos.

Na cidade de Campina Grande, o Diário da Borborema, fundado em 1957, foi o primeiro jornal a criar uma seção destinada à crônica esportiva. No princípio, publicava pequenas colunas informativas sobre as partidas; com o passar do tempo, uma página com o cotidiano das equipes da cidade, principalmente Campinense e Treze, divulgando fatos como contratações de jogadores, treinadores e diretores, disputas políticas, tabela de jogos, classificação das equipes, sumulas das partidas, enfim, todo o dia-a-dia das agremiações.

Os seus cronistas possuíam uma grande habilidade na escrita e na narração dos jogos pelo rádio. Joselito Lucena, Josumá Viana e Humberto de Campos conseguiam imprimir nas crônicas e na voz o sentimento do torcedor; por isso o jornalismo esportivo atual da cidade tem uma grande influência desses “habilidosos” escritores da crônica esportiva.

Os textos eram escritos de forma dinâmica, como se o jornalista conversasse com o leitor. As “resenhas” tinham caráter intimista, um “bate papo” daqueles que envolvem um grupo de amigos em um tema polêmico. Essas conversas, existiram nas praças, cafés e bares de Campina Grande, em especial no calçadão, espaço que acolhe todos os dias centenas de pessoas, que debatem futebol, política e a vida campinense.

Essa forma de escrita, foi pensada por Nelson Rodrigues na coluna “Meu personagem da semana” no jornal Manchete esportiva¹⁵. Depois as reportagens foram estruturadas no formato do rádio.

“A ideia da estruturação das reportagens mostrando a vida pessoal de celebridades do rádio é transposta para os jogadores de futebol, a utilização de muitas fotografias e poucos textos entrecortados com entrevistas, além da presença marcante de propagandas de rádio.”
(HOLLANDA, 2012, P.131)

Essa formatação foi exposta nos jornais que tinham ligações com Assis Chateaubriand. Desse modo, o Diário da Borborema não era diferente, afinal, foi

¹⁵ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. MELO, Victor Andrade (orgs). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. P. 115.

fundado por esse grupo empresarial, que detinha boa parte dos principais grupos de comunicação do Brasil, agindo assim também na cidade de Campina Grande.

Porém, é necessário compreender que as crônicas esportivas e esse modelo de escrita e narração caminha entre as fronteiras dos reais e a supervalorização de personagens, transformando homens comuns em heróis. Para Stédile, “O excesso, as metáforas, a construção heroica, são características da crônica esportiva até os dias de hoje. Porém, não poucas vezes, o recurso literário encobre ou omite o fato, ou ainda, o supervaloriza.”¹⁶

Expondo a importância do Diário da Borborema para a divulgação do cotidiano dos jogadores de futebol, iremos rastrear nos arquivos de jornais do Diário da Borborema o contexto político e o cotidiano dos jogadores de futebol e suas equipes. Para tanto, pretendemos utilizar o método teórico metodológico proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, *o paradigma indiciário*. Nas palavras do historiador italiano, “nesse sentido, o historiador é comparável ao médico, que utiliza os dados nosográficos para analisar o mal específico de cada doente. E, como médico, o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural.” (GINZBURG, 1989, p.157.). Encontramos no método proposto por Ginzburg, a busca por indícios, onde através de uma investigação detetivesca¹⁷, iremos problematizar as questões propostas por nossa pesquisa.

As comparações produzidas pelo historiador italiano têm a finalidade chamar atenção do historiador para os mínimos detalhes da pesquisa historiográfica. Por gerações, os historiadores deixavam escapar as experiências dos homens e mulheres comuns, suas ações e relações com o mundo histórico. Porém, com as transformações metodologias e teorias propostas por alguns historiadores, como por exemplo, Marc Bloch, revelou aqueles que durante muito tempo foram marginalizados pelos cientistas sociais.

Aprender a “caçar, registrar, farejar, interpretar e classificar pistas”, é uma das operações mais complexas para os historiadores. É necessário, assim como Sherlock

¹⁶ STÉDILE, Miguel Enrique. **Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre**. Curitiba: Editora Prismas, 2015. P. 50.

¹⁷ Termo utilizado por Carlo Ginzburg, onde ele propõe uma investigação aos moldes de Sherlock Holmes, personagem da literatura inglesa criado por Arthur Conan Doyle.

Holmes e Watson, ter um olhar atento e cauteloso para as evidências deixadas pelos sujeitos históricos. Segundo o escritor português, José Saramago, em uma das suas obras, disse que

“O passado é um imenso pedregal que muitos gostariam de percorrer como se de uma auto- estrada se tratasse, enquanto outros, pacientemente, vão de pedra em pedra, e as levantam, porque precisam de saber o que há por baixo delas.” (SARAMAGO, 2008, p. 33)

Portanto, o historiador é aquele que pacientemente, com cuidado, levanta pedra por pedra, pois sabe que ali pode encontrar vestígios de um passado esquecido, por aqueles que acidentalmente ou propositalmente colocaram pedregulhos no local.

Perceber a história de um espaço reduzido, não é perder de vista o movimento da sociedade em que ele está inserido, mas ficar atento às experiências e problemas que passaram sem o olhar cauteloso do pesquisador. Para José D' Assunção

“O objeto de estudo do micro-historiador não precisa ser desta forma o espaço microrrecortado. Poder ser uma prática social específica, a trajetória de determinados atores sociais, um núcleo de representações, uma ocorrência (por exemplo um crime) ou qualquer outro aspecto que o historiador considere revelador em relação aos problemas sociais ou culturais que se dispôs a examinar. (...) A micro-história examina um campo ou um aspecto reduzido para enxergar mais longe – ou para perceber elementos que escapariam à macroperspectiva tradicional.” (BARROS, 2010, P. 153/154)

Por isso, pesquisar sobre a profissionalização dos jogadores de futebol da nossa cidade nos aproxima da história de Campina Grande, sem perder o elo com os movimentos políticos e sociais que ocorreram no Brasil e que, de uma forma ou de outra, refletiram na Rainha da Borborema.

Sendo assim, no primeiro capítulo da nossa dissertação, abordaremos como foi o processo de transição do amadorismo para o profissionalismo do Campinense e do Treze, as mudanças estruturais nos estádios e no departamento de futebol que afetaram os rumos dos clubes nos campeonatos estaduais.

Já no segundo momento, problematizaremos como a profissionalização dos clubes trouxe para a cidade de Campina Grande o protagonismo futebolístico almejado pelas elites, como eram as condições de trabalho dos jogadores profissionalizados e suas experiências como trabalhadores da bola.

Por fim, no terceiro capítulo abordaremos como aconteceu a transição dos ex-jogadores para outras categorias profissionais, como treinadores, assistentes técnicos e dirigentes. Também mostraremos o surgimento de jovens atletas, que apesar da crise econômica que afetou a cidade e o futebol, os clubes ainda conseguiram manter a hegemonia no certame estadual.

CAPÍTULO 1

1. O Brasil do progresso e das chuteiras

Canção do esporte

*Vindo de habitações cheias
 Das ruas escuras de cidades em conflito
 Vocês se encontram
 Para juntos lutar.
 E aprendem a vencer.
 Com os centavos da privação
 Compraram as canoas
 O dinheiro para o transporte
 Pouparam o alimento.
 Aprendam a vencer!
 Saindo da luta extenuante pelo necessário
 Por algumas horas
 Vocês se encontram
 Para juntos lutar.
 Aprendam a vencer! (Bertold Brecht)*

Antes do dia nascer, os operários levantam sem esperar o cantar do galo. Quase todos os dias, tomam café às pressas e partem para mais um dia de labor no mundo cinza das fábricas. O barulho das máquinas de ferro não incomoda mais, assim como a pressão do supervisor, que como um maestro orquestrava o ritmo da produção. Nos intervalos para as refeições, a conversa era a mesma: o futebol. As ferramentas perdiam espaço para os comentários esportivos de quem nunca foi treinador, mas entende cada passo para a vitória. O futebol para esses trabalhadores é a fuga da tortura cotidiana.

Quando a semana acaba, os bares e os campos de pelada ficam cheios. O espaço fechado e sufocante das fábricas é substituído por lugares abertos, onde o ar, a poeira e o sol trazem uma sensação de liberdade momentânea para o trabalhador. Não precisa percorrer toda Campina Grande para encontrar esse cenário, em quase todos os bairros, onde as construtoras não “comeram” os campos de pelada, essa paisagem é histórica.

Quase cem anos se passaram e o cenário descrito acima é, ainda, rotina nos finais de semana. Essa paisagem é atemporal, pois o futebol acompanha os vários momentos históricos do século XX da nossa cidade. Mas antes de adentrar no mundo futebolístico da Rainha da Borborema, iremos fazer um caminho de contextualização do progresso econômico, cultural e social vivenciado pelo Brasil e pela cidade dos anos 1930 até o final dos anos 1950.

Esse pequeno recorte, parte do momento da tomada do poder por Getúlio Vargas e da implantação das leis trabalhistas, que proporcionaram a profissionalização dos jogadores de futebol do Brasil, até o final dos anos 1950, com a gestão de Juscelino Kubitschek, quando a política desenvolvimentista gerou o progresso industrial de Campina Grande. Nesse mesmo período, as elites profissionalizaram os clubes da cidade: Campinense Clube e Treze Futebol Clube.

1.1. Getúlio Vargas e a profissionalização do futebol

A chegada de Getúlio Vargas ao poder, por meio de um golpe de Estado, trouxe um clima de instabilidade política ao país, principalmente para as oligarquias regionais, que acreditavam estar perdendo seu poder com a quebra da política do café com leite. Não demorou muito para que Getúlio transformasse o medo em realidade. Ao dissolver o congresso federal, o presidente ameaça o espaço de articulação das elites e, no primeiro momento, afasta o perigo de ser tornar um “fantoche” das oligarquias.

A astúcia do político gaúcho aproximou as forças oligárquicas do poder executivo. A manutenção de privilégios e de uma política feita para as elites, acalmou os ânimos dos coronéis, que aos poucos foram participando e apoiando Getúlio Vargas. As relações sociais no campo e na cidade não foram alteradas pelo presidente, apesar das mudanças trabalhistas que estavam sendo gestadas pelo novo governo; porém, a exploração, a opressão e o coronelismo foram mantidos, alimentando a velha máquina política.

Em 1933, as eleições constituintes modificaram a história do processo eleitoral brasileiro. Um pacote de mudanças, criado pelo governo Vargas, transformou o sistema de votação do país, que estabeleceu o voto secreto, o direito a voto para as

mulheres e a diminuição das fraudes eleitorais. Um ano depois, por escolha da Assembleia Constituinte, Getúlio foi eleito para administrar o Brasil até o ano de 1938.

A criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, impulsionou o país e atendeu aos pedidos da classe operária, que não possuía uma legislação específica e eram explorados pela classe patronal. O anúncio do descanso semanal, licença maternidade para mulheres gestantes, férias remuneradas, jornada de trabalho de oito horas e proibição do trabalhador menor de 14 anos, aproximou a classe trabalhadora do presidente, que em pouco tempo foi chamado de “pai dos pobres”.¹⁸

Mais uma vez, Getúlio fecha o Congresso Nacional, rasga a constituição e extingue temporariamente o poder dos governantes estaduais, assim como o Poder Legislativo. O Estado Novo surge com características fascistas, apesar de não ser considerado uma ditadura semelhante ao fascismo italiano. Porém, a repressão, a centralização política nas mãos do executivo e a censura mostram a face da ditadura varguista.

A imagem de protetor das classes mais pobres, escondia a face autoritarista de Getúlio, que expandiu os tentáculos da sua administração, atingindo os principais meios de comunicação da sociedade, principalmente o rádio. Era necessário controlar a produção musical da época, assim como o lazer dos populares; por isso, o samba e o futebol eram acompanhados de perto pelo presidente.

A criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), proporcionou o controle das manifestações artísticas e da liberdade de imprensa, silenciando os críticos do regime. Como foi dito anteriormente, o samba e o seu conteúdo “malandro”, foi fiscalizado pelo DIP, fazendo com que boa parte dos compositores modificassem ou criassem letras com apologia ao trabalho e ao nacionalismo.

Noel Rosa, de Vila Isabel, compôs um leque de canções que falavam do contexto histórico da época. No samba, “*Com que roupa?*”, o malandro promete “*mudar minha conduta, eu vou pra luta, pois eu quero me aprumar*”, deixando de lado a vida dedicada à vadiagem e orgia, combatida pelo governo.

¹⁸ CAMPOS, Flávio de. **A escrita da história**: ensino médio: volume único. São Paulo: Escala Educacional, 2005. P. 487.

Nesse mesmo período, os jogadores e os clubes de futebol formados por operários, como o The Bangu, começaram a questionar o amadorismo e a pressionar o governo, mostrando que os atletas representavam o país nas principais competições nacionais e internacionais com a seleção brasileira. Porém, não eram remunerados ou ganhavam apenas pequenas gratificações (bicho). Segundo o historiador Denaldo Alchorne de Souza,

Os jogadores começaram a ser recrutados das camadas mais pobres da população, com uma intensa participação de elementos negros e mestiços. As reivindicações por uma melhor remuneração cresceram. Todo o processo se consolidou com a profissionalização em 1933, quando no Rio de Janeiro, foi criada a Liga Carioca de Futebol. (SOUZA, 2008, p. 40)

Sabendo desse conflito existente entre trabalhadores e patrões, o “pai dos pobres”, interfere no esporte, aprovando a profissionalização das equipes e dos atletas de todo o Brasil, mas ambos regidos pelas leis trabalhistas criadas pelo governo. Essa modificação no futebol brasileiro vai dar um novo ritmo ao esporte, fazendo com que cada vez mais o futebol fosse abraçado pelas classes trabalhadoras.

Porém, os conflitos entre a adoção do profissionalismo do futebol e os partidários do amadorismo, como o presidente do Fluminense, Arnaldo Guilé, causou uma separação entre as equipes locais, gerando assim uma nova entidade organizadora do futebol a Liga Carioca de Futebol (LCF). Os partidários do amadorismo, fundaram a Federação Brasileira de Futebol (LBF), administrada por Guilé, que tinha a intenção de filiar outras federações estaduais e controlar o rumo da profissionalização, defendendo ainda sim o amadorismo, o “amor à camisa”.

Percebendo o tumulto causado pela profissionalização do futebol, o Estado Novo interferiu imediatamente. Nesse sentido, em 1936, Luís Aranha, um dos principais articuladores da Revolução de 1930, é eleito presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), a maior instituição de esportes do país.

Uma das principais medidas adotadas por Luís Aranha foi centralizar a instituição. Para ele

... quanto mais centralizada a sua administração, maior seria a possibilidade de uma gestão adequada das diferentes modalidades esportivas (...) A CBD deveria assumir o futebol profissional como padrão, reconhecendo as agremiações que haviam passado a operar sob seu registro, mas precisava também deixar claro, através das

distinções de gestão especializada, que o caso do futebol não deveria ser formado como marco regulador para todos os esportes. Algumas modalidades permaneceriam amadoras, enquanto o futebol, devido à constituição efetiva de um mercado internacional reconhecido pela FIFA, passaria a ser essencialmente uma modalidade desportiva profissional. (SARMENTO, 2013, P. 65/66)

Além de regulamentar a profissionalização do futebol, o Estado Novo aproximou-se das práticas esportivas. Uma das intenções de Getúlio Vargas era criar um brasileiro ideal, nacionalista, um *sportman*. Um homem disciplinado, bem preparado fisicamente e mentalmente para defender os ideais do país. Essa ação é característica dos governos autoritaristas, que têm como objetivo “unificar” a nação em torno de uma identidade nacional.

Apesar da profissionalização ser permitida e regulamentada pelo governo, ela ocorreu de forma lenta e gradual, acompanhado o ritmo econômico e político das várias regiões do país. Boa parte das capitais do sudeste e sul do Brasil acompanharam o ritmo do Rio de Janeiro e no final da década de 1930 começaram a profissionalizar os clubes.

Em João Pessoa, esse processo ocorreu com a organização de competições estaduais, que começaram no final dos anos 1940, já que os campeonatos anteriores organizados pela Liga Desportiva Paraibana (LDP), eram considerados amadores. O Botafogo, Auto Esporte, Cabo Branco, Santos e outra equipes litorâneas foram os primeiros times a disputar esses torneios.

Na Rainha da Borborema, os clubes passaram praticamente vinte anos para profissionalizar seus atletas, assim como para incorporar uma estrutura profissional. Mesmo com a Liga de Desportos Campinense (LDC) organizando e promovendo os campeonatos municipais, só no final dos anos de 1950 os principais clubes da cidade, Campinense e Treze, vão sistematizar a profissionalização das suas equipes, visando principalmente o campeonato paraibano e as competições nacionais.

A modernidade e o futebol em Campina Grande

Em meados da década de 1930, a cidade de Campina Grande seguia um ritmo de modernização diferente das outras cidades do Brasil, principalmente por alguns fenômenos que não eram vistos pela sociedade campinense. Um exemplo disso, são os efeitos causados pelas multidões nos centros urbanos. Amontoados de

trabalhadores, pobres e transeuntes que impressionavam as autoridades sulistas ao longo do dia.

Para o historiador Severino Cabral Filho, as mudanças da cidade apresentaram características diferentes, pois teremos espaços para objetos modernos e tradicionais.

“Nesta cidade as mudanças ocorreram e foram plenamente percebidas e vivenciadas; percebem-se claramente a emergência da transformação da paisagem urbana não apenas pelas modificações fisionômicas que Campina Grande ia experimentando, mas também pela presença de outros símbolos deste processo, no qual, por exemplo, caminhões e automóveis passam a disputar o espaço das ruas da cidade com animais de carga e com pedestres. Esse mescla remete a uma cadência diferenciada, mais lenta.” (CABRAL FILHO, 2009, P.45)

Essas transformações urbanas e culturais foram vivenciadas e sentidas pelos grupos sociais que compunham a cidade. Por exemplo, a destruição de casarões antigos, particulares, de famílias tradicionais da cidade, causou um verdadeiro atrito entre o poder público e as elites locais. Apesar de receberem as indenizações por parte da prefeitura, as demolições colocavam abaixo o valor sentimental daquelas habitações.

Algumas ruas e casebres também foram destruídos pelo prefeito, principalmente aquelas que se localizavam nas proximidades do centro da cidade, onde moravam pessoas pobres que foram expulsas das suas moradias e enxotadas para regiões distantes dos locais frequentados pelas elites.

Mas Campina Grande não viveu apenas de demolições. Alguns serviços essenciais para o desenvolvimento econômico e social da cidade foram implantados pelo prefeito, como o início da construção do açude de Vaca Brava, servindo para o abastecimento do município, inauguração do serviço de telefones automáticos e a rede de águas e esgotos.¹⁹

A modernidade também atingiu a sociabilidade dos cidadãos campinenses. A ampliação da Praça Clementino Procópio estendeu os espaços e possibilitou o divertimento daqueles que frequentavam o local. Já os clubes sociais incorporavam

¹⁹ LIMA, Damião de. **Campina Grande sob intervenção: a ditadura de 1964 e o fim do sonho regional/desenvolvimentista**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. P. 22.

os ideais da modernidade vivenciada pelos cidadãos, além de refletir as diferenças classistas da sociedade.

O Campinense Club, criado em 12 de abril de 1915, era o espaço de sociabilidade das elites e um dos maiores incorporadores do discurso moderno. Fundado pelas famílias tradicionais da cidade, como os Ribeiro, Albuquerque, Capiba e Figueiredo, o clube possuía altas mensalidades, excluindo a grande parte da sociedade campinense, afinal fora criado por uma elite branca, formada por bacharéis, “cartolas”, empresários e políticos que tinham influência em toda a Paraíba.

Segundo o historiador Antônio Clarindo Barbosa de Souza, o Campinense Club movimentava a vida social das elites locais, promovendo um verdadeiro encontro entre a classe alta da cidade.

“O Campinense Clube, também conhecido como “o mais aristocrático” ou ainda “o mais elegante”, era o mais “selecionado” e seletivo dos clubes. Tradicional clube das elites, vinha conduzindo e empolgando a vida social das mesmas desde os anos 20. Nos anos 50 e 60 era frequentado tanto pela sociedade tradicional, como pelo society. Seus sócios em geral frequentavam os outros clubes, enquanto que o contrário quase não ocorria, a não ser em momentos especiais quando se associava a outros clubes ou instituições para alguma promoção beneficente (...) A participação da juventude no Clube era bastante intensa, tendo inclusive uma diretoria jovem somente para atendê-los em suas reivindicações e promoções.” (SOUZA, 2002, p. 220)

Esse cenário proporcionava o encontro daqueles que gozavam do poder político que exerciam. Sendo assim, o Campinense Club era um espaço de articulação dos grupos políticos da cidade e do estado, servindo de termômetro para as campanhas eleitorais.

Mas o ambiente não servia apenas para conchavos políticos, pois algumas modalidades esportivas e dançantes eram oferecidas aos membros do clube. Natação, atletismo, Jazz, tango e Valsa eram praticados pelos jovens nos finais de semana, assim como aulas de etiqueta (comportamento) que orientavam os membros das altas classes a adquirirem uma conduta elitista.

As atividades físicas estavam além do lazer e da diversão. No início do século XX, principalmente na Primeira Guerra Mundial, os sentimentos de nacionalismo e de formação do cidadão brasileiro, incluíam uma educação disciplinar do corpo. Para o

governo, era necessário estimular as práticas esportivas e controlar os trabalhadores; afinal, a ociosidade era vista como um perigo pelas elites brasileiras.

Segundo Leonardo Affonso Pereira, esse discurso, voltado para a preservação do corpo e da mente da juventude elitizada, era um verdadeiro clamor à eugenia e a um novo modelo de organização social. Porém, esses fatores iam além da distinção, eram

“Mais do que a explicitação da diferença, tratava-se da definição da desigualdade, que daria aos jovens reunidos nos clubes esportivos em caráter hierarquicamente superior aos demais. Contando para isso com o decisivo apoio das teorias higiênicas, que definiam a superioridade dos indivíduos adeptos do exercício físico sobre o grosso da população brasileira.” (PEREIRA, 2000, p.62)

Segundo o historiador Eric Hobsbawm, a prática esportiva e principalmente o futebol facilitou para os estados nacionais a tentativa de criar um sentimento de nacionalismo e uma democracia social. Para o pesquisador “o indivíduo, mesmo aquele que torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação.”²⁰

As camadas sociais mais pobres também possuíam seus espaços de diversão e lazer. O Paulistano Esporte Clube e Clube dos Caçadores são exemplos desses locais. Principalmente o Paulistano, criado nas fronteiras dos bairros da Liberdade, Jardim Paulistano e São José nos anos de 1920. Esses locais citados foram formados por operários que trabalhavam nas fábricas da região, especialmente na SANBRA (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro).²¹

Os clubes sociais mais populares também possuíam seus modos de diversão. Danças, músicas, festas, práticas esportivas, concursos e outros lazeres que apresentavam à sociedade campinense o modo de viver dos trabalhadores. Segundo o historiador Antônio Clarindo Barbosa, o Paulistano (Patativa)

“Promovia desde os anos 40 animados bailes de Carnaval em sua sede social na Rua Major Belmiro, no bairro do São José. Moças e rapazes frequentavam o Clube em busca de diversão nos bailes que eram amplamente divulgados pelos alto-falantes existentes nos bairros. Além das festas de Carnaval, o clube Paulistano promovia o famoso “Baile da Primavera”, que ocorria desde o começo dos anos 50, sempre nos meses de setembro ou outubro. Durante a soirrée,

²⁰ HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. P. 171.

²¹ A empresa SANBRA era responsável pela comercialização de produtos oriundos do algodão, agave e outros produtos da região. Para mais informações pesquisar no site cgretalhos.blogspot.com.br.

havia a realização de brincadeiras e sorteios de brindes, com concurso destinado a premiar a melhor “toilette” das “senhorinhas” presentes. Neste aspecto, o Paulistano tentava se nivelar com os clubes societies, mostrando que a classe média e os trabalhadores também sabiam frequentar os salões de um clube sem necessariamente se envolverem em arruaças. Esta era a forma de aparecer nos jornais sem ser apenas na página das matérias policiais.” (SOUZA, 2002, P. 242)

Uma das principais atividades esportivas praticadas pelos populares em Campina Grande era o futebol. O Paulistano Esporte Clube (patativa) e o Treze Futebol Clube eram duas agremiações esportivas que promoviam o esporte amador. Antes disso, o Campinense Club teve, em 1919, uma rápida experiência futebolística amadora com jovens membros da elite; porém, os embates com o Esporte Clube América acabavam virando caso de polícia, já que o futebol terminava em pancadaria. Isso fez com que os principais diretores do Campinense Club suspendessem suas atividades futebolísticas por longos trinta e quatro anos.

Para os aristocráticos, como eram conhecidos os dirigentes do clube “cartola”, o futebol, apesar de ser um esporte inglês, ainda estava muito vinculado à violência e brutalidade dos populares que aqui praticavam essa modalidade. Para a historiadora Giovanna Marques,

“Os clubes sociais, que aderiam as práticas esportivas, “incorporavam os preconceitos verificados na própria sociedade, alguns não aceitavam negros, outros não aceitavam pobres e analfabetos, muitas associações tentaram estabelecer em seus círculos fechados um espaço diferenciado em relação aos populares, terminando assim por proibir as práticas futebolísticas” (MARQUES, 2011, P. 35)

Os espaços de diversão também eram espaços de exclusão social. Afinal, o lazer não estava separado do contexto histórico e social em que os clubes estavam inseridos. Sendo assim, como o Campinense Club era formado pela elite branca e excludente de Campina Grande, era comum que o “*hight society*” não se misturasse com os populares da cidade.

Essas tensões entre as elites locais, populares e trabalhadores, estão refletidas em todos os setores da sociedade. Como futebol não está descolado dessa realidade social, esses embates foram ganhando o campo simbólico, por isso acreditamos que esses conflitos fizeram nascer uma das maiores rivalidades da Paraíba, Campinense e Treze. Devemos lembrar que as rivalidades futebolísticas são presentes em diversas

nações, carregando traços semelhantes, como diferenças políticas, desigualdades sociais, religiosas, bairristas e raciais.

Para o sociólogo Richard Giulianotti, a rivalidade é histórica e enraizada na sociedade, além disso serve para fortalecer as oposições. “As partidas de futebol envolvem dois times que representam identidades geográficas e culturais específicas. Conseqüentemente, essas partidas deram origem às mais potentes expressões de oposição binária dentro do esporte.”²²

Um dos grandes representantes dessa rivalidade em Campina Grande, o Treze Futebol Clube, foi fundado em 1925, no dia em que se comemorava a Independência do Brasil. Membros do antigo *team* do Esporte Clube América, entidade futebolística amadora da cidade, acabaram fundando um dos clubes mais populares de Campina Grande que ficou conhecido como o *Galo da Borborema*.

A primeira reunião que deu origem ao clube alvinegro ocorreu no Clube dos Comerciantes, onde a elite comerciante e política da cidade organizava e encaminhava os rumos da economia local. Depois, os fundadores foram na casa de Antônio “Bióca”, na rua Irineu Joffily e fundaram oficialmente o Treze Futebol Clube.

A instituição futebolística carrega esse nome em homenagem aos seus treze precursores²³, pois apesar de estar inserida num bairro formado por operários (São José) e de se tornar simbolicamente o “time do povo”, tinha como fundadores da equipe galista membros da classe média de Campina Grande, principalmente Antônio Bióca, jovem estudante que ajudou na popularização do futebol na Rainha da Borborema.

O Galo da Borborema foi importante para a democratização do futebol na cidade, especialmente quando se mudou para o bairro do São José, conseguindo assim mais simpatizantes. A participação de populares, trabalhadores e negros incorporados ao quadro futebolístico, possibilitou o crescimento do clube, formando a

²² GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010. P. 26.

²³ O Treze Futebol Clube foi fundado pelas seguintes pessoas: José de Castro, Antônio Bióca, José Eloy, Amélio Leite, Plácido Veras, José Sodré, Zacarias Ribeiro, José Rodolfo, Olívio Barreto, José Casado, Alberto Santos, Osmino Lima e Luiz Gomes. Para mais informações ver: MEDEIROS, Mario Vinicius Carneiro. **Treze Futebol Clube: 80 anos de história**. João Pessoa: União, 2006.

sua torcida alvinegra que rapidamente cresce, fazendo com que o Treze se torne um dos maiores clubes do estado.

A política nacional e estadual interferiu nas atividades do clube alvinegro, que em 1930 ficou momentaneamente desativado. O principal motivo elencado pelo historiador Mario Vinícius Carneiro (2006) foi a tensão política vivida na Paraíba com o assassinato do presidente João Pessoa, assim como a chegada de Getúlio Vargas ao poder, que causou um clima de instabilidade entre as elites locais.

Para o pesquisador, o clima gerado em toda Paraíba fez com que os dirigentes e jogadores acabassem por suspender temporariamente os jogos, afinal, era necessário garantir a segurança do público, que naquele momento estavam em um “suposto” perigo, pois o

Clima de tensão em que estava envolvida a cidade, em fevereiro daquele ano, em frente ao Grêmio Renascença, houve provocações de um “perrepista” (adepto do Partido Republicano Paulista) em um comício dos partidários da Aliança Liberal. No mês de maio, uma fábrica de munições e explosivos foi pelos ares no alto do Monte Santo, matando várias pessoas e chocando a cidade. (MEDEIROS, 2006, p. 56)

Apesar das tensões políticas, a Liga de Desportos Campinense continuou promovendo os torneios amadores municipais. “O Palestra Itália, Palmeiras, Humaitá, América, Paulistano e o Centro Atlético Campinense (CAC), este último, no dizer do povo “time dos jogadores do Treze”, uma vez que grande parte dos atletas galistas filiara-se a ele.”²⁴, participavam dessas competições, mas com a intenção de promover e democratizar o esporte Bretão.

Em 1936, o clube galista reativa suas atividades, voltando aos gramados campinenses e participando dos torneios municipais. Nesse momento, seus gestores começaram a pleitear um palco para os jogos da equipe, um estádio para suas apresentações.

A ideia de construir uma casa para o Treze faz parte dos ideais de modernização abraçados pelos grupos sociais de Campina Grande. Na capital paraibana, por exemplo, nenhuma equipe possuía um estádio próprio para as suas atividades futebolísticas, o estádio da Graça foi construído em 1944 e o estádio

²⁴ Idem. P .58.

Governador José Américo de Almeida, o “Almeidão”, inaugurado em 1975; logo, foi o palco galista o primeiro estádio da Paraíba.

Esse fato foi importante para a profissionalização do clube, que começa a entender o futebol como uma atividade profissional, um espetáculo, e não apenas como uma prática de lazer. A construção de um estádio gera alguns fatores, tais como: a estruturação do departamento de futebol, a manutenção e desenvolvimento do patrimônio físico e a cobrança de ingressos, que produz um capital econômico dirigido à instituição. Tais fatores são determinantes para os primeiros passos do Treze rumo ao profissionalismo.

1.2 – O palco do lazer e do trabalho: A construção da casa do “Galo”.

Em 1938, os diretores do alvinegro, liderados por Bióca, começam a negociar com o Interventor Federal do Estado, Argemiro de Figueirêdo. O objetivo da diretoria era o fornecimento de verbas para a construção de um estádio que sediaría os jogos do Treze. O Interventor, que tinha ligações com alguns membros das elites políticas de Campina Grande, prontamente liberou verbas para a compra de um terreno no São José, onde foi construída a “casa” trezeana, o palco do lazer e do trabalho.

Nesse momento, fortalecemos nossa ideia de que mesmo sendo um clube construído socialmente para populares, o Treze foi fundado por membros da classe alta e média da cidade. Esse fator facilitou o acesso ao político Argemiro de Figueirêdo, que com verbas públicas aceitou comprar o terreno e edificar o estádio para uma entidade privada. Isso fortaleceu o apoio das elites campinenses ao Interventor do Estado.

Em março de 1939, em visita à Rainha da Borborema, Argemiro de Figueirêdo, realizou reuniões com as elites da cidade com a intenção de reiterar o apoio de Getúlio Vargas ao desenvolvimento da economia nacional e progresso do município. Neste mesmo dia, fiscaliza a construção da casa galista e pede que o estádio seja chamado “Presidente Vargas”, aproximando a imagem do político ao lazer dos populares. Na fotografia abaixo, temos entrada principal do “PV” no ano da sua inauguração em 1940.



1940-Entrada do Estádio Presidente Vargas na rua Pedro I

Foto 1: Entrada principal do Estádio Presidente Vargas.

Fonte:cgretalhosblogsport.com.

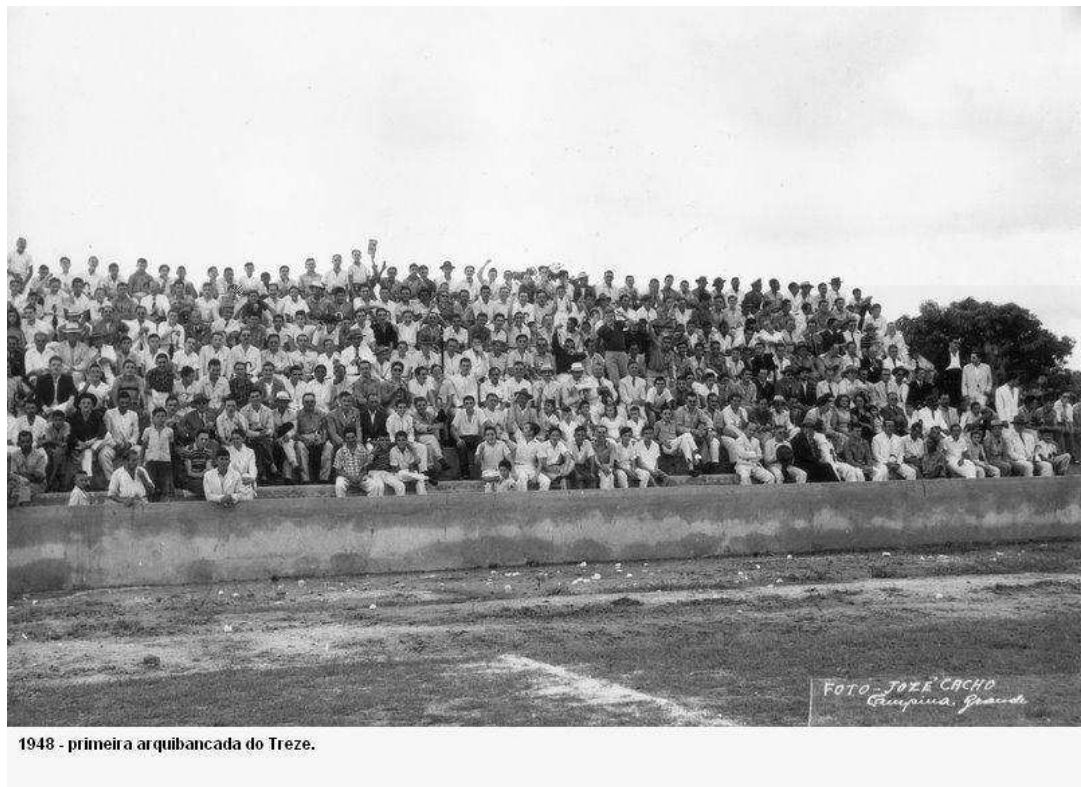
A construção do Presidente Vargas acontece paralelamente à construção de outros estádios da Europa, ambos, curiosamente, apresentando as mesmas características, pois

“Os campos de propriedade privada ou aqueles em cidades menores que tendem a ser mais voltadas para o futebol tinham a forma retangular e, inicialmente, foram construídos aos poucos (tais como os de Eindhoven, St. Etienne, Bruxelas). No sul da Europa, grandes estádios foram tipicamente erguidos durante períodos de ditadura política, quando os espaços públicos eram constituídos para gerar sentimentos nacionalistas.” (GIULIANOTTI, 2010, p. 92)

O Presidente Vargas em Campina Grande (1940), o Pacaembu em São Paulo (1940) e o Santiago Bernabéu na Espanha (1944), foram todos construídos por governos ditadores. Essa parceria público-privada beneficiava principalmente as elites, que juntamente com o Estado tentavam a todo custo controlar o lazer dos populares.

Não demorou muito para que a construção do “PV” gerasse frutos. Ainda em 1940, o time do São José consegue o tão sonhado título estadual e no ano seguinte o bicampeonato, consolidando a equipe no cenário esportivo.

A construção de um lance de arquibancadas, no final dos anos 1940, proporcionou um maior conforto aos torcedores do alvinegro, assim como maior participação da sociedade nos jogos do clube. Na imagem a seguir, temos a inauguração do primeiro lance de arquibancadas do estádio.



1948 - primeira arquibancada do Treze.

Foto 2: Primeira arquibancada do Presidente Vargas.

Fonte: cgretlahosblogsport.com.

Podemos observar um bom número de torcedores acompanhando os jogos da equipe galista. Nas primeiras filas, é comum a presença de membros da diretoria e da elite campinense; na segunda fileira ao lado direito, temos a presença de mulheres assistindo à partida, quebrando a ideia de que o espaço futebolístico é exclusivamente masculino.

Na próxima fotografia, podemos observar a presença de populares e membros da elite da cidade, mostrando que em alguns momentos o esporte tem capacidade de reunir pessoas de diferentes classes sociais.



1949 - Barreira do PV. Ficava onde hoje está a "curva do strvaco", na arquibancada sombra.

Foto 3: Barreira improvisada como arquibancada por torcedores.

Fonte: cgretalhos.blogspot.com

Segundo o pesquisador Mario Vinícius, por muitos anos essa barreira serviu como arquibancada por trás do gol, perto da entrada do estádio. Algumas vestes e a descontração dos torcedores mostram homens de diferentes grupos sociais assistindo ao jogo do Treze.

Para alguns pesquisadores das ciências humanas, como Roberto DaMatta e Nicolau Sevcenko, o estádio de futebol é um espaço de igualdade social, já que simbolicamente todos anseiam o mesmo objetivo: vencer. Segundo o historiador Nicolau Sevcenko, não existem diferenças em um estádio, pois

“Num estádio, ninguém mais é João ou José, pedreiro ou historiador, com contas a pagar, briga na família ou disputa com o empregador. No estádio, pela transmissão e repercussão da mídia, uma nação surge, vibra e luta por noventa minutos, mais descontos.”
(SEVCENKO, 1994, P.36)

Conforme DaMatta, o espetáculo futebolístico no estádio consegue aplicar as normas do jogo para todas as etnias e classes sociais, fazendo com que exista momentaneamente uma nação unida, coesa e sem atritos; por isso, segundo o autor

“O futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e da justiça social. Pois, produzindo um espetáculo complexo, mas governado por regras simples que todos conhecem, o futebol refirma simbolicamente que o melhor, o mais capaz e o que tem mais mérito pode efetivamente vencer.” (DAMATTA, 1994, p. 17)

Acreditamos que apesar de ser um aglutinador de multidões e símbolo da modernização do futebol, os estádios também são espaços de exclusão social e demonstração de poder político e econômico. Para isso, basta analisar as divisões físicas e espaciais do palco esportivo, que simbolizam os valores econômicos e sociais e que, assim como a sociedade, são excludentes. Para Denaldo Alchorne de Souza

“Os da arquibancada irão ver o jogo de um ângulo mais favorável, de cima para baixo. Os da geral, os mais pobres, irão ver – talvez nem isso – o jogo do ângulo de baixo, com inúmeras pessoas como os gandulas, jornalistas e dirigentes atrapalhando a visão. Os das cadeiras especiais, onde se concentram os mais abastados e os convidados, irão ver a partida em locais confortáveis, com uma visão privilegiada e, muitas vezes, com um atendimento personalizado.” (SOUZA, 2008, p. 24)

Essa análise expõe a realidade dos estádios brasileiros, mostrando que assim como a sociedade, esses locais de diversão são também demonstrações de controle e marginalização dos mais pobres. Enquanto as elites brindam as vitórias das equipes e suas conquistas pessoais, voltando para casa tranquilamente em seus automóveis, os populares assistem ao jogo debaixo de um sol castigante, amontoados e cercados pela polícia, fugindo de brigas, voltando para casa de transporte público, sem qualidade e enfrentando os perigos da cidade, tudo isso para ver seu time entrar em campo.

É comum no meio futebolístico que um clube seja formado por uma determinada classe social e depois seja apropriado por outra, pois o futebol não é dependente de um determinado grupo, e uma vez inserido em uma dinâmica social e em contextos históricos, pode sofrer influências variadas, principalmente de ordem econômica e classista.

Equipes como Manchester United, Barcelona, Boca Juniors, Corinthians, Internacional de Porto Alegre, Bangu, Vasco e Treze, possuem um passado voltado para a democratização da prática esportiva, já que pessoas pobres, trabalhadores, negros e imigrantes participavam das atividades físicas dessas entidades. No entanto, no decorrer da história, foram apropriados por classes elitizadas e pela ordem

capitalista. Obviamente, isso não apaga a contribuição que esses clubes deram a popularização do futebol, mas nos revela que seja qual for o clube e a sua força dentro do cenário esportivo, a instituição não é maior do que a sociedade em que ela está inserida.

A “burguesificação” do futebol ou a participação dos membros da elite, acompanha outros modos de lazer dos populares. Para as classes dominantes era necessário observar de perto os trabalhadores fora das fábricas, principalmente em atividades de aglutinação, como o futebol, pois era o encontro entre operários, onde suas experiências trabalhistas eram compartilhadas e novas formas de resistência germinavam nesses momentos de descontração.

No início de 1950, as elites que faziam parte da diretoria alvinegra decidem adotar a profissionalização dos atletas trezeanos. Jovens garotos de origem pobre, assinaram seus primeiros contratos, entre eles estavam o jogador “Arrupiado”, que foi um dos primeiros a “fechar” com o clube. Para o comando fora das quatro linhas, o contratado foi treinador gaúcho Álvaro Barbosa. Outro profissional incorporado aos quadros do Treze foi o técnico/empresário e gestor Janos Tatrai, mais conhecido como “gringo”. Tatrai era responsável pelo intercambio de jogadores e equipes, movimentando o mercado da bola no Nordeste.

O “gringo”, rodou o mundo e treinou várias equipes até chegar ao Brasil. Segundo o próprio Tatrai, este prestou seus serviços ao conhecido Linz da Áustria, Renault – França e Bangu – Rio de Janeiro, até chegar em solo paraibano. Em uma entrevista ao Diário da Borborema, o técnico conta um pouco da sua trajetória, descrevendo como tudo começou nos anos de

“... em 46 e 47, em Tyrol, na Áustria, fui instrutor da seleção militar francesa que ocupava parte do território austríaco, dividido em quatro partes pelas forças de libertação. (...) fui assessor técnico do Renault, da segunda divisão francesa. Finalmente, nos fins de 48, tomei novo rumo: América Latina. Estive na Argentina, Chile, Paraguai, etc. Neste último, pude ser aproveitado como membro de uma comissão da Federação Paraguaia, travando conhecimentos para mim, e o necessário entrosamento com o soccer latino. Finalmente em 1953, dirigi-me ao Brasil. (Diário da Borborema, 13 de outubro de 1964)

Toda a “bagagem” adquirida por Tatrai o fez ser disputado por vários clubes do Sudeste e do Nordeste brasileiro. Naquele momento, a escola de futebol Húngaro estava em alta, pois na década de 1950 a seleção Húngara de futebol encantou o

mundo com sua disciplina e criatividade, chegando a ganhar a medalha de ouro na Olimpíadas e o vice-campeonato da Copa do Mundo de 1954. Jogadores como Puskás, Grosics, Czibor, Budai e o treinador Gustáv Sebes eram companheiros de Tatrai, já que todos eram militares e se conheceram nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial. O “gringo”, inclusive virou amigo de Puskás, visitando o atleta quando este já era um nome famoso no Real Madri da Espanha.

Por isso, Janos Tatrai era visto como um dos divulgadores do novo jeito de jogar futebol, conseqüentemente era um homem disputado por alguns times brasileiros. Naquele período, o treinador aceitou treinar o Auto Esporte e depois o Botafogo, sendo, por esse último, campeão estadual. Porém, foi pela atuação nos times de Campina Grande que o “gringo” se destacou.

Na sua atuação junto ao Treze, fez da equipe um dos times a serem batidos na cidade, ganhando jogos amistosos e o campeonato municipal organizado pela LDC. Anos depois foi contratado pelo Campinense para organizar a estrutura do futebol profissional do clube, além de agenciar vários jogadores para a equipe cartola.

Apesar de fechar os primeiros contratos com os atletas, a estrutura do departamento de futebol ainda continuava ligada ao amadorismo; ou seja, a presença de preparadores físicos, médicos, psicólogos, odontólogos e boas condições de trabalho, não foram implantadas de imediato, só no final dos anos 1950, com o progresso econômico da cidade e a entrada do Campinense Clube no futebol, é que a diretoria galista vai estruturar adequadamente a sua instituição.

1.3 – Campina respira futebol: A reativação do futebol do Campinense Clube

Na década de 1950, Campina Grande ganhava destaque como uma das cidades com maior crescimento industrial do Nordeste, ultrapassando a capital paraibana em número de indústrias e operários. Segundo o historiador Damião de Lima

Em 1955, a cidade já contava com 71 estabelecimentos com mais de 05 operários, totalizando nestes estabelecimentos 1.970 operários. Destacava-se a indústria têxtil com 08 estabelecimentos, 693 operários e 45% do valor da produção, tendo como principal sub-ramo o beneficiamento do algodão e fabricação de redes, sacos de fios, etc. (LIMA, 2012, P.29)

A cidade ganhava cada vez mais destaque no cenário nordestino. Em meio ao caos vivido por boa parte das cidades nordestinas, esquecidas pelo poder público e destroçadas pela seca, a Rainha da Borborema crescia rapidamente, tornando-se uma das maiores cidades do interior brasileiro. As elites locais comemoravam o crescimento econômico do município e planejavam acompanhar as mudanças propostas pelo governo de Juscelino Kubitschek, que tinha como Plano de Metas desenvolver o setor de transporte, alimentação, energia e indústria de base, promovendo o desenvolvimento do Brasil com a ajuda do capital internacional.

O desenvolvimentismo dava continuidade à política econômica e industrial de Getúlio Vargas, mas com uma nova roupagem, um novo ritmo, como a bossa nova. Afinado com o novo estilo musical, Juscelino abriu as portas do país para o capital externo, instalando empresas multinacionais no Brasil. Indústrias automobilistas, eletroeletrônicas e farmacêuticas são exemplos da diversidade industrial produzida. Mesmo assim, o crescimento e modernização do país contrastavam com os problemas sociais na cidade e no campo. A fome, a pobreza, falta de emprego e moradia não estavam na cartilha da bossa nova que, como o presidente, tocava o país para a elite.

Seguindo o ritmo federal, mas com uma afinação diferente, os políticos campinenses queriam aumentar ainda mais o desenvolvimento da cidade, tornando o município mais industrializado. Essa política tinha como objetivo promover a infraestrutura e crescimento da região, antigo anseio das elites serranas.

Com a criação da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) em 1959, as expectativas aumentaram, pois a instituição tinha como objetivo estimular o crescimento econômico da região Nordeste. Em meio às promessas do Governo Federal, as elites campinenses começaram as articulações, visando conseguir investimentos para a cidade através da União.

Acompanhando o crescimento econômico da cidade, os clubes de futebol já estavam estruturando a profissionalização dos seus departamentos. Agora, não estamos falando apenas de uma única instituição, no caso, do Treze, mas sim da reativação do departamento de futebol do Campinense Clube, que causou um verdadeiro debate na cidade.

Os aristocratas entram em campo

No final de 1955, o doutor Gilvam Barbosa, presidente do conselho deliberativo do Campinense Club, teve a ideia de reativar a equipe futebolística do aristocrático clube, promovendo a prática esportiva entre os jovens da elite. Durante esse período, foi criado o Centro Esportivo Campinense Clube (CECC) que promovia práticas esportivas de várias modalidades, como basquete ball, vôlei ball, tênis, futsal e natação. A sede social do clube cartola era localizada nas proximidades da praça Coronel Antônio Pessoa, ponto de encontro dos jovens da cidade.

Até aquele momento, as elites que compunham o clube já tinham deixado de lado a concepção de violência ligada ao futebol, afinal a cidade vivia um outro momento cultural, diferente da década de 1910, onde os jogos normalmente viravam caso de polícia.

Não demorou muito para que o departamento de futebol começasse a ganhar destaque. Em um curto período, de 1955 a 1958, a equipe cartola seguia promovendo seletivas para descobrir jovens jogadores de futebol. Essa ação não era exclusividade do Campinense, mas também da equipe galista. As atividades, movimentavam a cidade e suas redondezas. Segundo os relatos do ex-atleta e dirigente Lamir Mota;

“Eu fui atleta do Campinense, jogando de quarto zagueiro amador, Luís Mário de Rezende de goleiro e tinham muitas pessoas aqui que jogaram no Campinense Clube. E o Campinense tornou-se, então, uma atração muito grande, um celeiro e nós fazíamos...o Treze também fazia na época, treinamentos para descobrir valores novos e vinham jogadores do interior da Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco...até do Ceará veio. Então, começou a revelar jogadores, foi quando começou a criar o futebol profissional. ” (MOTA, 2017)

Em seu primeiro ano, os jovens aristocratas conseguiram o inesperado vice-campeonato municipal, surpreendendo as expectativas dos seus dirigentes, já que naquele período quem cantava pelos campos de Campina Grande era o Galo da Borborema. Na imagem a seguir, temos a foto do time vice-campeão municipal.



Foto 4: equipe de jovens futebolistas amadores.

Fonte: cgretalhos.closport.com.

As boas apresentações da equipe cartola fizeram com que o departamento de futebol amadurecesse as ideias de profissionalização da equipe, gerando um debate entre os membros da diretoria.

No dia 15 de março de 1958, as elites debatiam a profissionalização da equipe cartola. O assunto era delicado e rejeitado por boa parte dos membros do aristocrático, pois o profissionalismo era visto como uma industrialização do futebol, além de promover a aproximação da elite com os populares. Os argumentos eram os mesmos utilizados pela diretoria do Fluminense, que no início do século lutou contra a profissionalização dos atletas. Para o *right society*, isso poderia gerar uma série de problemas para a instituição, pois o profissionalismo abriria as portas do clube para os populares de Campina Grande.

O Campinense Clube, como foi dito anteriormente, por ser um clube social de elite, se recusava a incorporar nos seus quadros sociais, negros, mestiços e deficientes, seguindo as “normas” da elite branca brasileira. Porém, com a reativação do departamento autônomo de futebol, jogadores das classes mais populares começaram a participar ativamente do processo de profissionalização e isso gerava

um desconforto para a burguesia campinense. Devemos lembrar que naquele momento, o debate sobre a profissionalização do futebol era um problema em várias cidades do Brasil;

“Nesses conflitos, um tema se destacava: a profissionalização do futebol. Durante as últimas décadas o esporte tinha passado por um intenso processo de ampliação e democratização. Os torcedores aumentaram, fazendo com que a atividade virasse um grande negócio para os clubes. Os jogadores passaram a ser recrutados entre as camadas mais pobres da população, com uma intensa participação de elementos negros e mestiços. As reivindicações por uma melhor remuneração cresceram.” (SOUZA, 2008, p. 40)

Apesar do discurso tradicionalista e classista incorporado pelas elites campinenses, a profissionalização do futebol acompanhava as transformações vividas pela cidade; por isso, era necessário modernizar as atividades futebolísticas da instituição, mostrando acima de tudo o desenvolvimento econômico de Campina Grande.

As páginas do Diário da Borborema apresentavam em suas matérias as reviravoltas do caso, expondo o debate sobre a profissionalização do clube. A crônica esportiva não era neutra e, por isso, proferia um discurso voltado para as elites, exigindo do presidente do conselho deliberativo do Campinense uma atitude sensata, pois

“...que se faça um profissionalismo limpo, com uma folha de pagamento relativa, pois, pelo contrário, sofrerão os aristocráticos diretores e os aristocráticos jogadores uma série de amolações e imprevistos, porque em tudo, especialmente em futebol, qualquer passo por ser fatal.” (Diário da Borborema, 15 de outubro de 1958, p.05)

Apesar do receio de boa parte da diretoria cartola, o departamento de futebol do Campinense iniciou o processo de profissionalização, implementando uma gestão empresarial adotada pelos principais clubes do país, como Botafogo, Flamengo, Vasco, São Paulo, Grêmio, Sport, Náutico e outros. Por isso, foram contratados fisicultores (preparadores físicos), médicos, massagistas, roupeiros, dentistas, psicólogos, assistentes técnicos, olheiros²⁵, cozinheiras e assistentes sociais. Além disso, o clube tratou de proporcionar moradias e bolsas de estudos aos os atletas e

²⁵ Profissional que tem como objetivo descobrir jogadores considerados promissores em outras equipes ou no futebol amador.

seus familiares, fazendo com que o jogador/empregado vestisse com “amor” a camisa da equipe.

Essas mudanças transformaram a equipe em empresa, incorporando relações de trabalho à gestão futebolística. Logo, outros cargos como o de supervisor, assistente e auxiliar foram criados, sendo tais funções consideradas “superiores” às do jogador de futebol. Os salários eram pagos à comissão técnica e aos atletas. Enquanto jogadores e demais funcionários recebiam um salário mínimo de aproximadamente 3.300 cruzeiros, previsto em lei pelo decreto N° 45.106-A,²⁶ o treinador embolsava cerca de três salários, quantia essa, combinada entre a diretoria e o técnico.

Segundo o ex- atleta profissional, José Lima (Zé Lima), zagueiro da década de 1960 do Campinense Clube, os jogadores recebiam

Naquela época um salário mínimo, você ganhava gratificações...ganhava outros prêmios de torcedores, lojas, aí vai passando o tempo e você não se liga muito em negócio de dinheiro, vai fazendo um trabalho...que hoje não se observa isso...de honrar a camisa, suar a camisa, como se diz na gíria, então antigamente existia mais esse lado e não o lado financeiro. (LIMA, 2017)

No caso de José Lima, honrar a camisa do clube que ele defendia era mais importante do que o dinheiro. Essa não é apenas a opinião do entrevistado, mas boa parte dos ex-atletas daquele período pensam da mesma forma. No decorrer dos capítulos, iremos percebendo esse discurso, ainda ligado ao amadorismo, já que os jogadores eram assalariados como outras categorias profissionais.

Para os dirigentes, a profissionalização poderia gerar uma ascensão social e isso era um incômodo para as elites; afinal, para os atletas o futebol era uma “possibilidade de promoção social, o futebol não gozava de bom prestígio entre os de condição mais alta.”²⁷ Portanto, ser atleta profissional, poderia simbolizar uma melhoria de vida para o jogador e sua família, já que a grande maioria era de origem humilde e procurava no futebol um meio de promoção social mais rápida.

²⁶<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-45106-a-24-dezembro-1958-384179-publicacaooriginal-1-pe.html>.

²⁷ JÚNIOR, Hilário Franco. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 100.

Segundo o escritor Eduardo Galeano, ser profissional era o sonho de toda criança apaixonada por futebol, pois o jogador era pago para viver do seu lazer. O homem seria menino até alcançar o ápice da carreira ou o esquecimento. O atleta largaria a pobreza para torna-se uma estrela do mundo da bola, sabendo que mais tarde estaria guardado em álbuns, relatos e relicários. Quando um jovem se torna profissional

“O bairro tem inveja dele: o jogador profissional salvou-se da fábrica ou do escritório, tem quem pague para que ele se divirta, ganhou na loteria. Embora tenha que suar como um regador, sem direito a se cansar nem a se enganar, aparece nos jornais e na televisão, as rádios falam seu nome, as mulheres suspiram por ele e os meninos querem imitá-lo. Mas ele, que tinha começado jogando pelo prazer de jogar, nas ruas de terra, dos subúrbios, agora joga nos estádios pelo dever de trabalhar e tem a obrigação de ganhar ou ganhar(...). Submetido a uma disciplina militar, sofre todo o dia o castigo dos treinamentos ferozes e se submete aos bombardeios de analgésicos e às infiltrações de cortisona que esquecem a dor e enganam a saúde. Na véspera das partidas importantes, fica preso num campo de concentração onde faz trabalhos forçados, come comidas sem graça, se embebeda de água e dorme sozinho. (GALEANO, 2012, p. 11)

As palavras do autor conseguem descrever o que é ser um profissional de futebol. Viver do lazer, mas submetido a uma série de normas disciplinares, impostas pelos dirigentes que transformam o homem em um operário da “bola”. Esforço, disciplina, exercícios repetitivos, lesões e ausência familiar, fazem parte da vida de um atleta de alto rendimento. Os resultados, as metas, os objetivos e o coletivo se sobrepondo ao individual. O futebol profissional pode ser considerado como um motor, pois se uma peça falha ou quebra, pode colocar em risco todo o funcionamento sistemático do conjunto.

Aos poucos a máquina ia ganhando ritmo, adquirindo força e se postulando entre as demais equipes. As apresentações do Campinense geravam lucro e despertavam o interesse dos simpatizantes do clube. Por isso, no ano de 1959 a diretoria cartola começou a movimentar o cenário futebolístico municipal, realizando amistosos com equipes conhecidas da Paraíba e do Brasil. Entre elas destacam-se o Paulistano - PB, Auto Esporte – PB, Flamengo – RJ e Bahia – BA, entre outros times que visitavam o solo campinense para promover o espetáculo esportivo e a sociabilidade entre os admiradores do esporte.

Para que tenhamos uma noção, o jogo contra o Flamengo-RJ, por exemplo, segundo o jornal Diário da Borborema, custou aos cofres do Campinense Clube aproximadamente 400 mil cruzeiros, 330 mil cruzeiros foram pagos ao empresário Manuel Francisco, responsável pela excursão do clube carioca pelo Nordeste, e o resto da quantia para cobrir despesas como hospedagem e transporte do aeroporto de Santa Rita para a cidade de Campina Grande. Ainda segundo o periódico, o clube aristocrata embolsou mais de 500 mil cruzeiros, valor arrecadado nas bilheterias do estádio Plínio Lemos, local de realização da partida.

O lucro servia para manutenção do departamento, pagamento de salários, premiações e investimento na equipe, melhorando o time para as próximas disputas. Depois de investir para conseguir destaque na cidade, a equipe cartola se inscreve no campeonato estadual organizado pela FPF. Campina Grande, que já festejava as conquistas do Treze, estava voltada para o promissor time do Campinense, que disputaria o campeonato estadual profissional de futebol.

A consolidação do futebol da cidade ocorreu nos anos de 1960, quando Campina Grande vai apresentar altos índices de desenvolvimento econômico e industrial. Campinense e Treze, por sua vez, quebraram a hegemonia do Botafogo de João Pessoa no campeonato estadual, tornando-se a capital do futebol. No capítulo seguinte, iremos mostrar como as equipes da cidade tornaram-se protagonistas do campeonato estadual, assim como eram as condições de trabalho dos atletas e a interferência da ditadura militar na Rainha da Borborema.

CAPÍTULO 2

A década de 1960 e a efervescência do futebol de Campina Grande

2.1 – O Brasil na década de 1960

A década de 1960 passava por transformações significativas no Brasil. A juventude questionava o conservadorismo e a tradição que tentava a todo custo impedir os movimentos de liberdade corporal e artística, assim como as reivindicações populares que aumentavam ainda mais com as diferenças sociais que cresciam no país.

A UDN consegue quebrar o domínio da aliança PDT-PTB e leva ao poder o advogado e político Jânio Quadros. Conservador, popular e radical, Jânio Quadros teve uma carreira política meteórica, sendo eleito a primeira vez como vereador de São Paulo em 1948, doze anos depois ganha a eleição para presidente da República, movido a um discurso extremamente populista e prometendo acabar com a crise econômica deixada pela gestão JK.

Apesar da rápida expansão industrial causada pelo investimento em bens de consumo, promovido pelo governo Juscelino, os empréstimos feitos para financiar o Plano de Metas, e a desigualdade dos vários setores econômicos do país, promoveram altos índices de inflação, causando sérios problemas para a estabilidade econômica e social do Brasil.

Aproveitando-se desse fato, Jânio Quadros surge como paladino da ordem e moral, garantindo colocar o país no caminho do desenvolvimento econômico e do equilíbrio social. O mais curioso foram as primeiras medidas adotadas pela sua gestão, como a proibição ao uso de biquínis, às brigas de galo e o lança perfume. Tudo em nome da tradição, expondo assim a sua face conservadora. Além disso, causou um verdadeiro atrito entre o poder executivo e o Parlamento, com suas críticas que provocavam a ira da direita e da esquerda, talvez um dos poucos momentos de união desses dois setores políticos e ideológicos.

Caminhando para o isolamento político, Jânio Quadros não já era bem visto pelos setores que o elegeram, principalmente por desvalorizar a moeda brasileira e preocupar-se apenas em pagar a dívida externa causada pelas gestões anteriores.

Depois de sofrer duros ataques de Carlos Lacerda, líder da oposição, e de tomar uma posição nacionalista, vista de certo ponto como contrária aos interesses dos Estados Unidos, Jânio Quadros toma uma medida radical: no dia 25 de agosto de 1961 renuncia ao cargo de Presidente da República.

Acreditando que a opinião pública iria se esforçar para que Quadros continuasse no cargo, o político meteu os pés pelas mãos e aumentou o sentimento de instabilidade que pairava sobre o país. Aliás, antes de sair do cargo, Jânio Quadros brigou com todos os grupos políticos brasileiros, segundo a pesquisadora Lilia Moritz Schwarcz, o político paulista foi um

Mestre em exacerbar o atrito. Bateu de frente com o Congresso, com a imprensa, com o funcionalismo, com o vice-presidente da República. E acabou rompendo com a própria UDN, injuriada com os rumos da política externa – que, em tempos de Guerra Fria, o partido entendia como uma guinada do governo para a esquerda. Em alguns meses, Jânio Quadros conseguiu confundir o ambiente político nacional, subestimar seus aliados e se isolar na Presidência. (SCHWARCZ, 2015, p. 431.)

O vice-presidente do país, João Goulart (Jango), apesar de ter apoio das camadas mais populares, estava assumindo o cargo de presidente em momento complicado, pois o parlamentarismo foi implementado rapidamente pelo Congresso, tendo como principal objetivo restringir os poderes do presidente, chamado pelos militares de “demagogo, corrupto, inepto e influenciado pelos comunistas”.²⁸

Segundo o pesquisador João Paulo Netto, apesar das diferenças de ideias e da formação política entre o presidente e o vice, João Goulart pertencia aos grupos elitizados e tradicionais do Rio Grande do Sul. “Jango” era

“... Rico pecuarista, personalidade do *Partido Trabalhista Brasileiro* (PTD), que entrara na política pelas mãos de Vargas (de quem fora ministro do trabalho em 1953-1954) e de cujos projetos era continuador, tinha históricos compromissos com as classes trabalhadoras e, por isto mesmo, desfrutava tanto de larga popularidade entre elas como de enorme rejeição entre os grupos conservadores (civis e militares).” (NETTO, 2015, p.28).

Mesmo tendo ligações com as classes trabalhadoras, Jango não carregava ideias de esquerda ou uma política ligada ao comunismo soviético, pelo contrário, era

²⁸ FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org). **O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. Pág.345.

representante das ideias varguistas, defendendo assim, mudanças que pudessem melhorar as condições de trabalho das populações mais carentes do país.

O aumento da inflação e dos gastos públicos, assim como o crescimento da dívida externa herdada de gestões anteriores, trouxe um profundo descontentamento das elites e das classes trabalhadoras do Brasil, que via a inércia do governo em meio ao caos político e econômico.

Os conflitos sociais se agravavam, as demandas das classes trabalhadoras da cidade e do campo desagradavam os empresários e grandes latifundiários, que viam seus interesses econômicos ameaçados por pobres trabalhadores que eram explorados todos os dias, tendo direitos amputados por um pequeno grupo econômico que “denominava” de comunistas todos aqueles que lutavam por reformas de base.

Os operários estavam em cena lutando pelas reformas trabalhistas, o governo não reprimia movimentos grevistas que paralisavam do sudeste ao nordeste do país, fazendo com que fábricas de automóveis e até engenhos de cana-de-açúcar tivessem suas produções interrompidas. Segundo Netto, as greves geravam um efeito “cascata”, pois

“De outubro de 1963 (quando 700.000 trabalhadores paulistas cruzaram os braços) aos dois primeiros meses de 1964, os trabalhadores urbanos se mobilizaram em processos grevistas sem precedentes, principal instrumento para travar a deterioração dos seus salários em face da inflação em alta- nos centros urbanos mais importantes do país, praticamente todas as categorias de trabalhadores, muito além do proletariado *strictu sensu*, recorreram ao direito institucional de greve.” (NETTO, 2015, p.64).

Sabendo que o presidente Jango tinha a intenção de atender às reformas de base, a cúpula militar, juntamente com o setor empresarial, arquitetava um golpe que não tinha apenas a intenção de retirar através de um ato anticonstitucional o presidente da República, mas de retirar de cena os trabalhadores que lutavam por melhores condições de vida.

O golpe foi concretizado, Jango deposto do poder e os militares seguiram rasgando os direitos do povo, arrojando os movimentos grevistas, torturando e matando homens e mulheres que lutaram pela democracia brasileira. Músicos, poetas, líderes sindicais, estudantes e jogadores de futebol se posicionaram contra a

ditadura militar, com exceção da classe empresarial que apoiou o golpe, a maioria da sociedade brasileira foi prejudicada.

Uma das primeiras medidas do governo golpista foi iniciar um processo de centralização política e econômica, fazendo com que a ditadura construísse uma rede de elos entre todas as gestões estaduais e municipais. O ditador Castelo Branco

Outorgou nova Constituição ao país, que legitimava os arbítrios contidos nos Atos Institucionais. Com essas medidas o governo passa a ter o controle sobre a política nacional e consegue estender o projeto centralizador aos Estados, bem como, a municípios estratégicos do país. A extensão do projeto centralizador, aos demais municípios, o que consolidaria, de vez, o poder dos militares sobre toda a administração, será complementado por medidas de caráter administrativo e financeiro. (LIMA, 2012, p. 87)

Se em Brasília o caos flanava pelos corredores das instituições administrativas, em outras localidades, a exemplo de Campina Grande, essa adversidade não era sentida. As elites da Rainha da Borborema lutavam para expandir ainda mais o setor industrial da cidade; com isso, empresas como a IPELSA (Indústria de Papel e Celulose) foram instaladas no município com ajuda do poder público. Parcerias com o governo estadual foram firmadas na tentativa de atrair novas empresas para Campina Grande, onde o projeto de industrialização caminhava para o seu ápice.²⁹

Não tardou muito, os resultados da aliança já eram sentidos na serra da Borborema, sendo Campina Grande uma das cidades que mais cresciam no interior do Brasil. Para o historiador Damião de Lima, no início dos anos de 1960 Campina já dispunha de

16 bancos (incluindo cooperativas que funcionavam como bancos), sendo nove deles com matrizes na cidade, grande incremento das atividades comerciais e, em relação ao setor industrial, estavam estabelecidos mais de 220 estabelecimentos industriais. Destes, 24 estabelecimentos com mais de 10 operários e 12 com mais de 50 operários. (LIMA, 2012, p. 48)

Esse crescimento industrial e econômico trouxe mais investidores e conseqüentemente mais vantagens para aqueles que queriam investir no comércio do município. O avanço econômico trouxe uma estabilidade política e comercial para a

²⁹ LIMA, Damião de. **Campina Grande sob intervenção: a ditadura de 1964 e o fim do sonho regional/desenvolvimentista**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

cidade e no ano de 1965 Campina Grande fazia parte das cidades incentivadas a ampliar ou implementar indústrias que geravam desenvolvimento para a região.

Antes da ditadura militar atingir o crescimento e expansão da economia da cidade, Campina Grande continuava a viver o viés da industrialização planejado por suas elites administrativas. O progresso econômico atingiu outros setores da Rainha da Borborema, a exemplo do futebol, que também foi utilizado para expor a cidade em ascensão.

2.2 - O “vaivém” do mercado da bola

Campinense e Treze movimentavam o mercado esportivo local, promovendo os jogadores da cidade e contratando atletas experientes, vindos de outros estados e de equipes regionais. Investir na formação do elenco mostrava que as elites campinenses estavam estruturando aos poucos o profissionalismo, fato que chamava a atenção da imprensa local, que já tinha alertado sobre os “perigos” dos altos investimentos no futebol profissional.

Para o colunista do Diário da Borborema, Josusmá Viana, as diretorias dos “maiorais”, como são conhecidos Campinense e Treze, estavam valorizando demais os jogadores, gastando muito dinheiro com o futebol, segundo ele

Os clubes profissionais de Campina Grande devem voltar suas vistas com mais seriedade para um problema que poderá se agravar dentro de pouco tempo: o aumento exagerado de suas despesas com os quadros de futebol. Imagine que durante o ano de 1959, tais despesas subiram em cerca de cinquenta por cento o que não deixa de ser um índice bastante elevado. As repetidas contratações de valores de fora, muitas vezes sem o futebol suficiente para corresponder às necessidades das equipes, motivaram esse assombroso aumento que aos mais precavidos poderá parecer péssimo sinal para o futuro do esporte de Campina Grande. (...). Vamos encarar com seriedade esse problema, porque pelo contrário, o público terminará sendo vítima das contratações erradas, pagando ingressos com preços exorbitantes para satisfazer o desejo de assistir jogos de futebol. (Diário da Borborema, 15 de janeiro de 1960).

O “aumento exagerado” das despesas de um ano para o outro, alegado pelo jornalista, ocorreu com a estruturação dos departamentos de futebol. O dinheiro investido era proveniente dos amistosos realizados contra times do sudeste do país, os lucros obtidos nas bilheterias serviam para as contratações de novos atletas ou de manutenção dos estádios.

As críticas feitas por Josusmá partiam do anúncio das novas contratações feitas pelos dois times, principalmente por parte do Campinense que divulgou as admissões dos atletas Toinho e Tonho Zeca. Toinho recebeu “luvas”³⁰ de 30 mil cruzeiros e fechou as bases salariais em 5 mil cruzeiros mensais, o que corresponde a um pouco menos que um salário mínimo da época.³¹

Já Tonho Zeca foi emprestado pelo Paulistano, depois de uma grande temporada pela equipe. O atleta ainda teve uma rápida passagem pelo Treze; porém, no período em jogou no alvinegro foi desvalorizado profissionalmente pela diretoria galista. Segundo o atleta,

“No final de 1959, eu fui emprestado para viajar com o Treze em uma excursão pelo Nordeste(...). Mas quando chegamos em Campina Grande, o Paulistano exigiu o pagamento de “cinco contos” para me liberar em definitivo. Na época, o presidente do Treze era Jaime Coelho e ele disse: “Cinco contos pra Tonho Zeca jogar no Treze? Pago não”. Daí eu também disse que de graça não iria. Em 1960, eu ia passando pelo centro e encontrei Lamir Mota (então supervisor de futebol da raposa), que me convidou para o Campinense e eu assinei contrato. (...) A cada jogo que a gente dava no Treze, depois de todo título que a gente ganhava, eu ia lá em seu Jaime Coelho e dizia: “Está aí o jogador que não valia cinco contos”.³²

O volante foi um dos jogadores que mais atuou pelas cores rubro-negras, tornando-se hexacampeão paraibano e vencedor de vários torneios interestaduais. Tonho Zeca aposentou-se como funcionário público, pois como jogador profissional o salário era baixo e não garantia estabilidade financeira. Em 2015, no ano do centenário do Campinense Clube, depois das festividades em comemoração à fundação do clube cartola, o ex-atleta faleceu.

Os fantasmas do amadorismo ainda flanavam na mentalidade de imprensa local, que ainda apreciavam o futebol como um lazer sério, onde o amor à camisa e ao clube eram maiores do que as bases salariais. Porém, esqueciam de que o atleta era um trabalhador como outro qualquer, com contas para pagar e família para sustentar. Boa parte dos jogadores abandonaram os estudos, empregos em fábricas,

³⁰ Luvas é a denominação da taxa de transferência paga pelo clube ao atleta pelo contrato firmado. Uma espécie de remuneração adiantada, que em 2010 foi incorporada as bases salariais do jogador.

³¹ Em 1960, antes do mês de outubro, o salário mínimo era de 6.000 cruzeiros. Com o decreto presidencial no final do ano de número 49.119-A, aumenta o mínimo para 9.600 cruzeiros.

³² Entrevista disponível no site <http://globoesporte.globo.com/pb/campinense-100-anos/noticia/2015/03/em-1961-campinense-vencia-o-treze-na-primeira-final-contra-o-arquirrival.html>.

repartições públicas e no comércio, para entregar seu corpo e seu suor ao tapete verde, promovendo o divertimento dos amantes da bola.

O que os jornalistas esportivos consideravam altos valores pagos aos jogadores, chamando inclusive Campina Grande de “El dourad” do futebol nordestino, não passa de um discurso contra a valorização do atleta profissional. Por exemplo, na excursão feita pelo Flamengo- RJ pelo Nordeste, jogando contra os “maiorais”, o goleiro Augusto, do Campinense Clube, foi multado (castigado) em 60% do seu salário pelo “considerado” baixo rendimento na partida.³³ Segundo a diretoria cartola, ele “falhou” em lances que foram determinantes para a derrota da equipe.

O caso nos faz lembrar que desde o início da prática futebolística no Brasil, assim como em quase todos os outros setores da sociedade, os negros foram excluídos e perseguidos por uma elite branca. Os castigos e ameaças eram constantes à comunidade negra do país, que resistia através de embates contra os setores mais conservadores da sociedade.

Um exemplo dessa resistência foi a Revolta da Chibata, quando marinheiros negros, sob liderança de João Cândido, lutaram pelo fim dos castigos aplicados pelos marinheiros brancos. As torturas corporais, a pesada jornada de trabalho e o não aumento salarial, revoltaram os subalternos, que apontaram os canhões dos navios para o Rio de Janeiro, capital federal, ameaçando explodir toda a cidade. Depois de negociar com o governo, as “exigências foram atendidas” e os revoltosos penalizados pelo motim.

Para os pesquisadores da história do futebol na educação física, o governo federal apoiava os castigos e impedia os negros que eram mais da metade da população de participar do futebol.

O impedimento foi mantido até 1918 pela Federação Brasileira de Sports, criada em 1914. A imprensa brasileira teve grande participação na liberação da prática do futebol para homens negros. (...) A causa dos negros foi defendida por diversos setores da sociedade e por importantes escritores. Lima Barreto, que era declaradamente um opositor do futebol, foi um dos que criticou o veto do presidente da República a jogadores negros na Seleção Brasileira. (REIS; ESCHER, 2006, P. 38).

³³ **Diário da Borborema**, 19 de janeiro de 1960.

Mesmo com a incorporação dos jogadores negros ao futebol profissional, as penalidades (multas e castigos) não foram esquecidas pelos dirigentes que, sob a ótica do capitalismo, exigiam o alto rendimento do atleta para atingir os bons números do clube.

Para o mundo capitalista, assim como em uma empresa, o operário poderia ser multado pelo patrão por algum descuido ou falha que atrapalhasse a produção da fábrica. Como o futebol profissional refletia o modelo empresarial de gestão, os jogadores eram multados por falhas ou fracas atuações que comprometessem o time em partidas decisivas. Para o dirigente/patrão, não importava se o atleta/operário tivesse passando por algum problema extracampo, pois o jogador profissional não tinha o direito de errar; afinal, a empresa esquecia o lado humano e transformava o atleta em máquina, que na produção fabril do futebol deveria entregar o produto que era, nesse caso, a vitória.

O caso de Augusto, arqueiro das redes rubro-negras, não foi um fato isolado no futebol brasileiro. O jogador de seleção brasileira Leônidas da Silva, o diamante negro, também foi multado por abandonar a concentração, prejudicando assim o funcionamento tático da equipe. Leônidas queria comemorar os festejos de final de ano com sua família. Porém, a diretoria flamenguista recusou o seu pedido, alegando que o atleta deveria comparecer urgentemente à Gávea. O diamante negro, abandona a concentração, paga a multa e passa o natal com seus entes queridos.³⁴

Mas para o arqueiro rubro-negro o “martírio” não parou naquele instante. Depois da punição, o atleta pediu a rescisão do contrato com o Campinense Clube. O principal motivo foi a multa imposta pela diretoria cartola. Natural de Recife, o jogador retornou a sua cidade de origem prometendo abandonar o futebol e seguir em outra profissão. Recebeu propostas de times da região pernambucana, mas não aceitou os convites.³⁵ Pouco tempo depois, o jogador retorna ao Campinense Clube, acertando as contas com a diretoria e fazendo parte do elenco campeão paraibano daquele ano. Anos mais tarde, o goleiro segue para o Treze conquistando junto com outros atletas vindos do Campinense o título de campeão invicto.

³⁴ SOUZA, D. A. **O Brasil entra em Campo! Construções e reconstruções da identidade Nacional (1930- 1947)**. São Paulo: Annablume, 2008. P.145.

³⁵ **Diário da Borborema**, 31 de janeiro de 1960.

Amistosos: uma forma de arrecadar dinheiro

Uma das formas de arrecadação de dinheiro por parte dos clubes da cidade era a promoção de amistosos contra times nacionais ou internacionais. Era comum que equipes e jogadores reconhecidos internacionalmente viessem para Campina Grande participar de jogos festivos contra as equipes locais. Para a sociedade campinense, os eventos eram uma forma de sociabilidade e de contato com personalidades que se destacavam pelo mundo futebolístico.

Como já foi dito anteriormente, clubes de quase todos os estados brasileiros faziam expedições pelas regiões do país em apresentações amistosas com o objetivo de arrecadar dinheiro e promover a marca do time. Flamengo – RJ, Bangu – RJ, Botafogo – RJ, Vasco – RJ, São Paulo – SP, Palestra Itália (Palmeiras) – SP, Sport – PE, Santa Cruz – PE, Bahia – BA, ABC – RN e Dínamo de Bucareste.

Não iremos narrar ou comentar todos os jogos das equipes, mas destacaremos alguns que movimentaram a cidade, atraíram público e geraram renda para os clubes. Um dos amistosos que mais agitou o município foi Treze e Dínamo Bucareste. Em dezembro de 1960, o Treze recebeu uma proposta do empresário Hélio Pinto, comunicando que o Dínamo de Bucareste, vice-campeão da Romênia, tinha marcado um amistoso com o Sport de Recife e estava disposto a jogar em um estado próximo. Prontamente, a diretoria alvinegra comprou o amistoso, criando um alvoroço em Campina Grande.

O empresário cobrou o valor de 500.000,00 cruzeiros pela exibição do time romeno. O futebol europeu era conhecido por ser pouco criativo, sem muitos dribles e improvisações, mas extremamente tático e organizado. O embate esportivo, além de ser uma grande atração, mostraria as diferenças entre a cultura futebolística dos dois países, principalmente do Dínamo, que tinha como essência a disciplina e a ordem, já que o futebol brasileiro é marcado pela rapidez e criatividade dos lances.

Para a crônica esportiva local, o jogo foi feio, o Treze não fez uma grande partida, assim como o Dínamo que não estava muito inspirado. Por isso, o jogo terminou 1x1, com gols de Icário, pelo alvinegro galista, e Hélio, marcando contra a própria meta trezeana. Porém, apesar do pouco futebol exibido, a torcida de Campina

Grande pode presenciar a primeira partida de um clube da cidade contra um time internacional. Na foto abaixo, temos a duas equipes reunidas para a partida.



Foto 5: Em pé, os jogadores do Dínamo de Bucareste, agachados os atletas do Treze. O time galista jogou com, da esquerda para a direita: Brito, Gonzaga, Icário, Germano, Nelson, Hélio, Lelé, Bola Sete, Pedro Negrinho, Ruivo e Milton.

Fonte: cgretalhos.closport.com.

Outro amistoso que movimentou os cofres das equipes foi contra o América do Rio de Janeiro. Para jogar contra Treze e Campinense, o clube carioca pediu uma quantia de 220 mil cruzeiros a cada clube, fora as despesas que a equipe teria com viagem e hospedagem.

As diretorias de ambas as equipes da cidade fecharam o amistoso. A primeira partida foi contra o Treze, que cobrou ingressos com o valor de 160 cruzeiros a arquibancada, geral 50 cruzeiros e cadeiras 200 cruzeiros. A renda não foi divulgada pelo Diário da Borborema, mas segundo a crônica esportiva, além de perder para o time carioca, esse jogo trouxe um prejuízo para os cofres do clube, pois a torcida não

compareceu em peso para prestigiar o jogo. Já o Campinense Clube, tirando as despesas, ainda conseguiu lucrar 102 mil cruzeiros, mesmo perdendo para o América.

A ausência de torcedores em alguns jogos das equipes da cidade se dava por motivos diversos, como a falta de divulgação das partidas que muitas vezes eram anunciadas pelos rádios e jornais com dois dias de antecedência. Algumas equipes não possuíam jogadores conhecidos nacionalmente, causando um desinteresse do público e, por fim, o preço dos ingressos, que mesmo não sendo tão abusivo, comprometia a renda de torcedores mais pobres que não podiam comparecer a todos os jogos das equipes, escolhendo assim as partidas mais atrativas.

Depois da série de amistosos, as diretorias dos dois clubes não gostaram do sistema tático imposto pelos treinadores e acabaram demitindo Álvaro Barbosa e Buarque Gusmão. No futebol brasileiro, comandado pelas elites imediatistas, os resultados devem aparecer rápido, não importando as condições de trabalho, o material humano ou a metodologia teórica do treinador. O time deve vencer de forma satisfatória, assim como em uma fábrica, onde os operários devem produzir em menor tempo e com baixo custo um material de qualidade, gerando lucro à empresa.

Para Eduardo Galeano, “A engrenagem do espetáculo tritura tudo, tudo dura pouco e o técnico é tão descartável como qualquer outro produto da sociedade de consumo.”³⁶ O treinador que sempre foi um conselheiro dos jogadores, normalmente um ex-boleiro, que foi consumido pelo tempo e não aceitou ficar fora do mundo futebolístico, foi tragado pela fumaça suja do capitalismo. O treinador virou um técnico, um homem que traduz o futebol para números, porcentagens e metas, uma espécie de gerente do patrão. Ainda segundo o literato uruguaio, o técnico deveria

“Evitar a improvisação, controlar a liberdade e elevar ao máximo o rendimento dos jogadores, obrigados a transformar-se em atletas disciplinados. (...) A partir dali, o técnico desenvolve formulas misteriosas como a sagrada concepção de Jesus, e com elas elabora esquemas táticos mais indecifráveis que a Santíssima Trindade.” (GALEANO, 2012, p. 18/19).

Apesar de ser um empreendedorismo coletivo, quando um time perde, segundo o dito popular, é mais fácil mudar o treinador do que os onze jogadores, por isso, a

³⁶GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&M, 2012. Pg. 19.

função de técnico é descartável ou pouco duradoura. No Brasil, um treinador passa em média cinco meses no comando de uma equipe, basta perder um clássico ou ter uma pequena sequência de derrotas que a diretoria já altera o comando do clube, exigindo do próximo profissional resultados imediatos.

Como já foi dito anteriormente, naquele período o treinador era um ex-atleta profissional ou amador que não saía do meio futebolístico, passando toda sua experiência tática e de vida para os seus comandados. O treinador era aquele que “distribuía camisas e exortava os jogadores à vitória; que dava bronca no vestiário, se preciso, durante o intervalo; e que vigiava os boêmios bebedores e os farristas sempre que possível; em especial, evidentemente, durante os períodos de concentração.”³⁷

Para o ex-jogador e treinador do Campinense e Botafogo de João Pessoa, José Lima, existe uma diferença entre ser treinador e técnico. Segundo ele, o técnico é aquele que vem para ganhar dinheiro. O orientador técnico tem como objetivo orientar os jogadores como cidadãos, aconselhando e preparando os atletas para o futuro, levando-os a entender quando é necessário deixar o futebol e encarar outra profissão.³⁸

É visível que a opinião de José Lima ainda está ligada ao futebol “romântico”, quando jogadores e treinadores encaravam a profissão com amor e não por dinheiro. Essa visão foi bem difundida entre as elites dirigentes, que tentaram a todo custo barrar ou desestruturar a profissionalização do esporte.

Apesar de ter muito trabalho e pouco dinheiro, o treinador tinha uma responsabilidade muito grande, pois, juntamente com a diretoria, ele tinha a função de encontrar jovens atletas para complementar os quadros da equipe, ter o olhar clínico para enxergar um jovem garoto como um futuro craque. Por isso, os “olheiros” eram os garimpeiros do futebol.

³⁷ WINISK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. P. 130.

³⁸ Entrevista com José Lima, 25 de outubro de 2017.

Garimpendo jogadores, procurando profissionais

O “poeirão”, como eram conhecidos os campos de terra batida, produziam a maioria dos atletas da cidade, que começavam no amadorismo até tornarem-se profissionais. Às vezes o futebol chegava por acaso na vida de boa parte dos atletas daquele período, pois ser futebolista não era algo bem visto pelas famílias daquele período.

Para o escritor Luís Fernando Veríssimo, cronista gaúcho, o futebol brasileiro pode ser comparado a

“(...) nossa pecuária, que vende o gado para corte com cada vez menos idade porque cresceu o mercado para carne de novilho, mas principalmente porque ficou caro demais esperar que o boi chegue à sua idade “normal” de abate. Sem meios para evitar que seus melhores jogadores partam para a Europa ou para competir no mercado mundial de bons jogadores, o futebol brasileiro também estaria recorrendo aos seus novilhos. Investe-se na precocidade porque não há mais tempo e dinheiro para esperar que os projetos de Pelé amadureçam.” (VERÍSSIMO, 2010, P. 79)

O mercado capitalista favorece a venda de jovens atletas para campeonatos mais ricos do mundo. Não é necessário esperar que o atleta “exploda” como grande jogador, mas que ele apresente um futebol diferenciado que gere lucros para o clube. Por isso, muitas vezes o atleta deixa de lado os estudos e a família para tentar superar as barreiras sociais impostas pela sociedade.

Campinense e Treze possuíam em suas diretorias comissões compostas por “olheiros” que ficavam encarregados de descobrir novos valores. Treinadores, diretores, jogadores e colaboradores visitavam nos finais de semana as principais “peladas” ou torneios amadores da cidade. O objetivo era descobrir jovens atletas que pudessem gerar lucro para os cofres da entidade.

Segundo o ex-presidente do Campinense, Lamir Mota, era comum que os dirigentes dos clubes da cidade visitassem as “peladas” nos finais de semana. Além de ser um lazer, era uma atividade que visava lucros, pois os melhores jogadores faziam testes no Campinense e no Treze. Aliás, os dois clubes tinham o costume de indicar jovens atletas para os treinadores de ambas das equipes, esquecendo assim a rivalidade dentro das quatro linhas. Para o dirigente, era uma atividade que lhe dava prazer, pois

“Meu pai trouxe um bancozinho da Bélgica, meu pai sabia que eu gostava muito de olhar as peladas...que meu pai gostava muito de futebol (...) eu levava, me sentava e assistia as peladas. Eu ia pra uma pelada, Zezito Ribeiro ia pra outra, Cleiton Ismael, que foi dirigente também do futebol do clube ia pra outra, Menininho ia pra outra...e vários outros dirigentes iam olhar as peladas. Tinha gente, presidentes de clube amador de Campina Grande, que quando tinham uma revelação, eles informavam a gente e a gente pagava ao clube com: padrão de camisa, chuteira e bola. Vários clubes forneciam jogadores pro Campinense Clube, dessa maneira, quem tinha atração pelo Campinense ia pro Campinense, quem tinha pelo Treze ia para o Treze.” (MOTA, 2017.)

Alguns informantes ou olheiros trabalhavam fora da Paraíba, procurando atletas que se destacavam em cidades dos estados vizinhos. Nesse contexto foram descobertos, Zé Ireno, Zé Luíz, Araponga, Nogueira, Ruitter, Chiclets (Morais), Augusto, Zezinho Ibiapino e outros nomes que se destacaram pelos times de Campinense e Treze.

Mesmo com tantos atletas de fora, as equipes da cidade possuíam times formados por 50% de jogadores descobertos na região. Para os dirigentes, os verdadeiros craques eram encontrados na cidade, pois em Campina Grande os jogadores faziam mágica com os pés, escondiam a bola com suas jogadas e causavam um verdadeiro alvoroço nos adversários.

Em campeonatos amadores e peneiras, vários atletas foram descobertos, principalmente nos primeiros anos da profissionalização. Na década de 1960, destacamos José (Zé) Lima, que não era natural de Campina Grande, mas migrou para a cidade com a família e em um jogo amador foi observado e levado para atuar em uma equipe profissional. Segundo ele

“Comecei como aqueles garotos de rua, que começa a bater bola no meio da rua, nas horas vagas e no colégio. Então, nós chegamos a Campina Grande, eu sou da vizinha cidade de Vertentes/Taquaritiga do Norte – Pernambuco e em 1948...a gente praticava o famoso bate bola no meio da rua, escondido, porque pai e mãe não gostava de futebol...inclusive era incentivado até pelos vizinhos para não deixar a gente bater bola, pois não era uma profissão honrosa e lucrativa na época...a gente não podia nem comprar uma bola de meia ou a famosa bola de borracha para levar pros campos de pelada, se levasse a bola para casa ela rasgava e escondia, não tinha jeito, então guardava na casa dos amigos...aos poucos a gente foi crescendo e surgindo os convites para participar de equipes de pelada, naquela época descalço...foi muito difícil o início, mas conseguimos chegar ao profissionalismo. Meu primeiro convite surgiu pelo Internacional...uma equipe aqui de Campina Grande...para disputar um campeonato

semiprofissional...depois do surgiu o Paulistano, time já profissional em 1959 para disputar o campeonato paraibano...eu e muitos amigos do bairro da liberdade, marcamos presença na equipe do Paulistano...Antônio Zeca, Lelé, Josias, Galeguinho...tanta gente boa, a turma dos anos sessenta...fizemos uma boa campanha em 1959 no Paulistano, mas houve um racha da diretoria do Paulistano, era a turma que gostava mais da sede social, mas de forró e de dança e a turma que gostava do profissional, então com esse racha o Paulistano pagou um preço muito alto...depois desse racha o Paulistano abandonou o futebol...e negociou vários jogadores e outros recebeu o passe livre, nessa fase de negociação surgiu o Campinense...aquela turma que se destacou pelo Paulistano foi contratado pelo Campinense, pela pessoa do seu Lamir Mota...e chegando lá nos anos de 1960, pegamos o Campinense no embalo de campeão e conseguimos passar oito anos como profissional...e o Campinense chegou a conquistar o hexacampeonato.” (LIMA, 2017)

Ídolo de uma geração, Zé Lima, dedicou toda a sua carreira ao futebol, mesmo com os baixos salários. O zagueiro era um dos jogadores que promoviam o espetáculo futebolístico na cidade. Conhecido por quase toda a torcida, o reconhecimento das arquibancadas não era condizente com o salarial; mesmo assim, o jogador continuou atuando como atleta e jogando por amor à camisa.

Outro atleta que também foi “descoberto” nesse contexto foi o ex-zagueiro Ivan Lopes. No final da década de 1960, o menino de família pobre encontrou no futebol uma forma de fugir das fábricas e viver um sonho de garoto. Segundo o ex-jogador

Eu já sabia das uns bicudos na bola, na gíria popular, lá no leão do Monte Santo. Houve um peneirão no PV e eu fui aprovado, depois fui defender as cores do time do São Cristovão... e em 1967 fui para o “galinho” e subi de categoria, fomos campeões...e em 1968 comecei a ficar na reserva de Braga, lateral direito, do time principal do Treze. Quando eu vi que não ia ter oportunidade no time do Treze, inventei uma história e consegui minha liberação do passe...arrumei um emprego para ajudar meus pais na SANCA...e certo dia eu estava trabalhando e chegou um menino que me conhecia do Trezinho, Juju, fez o convite para eu ir pro Raposinha...falei que só ia se saísse alguma vantagem, pois eu era muito pobre e queria ajudar meus pais. Me prometeram um trocado e eu fui para o Raposinha. (LOPES, 2017)

Os relatos acima se encaixam perfeitamente no discurso de superar a pobreza e encontrar no esporte um meio de vida que possibilitasse a realização de um sonho de criança e assim aconteceu. Dos campos de pelada para os grandes clubes da cidade, mesmo sabendo do baixo salário. Naquele período, os jovens alimentavam o sonho de serem jogadores profissionais; por isso, participavam de equipes amadoras ou de base, com o intuito de um dia conseguir viver da bola.

A valorização dos jovens atletas fazia parte da reestruturação dos elencos dos dois clubes. Os olheiros das equipes serranas flanavam pelas cidades paraibanas. O olhar atento poderia encontrar um jogador que renderia vitórias e dinheiro para o clube. Um deles foi o atacante José Moraes, conhecido pelos torcedores como Chiclets. Nascido em Esperança, começou sua carreira como um jovem atleta amador, depois passou rapidamente pelo Auto Esporte-JP, chamando a atenção da comissão técnica do Campinense Clube.

Compondo o elenco campeão paraibano daquele período, Chiclets, tornou-se em pouco tempo um dos artilheiros do certame estadual, chamando a atenção da Portuguesa paulista, time tradicional do estado de São Paulo. A transação do atacante durou dois dias, envolvendo o presidente do Campinense Edvaldo do Ó, Hélio Pinto (empresário) e o jogador. O passe de Chiclets foi vendido por 3 milhões de cruzeiros, 1 milhão de luvas e 50 mil cruzeiros mensais³⁹. Uma das transações mais caras até naquele momento e que trouxe uma boa renda para o clube cartola de Campina Grande.

Outro atleta que se destacou no Campinense foi Carlos Ruiten, da cidade de Pesqueira – PE. Em uma partida contra a raposa serrana, no ano de 1963, o atacante “destróçou” o time paraibano, eliminando a equipe da Taça Brasil. Rapidamente os dirigentes compraram o atleta que fez parte do time hexacampeão paraibano, sendo artilheiro duas temporadas seguidas. Pouco tempo depois, foi comercializado para o Santa Cruz e de lá foi vendido para o Girondins de Bordeaux, França. Com o dinheiro da comercialização do atleta, o clube aumentou o parque aquático, investindo os rendimentos no patrimônio físico do clube.

Mesmo com os salários desvalorizados, os jogadores eram vendidos “a peso de ouro”. O dinheiro que entrava nos cofres dos clubes era destinado à compra de outros atletas ou para melhorias nos estádios das agremiações. Nesse período, os jogadores não tinham empresários ou representantes para atravessar as negociações, sendo assim, como já foi dito, a arrecadação da venda do atleta ficava inteiramente com o clube detentor dos seus direitos.

³⁹ **Diário da Borborema**, 18 de setembro de 1962.

Investindo em casa: A estruturação dos estádios Getúlio Vargas e Plínio Lemos

A ampliação e melhorias feitas nos estádios da cidade era um desejo dos diretores de Campinense e Treze, que com a promoção de amistosos, premiações de campeonatos e venda de jogadores reestruturaram suas casas para receber mais torcedores, jogos à noite e a imprensa esportiva de todo o Nordeste.

A iluminação do Plínio Lemos era um desejo da diretoria cartola, pois os jogos noturnos eram realizados no terreiro galista, o estádio Presidente Vargas, que sedia seus domínios à equipe raposeira.⁴⁰ Era um desejo antigo do clube instalar refletores no municipal, pois os lucros cresceriam, já que não mais seria preciso “alugar” temporariamente o PV.

O departamento de futebol formou uma comissão encarregada de realizar as melhorias no Plínio Lemos. Liderados por Hailton Sabino, os diretores ficaram encarregados de concluir os trabalhos da construção da arquibancada, melhorar o acesso às cadeiras, construir as cabines de rádio, estruturar uma concentração para os jogadores e implantar a iluminação no estádio.⁴¹

O departamento de futebol do clube cartola era centralizado no estádio municipal Plínio Lemos. Apesar de ter um regulamento próprio e uma certa autonomia, em relação aos outros departamentos do clube social, o presidente do Centro Esportivo Campinense Clube era nomeado pelo presidente geral da instituição. Por isso, em 1960/1961, Edvaldo do Ó, presidente do clube social, escolheu o jovem estudante Lamir Mota de 26 anos de idade, para comandar o futebol dos aristocratas. Sobre a iluminação, o ex-presidente Lamir disse que

“O contrato foi feito com o Dr. Acácio de Figueiredo, um jurista da época. Nós ficamos mantendo o estádio Plínio Lemos e construímos no final da gestão do Dr. Gilvam Barbosa ...nós colocamos a iluminação no estádio Plínio Lemos. Ainda na minha gestão, construímos a arquibancada geral...construímos concentração etudo.” (MOTA, 2017)

⁴⁰ **Diário da Borborema**, 06 de outubro de 1960.

⁴¹ **Diário da Borborema**, 09 de fevereiro de 1960.

A expectativa era grande entre os torcedores e moradores do bairro José Pinheiro. Melhorar as dependências do estádio, além de valorizar o clube, traria ares da modernidade para um dos maiores bairros de Campina Grande.

Depois de mais de um ano, a diretoria cartola conseguiu apresentar as modificações realizadas na praça esportiva Plínio Lemos. Com a complexidade do serviço, somada às péssimas condições da energia elétrica na cidade, os aristocratas esperaram para poder realizar os jogos noturnos nos seus domínios, aumentando, assim, a expectativa da torcida rubro-negra.

A maioria dos estádios de futebol pertencentes ao poder público eram abandonados, inclusive o Plínio Lemos, que foi propositalmente escanteado pelas gestões opositoras do ex-prefeito da cidade, Dr. Plínio Lemos. Por isso, depois da administração raposeira da praça esportiva, o “municipal”, como era conhecido, recebeu melhorias que tornaram o estádio um dos melhores espaços futebolísticos da cidade.

Apesar das mudanças promovidas no palco rubro-negro, a imprensa esportiva criticava a falta de investimento das diretorias nas cabines de rádio. Em péssimas condições, os radialistas faziam um grande esforço para transmitir os jogos com qualidade. Chuva, sol, poeira e falta de espaço, ameaçavam o trabalho daqueles que com sua voz narravam e propagavam os times da cidade. Sobre esse fato, o jornalista Viana escreveu no Diário da Borborema

“Se os senhores diretores do Campinense e do Treze não querem construir as cabines de rádio, se não desejam prestar esse mínimo benefício em troca de tudo quanto o rádio realiza em proveito do futebol campinense, que se decidam, pois será o próprio rádio que construirá, com a devida permissão, as suas cabines de transmissão. Não estamos pedindo esmolas, nem queremos pagamento pelo que julgamos realizar. (...). Essa história de promessa fica para candidatos políticos!” (Diário da Borborema, 28 de janeiro de 1961).

Os diretores de patrimônio dos clubes se manifestaram em relação ao caso. Para os gestores do galo, a instituição não tinha a quantia necessária para a construção das cabines, pois o clube estava passando por dificuldades financeiras. Já os aristocratas rubro-negros, estavam esperando os lucros da comercialização de atletas e as premiações dos campeonatos conquistados.

Investir nas cabines de imprensa para as transmissões dos jogos via rádio era uma das formas de promover os clubes por toda Paraíba. Pelas ondas da frequência AM, as emoções das partidas eram passadas para os torcedores que não podiam acompanhar seus clubes presencialmente e contavam a voz do narrador esportivo.

O narrador esportivo é um ser intimista, ele consegue adentrar todas as casas, bares e rodas de conversas sem ser visto, ele fala o que a torcida sente e percebe o que não é exposto. Também é fofoqueiro, pois sabe da vida de todos os atletas dentro e fora das quatro linhas. Se o craque do time não joga o suficiente, o “colunista social” do esporte sabe os motivos; afinal, ele flana por todos os lugares frequentados pelos jogadores, tornando-se quase um ser onipresente.

Os radialistas não divulgavam as imagens dos clubes de “graça”, por isso exigiam melhores acomodações para a sua categoria. Essa relação promovia

“Benefícios diretos (como o aumento da venda de exemplares e a comercialização de espaços publicitários, dos clubes ou de empresas que ligavam seus produtos à prática esportiva) e indiretos (como o reconhecimento por parte de membros das elites que frequentavam as agremiações e eventos esportivos)”. (HOLLANDA, 2012, p. 30)

Por isso, os “gastos” nas cabines de imprensa eram mais do que necessários, representando um investimento na estrutura física do clube e também no setor midiático, que naquele momento era função dos meios de comunicação mais populares do período (rádio e jornal).

Em 1962, o Treze entrega suas primeiras cabines destinadas à imprensa esportiva da cidade, os três compartimentos ficavam

“Por trás da arquibancada geral e distribuídas da seguinte forma: as laterais ficariam com as emissoras locais (Rádios Borborema e Caturité), enquanto que a do centro ficaria para os trabalhos da emissora visitante. (...) A falta de um melhor planejamento na sua construção fez surgir críticas sobre as mesmas, pois transmitir jogos durante o dia seria um suplício para os radialistas, uma vez que o sol batia diretamente no interior das cabines, transformando-as em verdadeiras fornalhas. Contudo, em outros estádios, a situação era bem pior: os jogos eram transmitidos de cima de um caminhão ou da própria arquibancada.” (MEDEIROS, 2006, p. 148)

Apesar de ter anunciado a falta de verbas para construção das cabines, o Treze foi o primeiro clube da Paraíba a construir os compartimentos destinados à imprensa

esportiva local, valorizando a estrutura física do seu estádio e os veículos de comunicação que propagavam os feitos do alvinegro de Campina Grande.

As promessas feitas pela diretoria do Campinense demoraram para se concretizar, pois os membros da cúpula cartola estavam focados na instalação dos refletores do estádio Plínio Lemos. Para concretizar tal feito, os aristocratas mobilizaram toda a cidade, contando inclusive com as doações de torcedores da equipe rival (Treze) para realização do tão almejado desejo. Segundo o ex-dirigente Lamir Mota

“Geraldo Dias era dono de uma indústria de esquadria de ferro. Sócio do clube, mas trezeano de coração. Ele nos ajudou muito. Fez um preço muito bom à época, praticamente preço de custo, para a gente encomendar as torres. Eram torres de ferro, que só depois foram substituídas por postes de alvenaria.”⁴²

Além da colaboração de dirigentes, torcedores, sócios e colaboradores, o Campinense Clube promoveu um bingo com a intenção de arrecadar mais dinheiro para a compra do material necessário. Foram colocados para o bingo três jipes (Willys-1960), dois automóveis (Dauphines) e dois televisores.⁴³

No dia 28 de julho de 1961, o bairro do José Pinheiro estava em festa. No final da tarde, boa parte da sociedade campinense estava presente para a inauguração das torres de iluminação do estádio Plínio Lemos. Gente de todas as classes sociais foi para a toca da raposa prestigiar a luminosidade que traria um novo ritmo à equipe e aos seus torcedores. O evento começou com

“As solenidades inaugurais constaram de duas partidas: primeiramente uma série de três discursos pronunciados pelo Dr. Gilvam Barbosa, em nome do Clube; pelo presidente Bassú da Federação Norte-Riograndense que se encontrara nessa cidade com a delegação do Riachuelo e pelo sr. Alvaro Gaudêncio, em nome do poder público municipal. A segunda parte constou de um interessante desfile do Departamento Feminino do clube e dos atletas do Campinense e do Riachuelo de Natal.” (Diário da Borborema, 28 de julho de 1961).

Naquele mesmo dia, as bilheterias do clube arrecadaram uma renda de 174 mil e 340 cruzeiros. O evento tinha sido proveitoso para os cofres do Campinense, que

⁴² Trecho de entrevista disponível no site <http://globoesporte.globo.com/pb/campinense-100-anos/noticia/2015/03/inaugurado-pelo-rival-plinio-lemos-vira-casa-do-campinense-por-41-anos>.

⁴³ **Diário da Borborema**, 04 de novembro de 1960.

conseguiu arrecadar um bom dinheiro para o departamento de futebol. Os torcedores que foram acompanhar o “iluminado” amistoso, saíram felizes com a vitória da esquadra rubro-negra pelo placar de 1x0 contra o time potiguar. Na fotografia abaixo, temos uma das torres de iluminação do estádio:

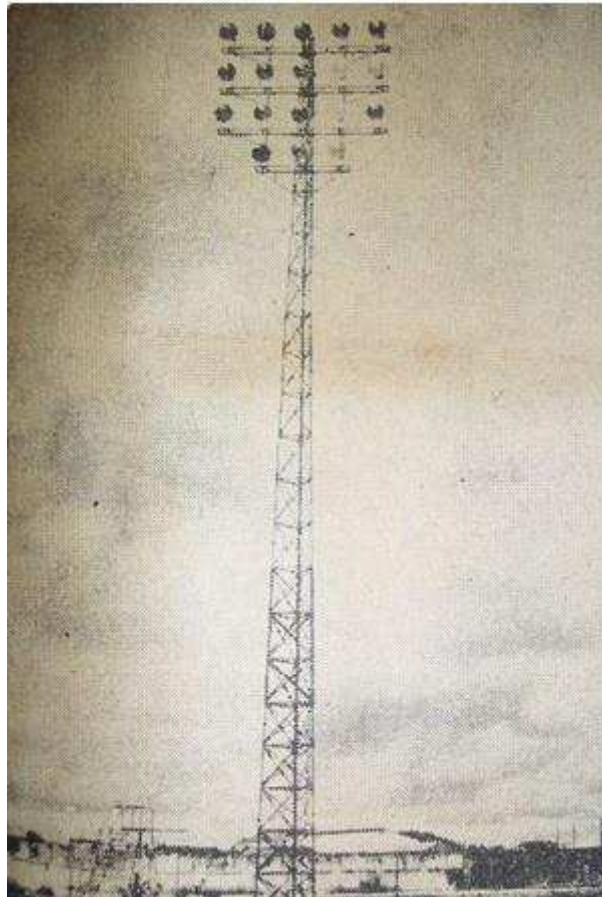


Foto 6: Torre de iluminação do Estádio Plínio Lemos.

Fonte: <http://globoesporte.globo.com/pb/campinense-100-anos/noticia/2015/03/inaugurado-pelo-rival-plinio-lemos-vira-casa-do-campinense-por-41-anos>.

Com os investimentos feitos pelas diretorias dos dois clubes, a sociedade e a imprensa local comemoravam o sucesso dos times da cidade pelo emprego das melhorias nos estádios locais. Nenhum clube paraibano possuía praças esportivas tão bem estruturadas como as agremiações serranas. Para a imprensa não era apenas uma conquista das equipes, mas era um bem do município.

Além de cuidar do patrimônio físico, era necessário disputar espaço contra os clubes da capital, por isso os atritos começaram contra a instituição máxima do futebol paraibano, pois naquele momento Campina Grande ameaçava a hegemonia política e futebolística de João Pessoa.

Filiação e atritos com a Federação Paraibana de Futebol

“João Pessoa é a capital do Estado, Campina Grande é a capital do futebol”. Essa é uma das frases que flanam no imaginário do torcedor campinense. Em época de clássico contra o Botafogo da capital, os raposeiros e trezeanos gritam pelos quatro cantos da cidade frases provocativas contra os pessoenses. Desde 1960 até hoje, o Campinense e o Treze são os maiores vencedores do campeonato paraibano. Antes da participação das duas equipes, o Botafogo reinava no certame estadual.

Somando todas as edições do campeonato organizado pela FPF, o time litorâneo é o maior campeão do Estado. São 27 títulos para os pessoenses, 21 para os raposeiros e 15 títulos para os trezeanos. Contando de 1960 até o presente momento, os raposeiros levam a melhor, são 21 títulos, contra 16 do Botafogo e 12 do Treze. Esses dados nos revelam que desde a profissionalização e participação efetiva dos times de Campina Grande no campeonato, a cidade arrastou o título de capital do futebol paraibano.

Apesar do Botafogo ter sido um dos primeiros times a fazer a transição do amadorismo para a profissionalização, os investimentos não foram suficientes para bater de frente com os times da serra da Borborema. A força dos grupos políticos e econômicos fizeram com que Campinense e Treze crescessem rapidamente para o futebol estadual e brasileiro.

Na manhã de 23 de janeiro de 1960, o presidente da FPF, tenente coronel Clodoaldo Passos Filho, sobe a serra e chega à Campina Grande com a intenção de acertar a participação dos times da cidade no campeonato estadual. À reunião só compareceram o Treze e o Paulistano, clubes que já tinham jogado o certame em anos anteriores. Porém, para surpresa do presidente, os clubes não confirmaram presença na edição daquele ano, pois as propostas feitas pelo coronel não foram satisfatórias. Segundo a imprensa local,

“A proposta do Presidente da FPF de condições financeiras em igualdade para os clubes daqui e da nossa capital, o assunto ficou encerrado, pois de forma alguma as representações de Campina Grande concordariam com essa modalidade, tendo em vista o preço elevado dos seus atletas em relação com os que militam no futebol do Estado. (...) Como o único argumento a favor do certame estadual, o dirigente da Federação lembrou aos representantes do Treze e do Paulistano que ao campeão estadual caberá a honra de representar o

nosso Estado na “Taça Brasil”. ” (Diário da Borborema, 23 de janeiro de 1960).

O desentendimento com o representante maior da federação, não se restringe apenas às vantagens ou desvantagens que os clubes da cidade iriam receber, mas principalmente à rivalidade histórica entre Campina Grande e João Pessoa. Para os campinenses a LDC, tinha maior influência política no mundo futebolístico, além de defender os interesses dos clubes locais. Já a FPF, declaradamente preocupava-se em beneficiar os times da capital do estado, principalmente colocar os “mandos de campo” em João Pessoa, favorecendo os times litorâneos que não gastariam dinheiro com o deslocamento para outras cidades do estado, neste caso para a Rainha da Borborema.

Apesar do vai e vem entre os dirigentes serranos e praianos, mesmo sem comparecer à reunião com o presidente da Federação, o Campinense Clube confirma presença no certame de 1960. Aceita a proposta de Clodoaldo Passos Filho para a diretoria cartola, era necessário conquistar o Estado, expondo o clube para toda a Paraíba. Outro fator que atraiu o rubro-negro foi o fato de que o campeão do certame era selecionado para a Taça Brasil, o campeonato nacional da época.

Representando Campina Grande no certame estadual, o início do rubro-negro foi promissor, as vitórias começaram a atrair o público da cidade aos jogos, além de gerar verba para a instituição com a bilheteria das partidas. A equipe rapidamente tornou-se uma das favoritas ao título, mas um clima de indecisão ofusca o campeonato que se arrastava para o ano seguinte.

Em janeiro de 1961, as eleições para a entidade esportiva trouxeram um clima de incerteza para o futebol estadual. O pleito foi tenso e acirrado; de um lado o candidato da situação, Walfredo Marques, que tinha como opositores o Major Junqueira e Genival Meneses.

Durante um período de dois meses, o futebol paraibano ficou na expectativa de saber quem comandaria a maior entidade do futebol estadual. Como previsto, o candidato da situação venceu e prontamente deu seguimento ao torneio, além de começar o planejamento do campeonato paraibano de 1961.

Para as diretorias de Campinense e Treze, não importava o nome que representava a FPF, mas quais as mudanças e vantagens que ele traria para os times da rainha da Borborema; afinal, a entidade privilegiava os times litorâneos, esquecendo os principais nomes do futebol do Estado.

Segundo o cronista esportivo Josusmá Viana, que visitou o recém presidente da federação, a política da FPF estava mudando em relação aos times de Campina Grande, principalmente porque a gestão anterior tinha “enrolado” os clubes da cidade.⁴⁴ Para Viana, era necessário profissionalizar ainda mais a gestão da FPF, para isso era necessário esquecer as rivalidades clubistas, apoiar a imprensa esportiva e valorizar os atletas locais.

Uma das medidas mais polêmicas adotadas pela instituição foi a cobrança de uma taxa de 20% das rendas das entidades jornalísticas que cobriam o futebol paraibano. A outra ação foi a confusa tabela do campeonato paraibano: a federação marcou os jogos para os mesmos dias dos jogos da “Taça Brasil”, prejudicando assim o Campinense Clube, time que representava a Paraíba no certame nacional.⁴⁵

Como se não bastasse, a federação estava querendo contratar árbitros do sul do país para apitar os jogos do campeonato paraibano. A alegação era a de que os árbitros locais tinham péssimas atuações em partidas decisivas, desagradando os times que sempre criticavam o “homem do apito”. Ao saber dessa medida, os árbitros paraibanos ameaçaram paralisar o certame, promovendo uma greve por causa das medidas autoritárias adotadas pelo presidente Walfredo Marques.⁴⁶

Com as ameaças de paralisação, a união dos clubes, jornalistas e árbitros, a federação paraibana cancela todas as modificações propostas pelo presidente da instituição, prometendo, assim, manter o campeonato paraibano nos moldes dos anos anteriores.

Em meio às mudanças políticas da FPF, o Campinense Clube torna-se campeão paraibano, modificando o cenário esportivo do Estado e mostrando um dos

⁴⁴ **Diário da Borborema**, 25 de janeiro de 1961.

⁴⁵ **Diário da Borborema**, 07 de junho de 1961.

⁴⁶ **Diário da Borborema**, 13 de junho de 1961.

primeiros frutos da profissionalização do clube que, embora jovem, conquista seu primeiro título expressivo.

No tópico seguinte, mostraremos como as equipes da cidade ganharam espaço no cenário estadual, ganhando campeonatos, promovendo atletas e acirrando uma rivalidade que ultrapassou as quatro linhas do gramado.

2.3 - Campina Grande: Capital do futebol

“Futebol é bola no barbante, a alegria das multidões...”⁴⁷

A cidade serrana e sua mania de grandeza consegue guardar vários adjetivos incorporados pelos discursos políticos das suas elites. Capital do trabalho, da paz e capital do futebol paraibano. Desde a profissionalização das equipes da cidade, seus dirigentes não pouparam esforços para tornar o futebol campinense campeão, desbancando os clubes de João Pessoa, como Botafogo, Auto Esporte e Santos.

A rivalidade entre os clubes de Campina Grande e a Federação Paraibana foi aumentando durante toda a década de 1960, culminando com a separação das equipes serranas da instituição em 1969/70. Mas antes de adentrar nesse fato, devemos mostrar como ocorreu o crescimento dos clubes campinenses chegando ao seu ápice com o hexacampeonato e o título invicto.

Em meio ao caos criado pela Federação paraibana, devido à desorganização do campeonato, os times de Campina Grande seguiam guardando a “bola no barbante”. É bem verdade que o meio político influenciava dentro das quatro linhas, principalmente quando a comunidade pessoense, representada pelo Botafogo litorâneo, sentiu-se ameaçada com a estrutura dos times da Rainha da Borborema.

Desde a fundação da FPF, os times de João Pessoa eram, em maioria, os principais participantes do campeonato. Botafogo, Auto Esporte, Estrela do Mar, Santos, dentre outros, disputavam o título estadual que naquele momento era valorizado apenas pelas equipes que faziam parte do eixo litorâneo.

Os times serranos não participavam do certame estadual, pois para os maiores o campeonato da cidade era mais importante do que o estadual. Na cidade conhecida

⁴⁷ Trecho do hino do Campinense Clube.

pelo crescimento econômico e pela força política, o futebol local era visto com grande status. Por isso, conquistar o título futebolístico da Rainha da Borborema era algo mais importante do que o título estadual.

Por conta de valores financeiros, a diretoria trezeana achou inviável participar do primeiro certame da década de 1960, afastando-se do campeonato estadual. Porém, para a equipe galista os torneios regionais e municipais eram mais lucrativos, além de poder contar com a presença e força da sua torcida a distância percorrida para as cidades circunvizinhas baixava o custo das viagens, controlando assim os gastos do clube. A cúpula alvinegra considerava o campeonato estadual deficitário, principalmente pela desorganização, pois o certame costumava se arrastar e não terminava dentro do prazo previsto. Naquele período, foram organizadas excursões pelos estados do Nordeste como Bahia, Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Norte, culminando na conquista da taça “Desembargador Tomás Salustiano.”⁴⁸

O curioso é que a desculpa utilizada pela diretoria galista, para não participar do campeonato estadual, não era convincente, pois as excursões eram mais caras do que os gastos com o certame paraibano. Na verdade, o Treze já estava firmado no cenário futebolístico nordestino e não precisava dos torneios organizados pela FPF para se postar simbolicamente como grande equipe ou para arrecadar verbas para colocar suas finanças em dia. Para o pesquisador Mario Vinicius, até a instituição máxima do futebol paraibano já tinha dito que “era necessário observar o Treze, que se dava ao luxo de não disputar o Campeonato Estadual e, apenas com a realização de amistosos, tinha suas finanças em dia”.⁴⁹

Para a diretoria cartola do Campinense, era necessário apresentar-se como força do futebol paraibano; por isso, a agremiação, mesmo sabendo do déficit que o campeonato paraibano gerava aos clubes, entendeu que era o momento de disputar o certame e medir forças contra as outras equipes do estado.

Visando ganhar o cenário estadual, a esquadra rubro-negra de Campina Grande seguiu sua jornada rumo ao primeiro título paraibano. Para isso era necessário ganhar dos principais times de João Pessoa, além de “peitar” a federação

⁴⁸ MEDEIROS, Mario Vinicius Carneiro. **Treze Futebol Clube: 80 anos de história**. João Pessoa: União, 2006. P. 139.

⁴⁹ *Idem*. P. 139.

paraibana, que naquele momento defendia os interesses dos clubes litorâneos que durante muito tempo movimentaram e dominaram o certame estadual.

Em 1960/61, o Campinense Clube disputou sete partidas, com seis vitórias e uma derrota, os destaques foram as goleadas em cima do Botafogo – JP por 5x0 e no time dos Comercários – JP por 11x0. Para a imprensa da cidade, o Campinense Clube era o favorito ao título, pois

“A invencibilidade foi mantida mais pela fraqueza dos adversários do que pela categoria dos seus próprios conjuntos. É bem verdade que em algumas partidas o Campinense, de maneira especial, mostrou o seu favoritismo ao título, às vezes correndo bem para poder vencer. Mas de um modo geral, não atingiu o máximo do seu futebol. (...) Sem querer ser profetas, arisquemos, dentro da lógica um palpite a favor do Campinense Clube em função de sua superioridade técnica no atual campeonato.” (Diário da Borborema, 26 de outubro de 1960)

Não demorou muito para que o palpite fosse confirmado, apesar do período de paralisação, entre dezembro de 1960 e a segunda semana de janeiro de 1961, o retorno do certame só confirmou a boa fase e os investimentos feitos pela diretoria cartola, que comemorou o primeiro título raposeiro depois da estruturação do profissionalismo. Na foto abaixo, temos a equipe campeã paraibana de 1960



Foto 7: Da esquerda para a direita: Braga, Cazuzza, Nelson, Salomão, Preta, Massagana, Zé

Luís, Toinho, Zezinho Ibiapino, Chiclets e Tonho Zeca.

Fonte: <http://campinensepedia.blogspot.com.br>.

Boa parte desse time renovou seus contratos com a diretoria aristocrata, com exceção de “Chiclets”, que como já foi dito, foi negociado em 1962 com a Portuguesa Paulista, time tradicional do Estado de São Paulo. Outro atleta que deixou o clube foi o atacante Nogueira, que recebeu uma proposta do Treze e mudou de equipe, recebendo um salário de 40 cruzeiros para deixar o clube aristocrata.⁵⁰

Com a conquista do campeonato paraibano, o Campinense Clube carimbou sua participação na Taça Brasil, tornando-se o primeiro clube paraibano a participar de uma competição nacional, esse fato colocou o Campinense entre os grandes clubes do estado e principalmente da cidade, pois agora Campina Grande possuía dois grandes clubes para representar o município.

Antes da estreia da equipe cartola na Taça Brasil, um problema surgiu no caminho dos rubro-negros. A FPF estava em débito com a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), esse fato era motivo para eliminação da equipe paraibana do certame nacional. Inconformados com a irresponsabilidade da entidade estadual, a diretoria cartola começou uma série de encontros com o presidente da instituição, logo reuniões foram feitas às pressas na tentativa de resolver o problema de forma rápida e não atrapalhar a estreia do Campinense Clube. Segundo a imprensa local,

“Descaso da Federação causou revolta nos meios esportistas campinenses – Campeonato Paraibano disposto a jogar todas as partidas em campos adversários - poderá ser feito uma “vaca” entre os desportistas serranos para pagar as dívidas da Federação. (...) uma dívida de um pouco mais de 30 mil cruzeiros. ” (Diário da Borborema, 21 de julho de 1961)

Com as pressões da imprensa campinense, alinhada às críticas da diretoria cartola, a FPF saudou o débito com a CBD, que imediatamente respondeu por meio de telegrama a liberação do Campinense Clube para participar da Taça Brasil. Resolvido o problema, a diretoria cartola, juntamente com a comissão técnica e seus jogadores foram para Alagoas enfrentar o time azulino (CSA).

A estreia da equipe cartola na Taça Brasil mobilizou a imprensa campinense. Uma equipe de jornalistas foi para Alagoas transmitir o primeiro jogo dos raposeiros.

⁵⁰ **Diário da Borborema**, 08 de fevereiro de 1961.

A comitiva, formada por Joselito Lucena, Josusmá Viana e seus assessores, estava ansiosa para a primeira transmissão interestadual.

As propagandas no rádio e no Diário da Borborema convidavam os torcedores a acompanhar a jornada esportiva do Campinense Clube. Aliás, os jornalistas viajaram com o clube para cobrir todos os passos da estreia rubro-negra.

Em uma partida tensa e muito complicada, a equipe cartola não tomou conhecimento do Centro Sportivo Alagoano, vencendo assim a partida de virada pelo placar de 3x2. O destaque do jogo foram os meias Zeca e Zezinho Ibiapino, que comandaram a reação raposeira levando a vantagem para Campina Grande.

Apesar da boa vantagem, o time cartola teve um jogo complicado no estádio Plínio Lemos. O CSA, segundo a imprensa local, apelou para a violência, dificultando o volume de jogo da equipe raposeira. Mesmo assim, o Campinense conseguiu vencer o time alagoano por 2x1, garantindo vaga para a próxima fase.

Porém, a partida não tinha terminado naquele momento. O Centro Sportivo Alagoano, abriu um processo contra o Campinense, alegando que a equipe cartola não foi profissional, pois não regularizou o jogador Ronaldo que atuou as duas partidas de forma irregular. Mesmo ganhando o processo, o time alagoano recorreu ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), que retirou os pontos dos raposeiros, eliminando o time de Campina Grande da competição nacional.

Para a imprensa da cidade, o fato foi um grande desastre para o futebol profissional de Campina Grande, que de forma irresponsável foi eliminado no “tapetão”, para o clube azulino. Segundo o Diário da Borborema,

“Está aí o resultado do Tribunal Especial da CBD a respeito do caso Ronaldo. Vitória do protesto formulado pelo Centro Sportivo Alagoano e conseqüentemente desclassificação dos jogos da Terceira Taça Brasil. A irresponsabilidade de alguém que agiu não sei com que intenção levou o futebol paraibano a essa posição ridícula perante os olhos de todo o país, quando acabávamos de vislumbrar, com as brilhantes vitórias da Raposa, nos jogos inaugurais do certame, uma melhor posição no certame instituído pela CBD. ” (Diário da Borborema, 09 de setembro de 1961).

Apesar do vexame fora das quatro linhas e o abatimento de toda comissão técnica, a equipe rubro-negra voltou suas forças para o campeonato paraibano. O seu mais novo reforço era um velho conhecido da cidade, o técnico Álvaro Barbosa, que

depois de um ano volta ao futebol de Campina Grande com a intenção de conquistar o bicampeonato paraibano com os raposeiros.

Porém a tarefa não era fácil. Os times que confirmaram participação no campeonato paraibano como Treze, Botafogo, Paulistano, Santos e Auto Esporte, estavam bem preparados para a disputa. Mas um fato trouxe grande repercussão na Rainha da Borborema: a corrupção envolvendo os árbitros de futebol da Paraíba, que “supostamente” recebiam propinas para beneficiar o Botafogo.

O fato foi exposto no Diário da Borborema, no mês do clássico “Tradição”, como era conhecido a partida entre Treze e Botafogo. Segundo a imprensa, o fato ocorreu nas semifinais do campeonato paraibano, esquentando o clima do jogo. No dia 04 de outubro daquele ano, o Diário da Borborema, divulga uma matéria alegando a tentativa de suborno do time pessoense com o árbitro da partida. O clima tenso, pairou sobre as duas cidades, acirrando ainda mais a rivalidade entre Campina Grande e João Pessoa, a matéria do jornal dizia que

“(…) o conhecido apitador Antônio Barroso, do quadro de árbitros da Liga de Desportos Campinense, contando-nos uma história que ficamos verdadeiramente estarecidos. Trata-se da tentativa de suborno feita em João Pessoa, ante ontem, por um “desportista” não identificado pelo mediador, para que Barroso modificasse o andamento da partida entre Botafogo e Treze, domingo vindouro, em favor da agremiação da Capital do Estado”. (Diário da Borborema, 04 de outubro de 1961).

Na linguagem futebolística, “modificar” o andamento do jogo é inverter situações e favorecer um determinado time durante o decorrer da partida. Expulsar, marcar faltas inexistentes, validar gols irregulares ou anular lances legais, compõe o leque de “jogo sujo” que infelizmente é comum na história do futebol.

Como já foi mencionado anteriormente, o futebol carrega características da sociedade em que ele está inserido, sendo assim, valores sociais ou quebra de princípios morais são encontrados na sociedade, fazendo com que o esporte reproduza tais atos.

O jogo foi adiado pela Federação Paraibana, porém a justificativa do presidente Walfredo Marques, não tinha nenhuma ligação com o suposto suborno ao árbitro da partida, mas sim a um pedido de requisição da praça esportiva para os jogos Ginásio Colegiais, que aconteceria na cidade de João Pessoa, local destinado ao clássico

tradição. Para a imprensa campinense, o presidente da FPF feria o regulamento da competição, pois o décimo artigo prevê tomada da praça esportiva apenas para os jogos da Taça do Brasil.⁵¹

Essa ação, era uma forma que o presidente da federação tentou fazer para ludibriar os clubes e a imprensa campinense, segundo a justiça desportiva da época, esse fato se comprovado poderia excluir o time litorâneo do certame estadual. A diretoria galista não abriu o processo, pois estava disposta a derrubar o Botafogo dentro das quatro linhas.

No dia 08 de outubro, a partida finalmente aconteceu. Apesar da vitória galista por 2x0, o destaque do jogo foi a violência dos jogadores botafoguenses que “bateram” a partida inteira nos atletas trezeanos. A violência dentro das quatro linhas era um sinal de amadorismo e de desrespeito, afinal, no futebol considerado moderno todos os atletas são considerados companheiros de profissão, por isso, machucar violentamente um jogador da equipe adversária, seria uma forma de desconsideração, pois o atleta contundido não teria como trabalhar momentaneamente, podendo ficar inutilizado para o mercado futebolístico.

O jogador de futebol profissional, na década de 1960/1970, tinha uma carreira muito curta. Chegando aos trinta anos e sendo considerado “velho” para a prática esportiva, pois

“ (...) se uma bolada fizer que desmaie de mau jeito, ou o azar lhe estourar um músculo, ou um pontapé lhe quebrar um desses ossos que não tem conserto. E um belo dia o jogador descobre que jogou a vida numa só cartada e que o dinheiro evaporou-se, e a fama também. A fama, senhora fugaz, não costuma deixar nem uma cartinha de consolo. ” (GALEANO, 2012, p. 11)

Por isso, os clubes que se profissionalizaram criaram uma estrutura médica para acompanhar o corpo dos atletas, preservando a saúde física e mental dos jogadores e esticando ainda mais a carreira do profissional que vai em média até os trinta e cinco anos de idade.

Apesar das tentativas de manobrar o resultado da semifinal e de agredir os companheiros de profissão, os atletas trezeanos saíram ilesos da partida. A equipe

⁵¹ **Diário da Borborema**, 06 de outubro de 1961.

galista foi para a final do campeonato paraibano de 1961 com o Campinense Clube. A primeira final do certame entre times serranos, o título já era comemorado na cidade, pois Campina Grande conseguiu derrotar as forças pessoenses e se postar como uma grande força futebolística do estado.

Na cidade, as duas torcidas acirravam o clima do jogo. Os alvinegros se apegavam à tradição da equipe e à força da sua torcida, enquanto os raposeiros apostavam no time rápido e nos investimentos feitos durante o ano. O primeiro jogo, segundo a imprensa local, foi fraco, pois o nervosismo dos atletas acabou prejudicando o espetáculo futebolístico, por isso a decisão ficaria para o segundo jogo.

No dia 10 de dezembro daquele ano, a Rainha da Borborema “parou”. O encontro final ocorreu no estádio Plínio Lemos, com o apito do árbitro Antônio Paes. A esquadra rubro-negra entrou com Cazuzza, Braga, Nelson, Salomão, Preta e Massanga; Zezinho, Zeca, Chiclets, Ibiapino e Clóvis (Araponga). O time galista se apresentou com Biu; Milton (Ivo) e Grilo; Germano, Gonzaga e Manuelzão; Evilázio, Rui, Saquinho, Rinaldo e Ruivo.⁵²

Desde o primeiro minuto, o jogo “pegava fogo”, as torcidas gritavam animando seus atletas e transformando a partida em uma festa. Flâmulas, camisas e bandeiras coloriram o estádio municipal, que recebeu uma das finais mais bonitas até aquele momento. Animados por estarem jogando em casa, a equipe cartola não tomou conhecimento dos alvinegros, e ainda no primeiro tempo marcou dois gols com Ibiapino e Tonho Zeca. No final da primeira etapa o Treze descontou com Evilázio, mas o Campinense Clube tornara-se bicampeão paraibano de futebol.

A torcida carregou nos braços os atletas, assim como Álvaro Barbosa, o técnico da equipe raposeira. Fogos de artifício brilhavam no céu do bairro do Zé Pinheiro, homens e mulheres choravam com o bicampeonato, a diretoria cartola prometeu um “bicho” aos jogadores pela vitória. Segundo a imprensa da cidade, os atletas titulares receberiam 10 mil cruzeiros, o técnico 20 mil cruzeiros⁵³ e os jogadores reservas 4.500 cruzeiros⁵⁴.

⁵² **Diário da Borborema**, 12 de dezembro de 1961.

⁵³ Essa quantia, entrava como um aditivo salarial, porém, não era registrada na carteira de trabalho dos jogadores.

⁵⁴ **Diário da Borborema**, 18 de outubro de 1961.

A chegada dos dois times de Campina Grande à final do campeonato paraibano, firmou os clubes no cenário estadual, além de demonstrar a estrutura profissional das agremiações serranas. Nesse momento, o futebol da Rainha da Borborema deixava de ser uma promessa e tornava-se uma realidade no palco verde paraibano.

2.4 - “O meu time é a alegria da cidade”: O auge do futebol de Campina Grande.

A profissionalização do futebol na Rainha da Borborema rapidamente trouxe bons resultados à cidade. Do ponto de vista estrutural, os estádios Presidente Vargas e Plínio Lemos tornaram-se as melhores praças esportivas da Paraíba, apresentando uma estrutura até então pouco vista no Nordeste. Iluminação noturna, apartamentos para concentração, piscinas, estacionamentos, espaços para outras atividades físicas e um bom número de arquibancadas, chamavam a atenção dos amantes do futebol de todas as regiões circunvizinhas.

As condições salariais não eram as melhores, pois o atleta que tinha a intenção de ganhar dinheiro com o futebol precisava sair das terras paraibanas para outras regiões. Apesar de Campina Grande ser uma das cidades do interior que mais cresciam economicamente e de seus clubes pagarem os salários em dia e cumprir com as obrigações trabalhistas, os jogadores recebiam apenas um salário mínimo e as premiações, diferentemente de boa parte dos atletas do eixo sul/sudeste do país.

Mesmo com alguns contratempos, o futebol profissional de Campina Grande rapidamente ganha destaque no estado. Se anteriormente, as forças do esporte bretão estavam na capital, agora era necessário subir a serra para encontrar os melhores times da Paraíba.

Em meio à organização de mais um campeonato, a FPF passava por um mais um processo eleitoral, que conduziu Genival Leal à presidência da instituição. Uma das primeiras medidas tomadas pelo novo gestor foi a compra de duas máquinas registradoras e duas catracas “borboletas” para os portões do estádio Leonar Silveira, em João Pessoa, a proposta do presidente era evitar as invasões feitas pelos populares que não tinham condições financeiras de pagar ingresso.⁵⁵

⁵⁵ **Diário da Borborema**, 07 de fevereiro de 1962.

Como já era esperado, mais uma vez a final do Campeonato Paraibano de 1962/63 foi disputado entre Campinense e Treze, que apesar de chegarem à final passavam por problemas internos. Saída de treinador e jogadores, causaram brigas internas entre a comissão técnica e atletas, eram divulgados nas crônicas e resenhas esportivas da cidade.

O treinador da equipe cartola, Álvaro Barbosa, recebeu uma boa proposta salarial do Central de Caruaru e pediu para deixar o comando do rubro-negro, que rapidamente contratou o treinador de Astrogildo Nery. Mesmo com a chegada de outro profissional, o time não perdeu o estilo de jogo, mantendo sua base tática, sempre ofensiva e de muita qualidade.

Já no bairro do São José, os atletas do Treze brigavam, causando uma crise no time alvinegro. A confusão acabou prejudicando a preparação para a grande final do certame. Segundo a imprensa

“Tendo o técnico Vavá demorado a chegar no treino, vários jogadores deixaram o estádio “Presidente Vargas”, por volta das oito horas e trinta minutos. Quando iam saindo, chegou o técnico e somente Pereira voltou ao campo. Os que saíram foram multados. Na hora do pagamento, Biu (um dos que saíra) esbofeteou Pereira nas “barbas” de todo mundo e dentro da sede (...). Outro que cometeu indisciplinas foi o centro médio Marques, que vinha até então surpreendendo pelo seu excelente comportamento. Tentou agredir o técnico Vavá num dos treinos e foi multado em sessenta por cento dos seus rendimentos”. (Diário da Borborema, 07 de abril de 1963).

Ainda em meio a esse caos no elenco trezeano, o jogador Lelé pediu rescisão depois de ter agredido o jovem atleta dos aspirantes, todas essas ações desconcentraram o time galista. A desordem estava instalada no grupo do Treze, fazendo com que a diretoria acusasse o treinador de falta de autoridade.

Dentro de campo, não deu outro resultado, o Campinense venceu o Treze pelo placar de 2x1 e conseguiu o tricampeonato paraibano. Um dos destaques do time o atacante Zé Luís, foi transferido pelo valor de 1 milhão e 200 mil cruzeiros, tendo seu passe vendido para a Portuguesa.

Do lado alvinegro, todos os jogadores tiveram seus contratos rescindidos, sendo desprezados pelos dirigentes trezeanos. A maioria dos atletas viviam do futebol para sustentar suas famílias, por isso, no final dessa temporada, as luzes do estádio

Presidente Vargas foram apagadas e com elas vários trabalhadores do mundo da bola ficaram desempregados.

Naquele período, os jogadores de futebol eram tratados como mercadorias, sendo negociados ou descartados entre as diretorias. Muitas vezes não tinham o controle do próprio destino futebolístico, indo jogar em locais indesejados. Outro problema enfrentado pelos jogadores era o tempo de descanso de uma partida para a outra. Na maioria das vezes, esse período de recuperação física que é de 72 horas não era respeitado, o que gerava problemas físicos para os profissionais da bola.

Em Campina Grande, no final de ano, as equipes liberavam seus atletas para os festejos do período. Os jogadores tinham direito às férias, recebendo salários proporcionais ao período de descanso. Mas na Paraíba a lei do Conselho Nacional de Desportos era descumprida, segundo o Diário da Borborema

Desrespeitando uma lei do Conselho Nacional de Desportos, o Campeonato Paraibano vai prosseguir domingo vindouro em pleno período destinado a férias dos jogadores (...) Apesar da determinação os clubes não concederam férias aos seus atletas, devendo mesmo prosseguir nos treinamentos. (Diário da Borborema, 19 de dezembro de 1962)

Por não terem seguido a lei, as equipes paraibanas que atuaram durante o período de férias dos seus atletas tiveram os jogos anulados. A decisão do Conselho Arbitral foi um acordo com as agremiações, que em parte não sofreram nenhuma punição severa. Esse fato expõe como os jogadores profissionais eram desvalorizados e desrespeitados no Brasil, alimentando uma cultura escravista e de exploração das classes trabalhadoras.

Mesmo desrespeitando a CND, os clubes estabeleceram a apresentação de seus atletas para a primeira semana de janeiro. Nesse período, os jogadores seguiam uma maratona de exercícios físicos de pré-temporada. Os trabalhos do início de ano eram desagradáveis para os atletas, não existiam diferenças das atividades físicas dos quartos para os testes de um clube, por isso, fisicultores, como eram chamados os professores de educação física da época, eram contratados para deixar a “perna dos atletas mais leve”, além colocar toda a equipe em ritmo de jogo.

Toda a preparação de uma pré-temporada resultava em uma equipe mais forte, com maior velocidade e dentro dos padrões atléticos. Por isso, neste ponto,

Campinense e Treze estavam à frente dos seus rivais, pois naquele período eram poucas as agremiações com uma preparação física feita por um profissional da área, já que os treinadores eram responsáveis pelos treinos físicos e táticos.

Os investimentos em jogadores e comissão técnica começaram a render bons frutos, e em pouco tempo as duas equipes conquistaram os títulos mais importantes de toda a Paraíba, o Hexacampeonato e o Campeonato Invicto, coroando Campina Grande como o palco do futebol.

“É da Paraíba Hexacampeão x O único campeão invicto paraibano”.

“Mas será suficiente fazer tudo, e exigir da sorte um resultado infalível?”

(Carlos Drummond de Andrade)

Até para os mais céticos, existe sorte no futebol. É verdade que a fórmula mais certa de alcançar a vitória é com os treinamentos, uma combinação de aprendizado, disciplina, resiliência e persistência. Mas aqui e acolá existe um lance que não pode ser explicado, pois foge aos padrões científicos, entrando no campo “religioso” do esporte.

Uma bola que beija a trave e entra de mansinho no canto do goleiro, dando um título ao clube, faz parte dos vários lances de sorte que o futebol proporciona. Ou vai dizer que a sorte não andou com Taffarel na Copa do Mundo de 1994? Castigando a carreira de Roberto Baggio e tornando o Brasil tetracampeão mundial? A sorte não seleciona ninguém, ela flana pelo gramado a mando dos deuses do futebol que às vezes muda de opinião só para contradizer os comentaristas. O futebol tem esse poder, consegue transformar ateus em verdadeiros fiéis do seu clube.

Mas quando falamos em diferenças sociais, a sorte raramente anda do lado os pequenos. Por exemplo, as equipes com os melhores jogadores, condições de trabalho e organização estrutural, são favoritas às conquistas dos campeonatos regionais ou nacionais, pois o investimento econômico é maior, chegando ao disparate de um jogador possuir um salário que cobre a folha de pagamento das equipes com investimento baixo. Esse fato é comum em todos os campeonatos espalhados pelo mundo.

No Brasil, não podemos comparar os investimentos dos times do sul/sudeste do país com as equipes do Nordeste, pois quanto mais desenvolvida economicamente é a cidade, maior o capital que circula no futebol, afinal, o esporte também movimenta um comércio lucrativo para os clubes, cartolas, fornecedoras de material esportivo, federações e alguns jogadores.

Na Paraíba, a cidade que mais crescia economicamente, como já foi dito antes, era Campina Grande. Com os investimentos das elites locais no futebol da cidade, especificamente no Campinense e no Treze, não tardou muito e os clubes conquistaram o seu espaço no campeonato estadual, desbancando a força dos times de João Pessoa, especialmente o Botafogo.

O torcedor da Rainha da Borborema até hoje comemora os títulos conquistados na década de 1960; o hexacampeonato e o campeonato invicto percorrem o imaginário do torcedor, ultrapassando gerações e servindo de símbolo estampado nas bandeiras, camisas e hinos das agremiações.

Como o leitor já percebeu, em um curto período de tempo, o Campinense Clube tornou-se campeão do certame estadual e nos anos seguintes também conquistou o campeonato. Não iremos contar a história dos seis títulos, pois a nossa intensão não é essa, mas mostraremos que com o advento da profissionalização o clube foi crescendo dentro e fora do cenário futebolístico. Dentro das quatro linhas o time a ser batido, fora dos gramados e juntamente com o Treze, uma das diretorias mais fortes da Paraíba, chegando a bater de frente com a federação.

Consideramos essa fase do futebol da cidade como o ápice da profissionalização. Pela organização dos clubes, a movimentação das diretorias e os títulos conquistados que enalteceram o futebol de Campina Grande e o crescimento da cidade.

O fortalecimento do time e os investimentos nos estádios da cidade fizeram com que os clubes rapidamente derrubassem a hegemonia litorânea, tornando Campina Grande a capital do futebol. O Campinense, apesar de possuir uma diretoria elitizada, conservadora e ainda ligada aos ideais aristocratas, foi abraçado por torcedores de várias classes sociais, principalmente depois dos campeonatos conquistados e por se localizar no bairro do José Pinheiro, bairro popular da cidade.

Dessa odisséia futebolística, apenas dois títulos foram conquistados jogando contra o Botafogo, os outros quatro foram jogados contra o Treze, aumentando a rivalidade entre as torcidas e as diretorias.

O tricampeonato foi conquistado em mais uma disputa contra o Treze, em meio a muitas polêmicas entre os maiorais. A diretoria galista acusava, por meio da imprensa, o Campinense de tentar subornar o árbitro da partida, que por outro lado, negava as falsas especulações. A cúpula cartola não respondia às acusações do maior rival, esperando o fim do campeonato para poder se defender. Segundo Lamir Mota, uma das maneiras de perturbar a diretoria trezeana era espalhando boatos pela cidade. Eles faziam o seguinte

Nós tivemos um dirigente no Campinense Clube, que ele tinha uma criatividade muito grande, era Ailton Sabino. Eu, Ailton Sabino, “Menininho”, Zezito Ribeiro, e vários outros dirigentes...a gente ia a terreiro aqui em Campina Grande e espalhava que ia subornar um jogador do Treze. Na praça, no São José, muitas vezes, o que tinha de trezeano escondido... pra ver se realmente a gente ia. Então, Zezito Ribeiro ia com uma caminhonete e uma geladeira em cima com um empregado dele, ou de outra pessoa qualquer, aí o empregado gritava tudo combinado... “não pode não seu Zezito! Lá vem gente! ”. Aí ele disparava na caminhonete. ” (MOTA, 2017)

Porém, segundo o pesquisador Mario Vinicius, o Campinense comprava jogos importantes, principalmente finais de campeonatos. No seu livro, ele relata o seguinte fato,

“Um ex-diretor do Treze da década de 1960 (que pediu para não ser identificado) contou que: “o alambrado do Leonardo Siqueira precisava de reparos. Recebi um telefonema de um certo diretor da FPF, pedindo uma colaboração de tantos rolos de arame para a restauração de mesmo, o que eu neguei, pois não tínhamos a obrigação de recuperar estádio alheio, ainda mais em outra cidade. A resposta foi rápida: “Pois um Fulano de Tal (citou o nome de uma pessoa ligada ao Campinense Clube) disse que vai doar tantos rolos. Eu acho que vocês perderam o campeonato. ” (MEDEIROS, 2006, p. 157)

As acusações entre as duas diretorias eram intensas, mas sem nenhuma prova. De fato, ocorreram “contrapropostas” para jogos decisivos. Não se sabe o jogo, o árbitro, time prejudicado ou beneficiado, mas na entrevista com o ex-dirigente Lamir Mota, ele nos disse que

“Eu nunca cheguei junto de árbitro...e eu quero que algum diga que eu já fui tentar subornar isso ou aquilo...não. Agora houve uma contrapartida de um negócio aqui que “Menininho” descobriu, esse eu

não posso relatar que a coisa tornou-se muito grave...grave demais. (MOTA, 2017).

Como em boa parte das instituições brasileiras, as “contrapartidas” fazem parte do cenário político, por isso não podia ficar de fora do esporte que como já foi dito, possui características da sociedade em que ele está inserido. Mesmo com essas acusações, o fato é que os investimentos no elenco do Campinense Clube foram superiores ao do Treze, fazendo com que o time se destacasse durante esse período.

Um dos diferenciais da política da diretoria cartola era manter a base do time, sustentando os principais jogadores e comercializando os que mais se destacavam. Outro ponto era com relação ao pagamento, os jogadores recebiam os vencimentos quinzenalmente e as bonificações nos finais dos jogos. Essa ação era uma das formas da diretoria de motivar os atletas antes dos jogos, logo dentro de campo não deu outro resultado, o Campinense venceu o Treze pelo placar de 2x1 e conseguiu o tricampeonato paraibano.

Nesse período, o atleta Santos do Treze, foi afastado do elenco galista. Segundo a diretoria, o jogador “teria recebido dinheiro de um certo apostador para “parar” no encontro amistoso contra o Náutico”⁵⁶. Porém, segundo o atleta, este fato não passava de armações da diretoria para não pagar seus vencimentos e bonificações. Então, para a “surpresa” dos diretores galistas, o jogador entrou na justiça do trabalho para cobrar salários atrasados, o “passe” e o décimo terceiro salário.

Mesmo com o amparo das leis trabalhistas, eram poucos os atletas que tinham coragem de processar os clubes, pois poderiam “sujar” seu nome no meio futebolístico e assim não conseguir nenhum contrato depois do fato. O caso de Santos, é um dos primeiros processos trabalhistas, envolvendo o futebol, aberto na Justiça do Trabalho de Campina Grande. A ação foi levada a Junta de Conciliação, na tentativa de chegar a um acordo para os dois lados.

No dia 24 de janeiro de 1964, o atleta retirou a “queixa” na Justiça do Trabalho, retornando ao grupo trezeano. Não ficou exposto o acordo feito entre as duas partes, mas o jogador foi incorporado aos treinos e voltou ao time titular da equipe alvi-negra.

⁵⁶ **Diário da Borborema**, 09 de janeiro de 1964.

Porém, depois daquele dia, Santos foi olhado de forma diferenciada pelos diretores de futebol da cidade, afinal, assim como a classe patronal, a elite galista ficou de olho na postura do atleta dentro do clube, vigiando sua conduta e postura na tentativa de evitar futuros problemas.

Por mais três temporadas o Campinense Clube seguiu ganhando o campeonato paraibano, tornando-se hexacampeão. No dia 19 de fevereiro de 1966, em pleno carnaval, ao final da tarde, todo o Nordeste conhecia o mais novo feito da esquadra rubro-negra de Campina Grande: O Campinense tornava-se hexacampeão paraibano de futebol.

O tapete do estádio Olímpico estava estendido para o time cartola, que com raça, garra e um futebol espetacular, venceu mais um campeonato, durante seis anos seguidos, o Campinense era o time a ser batido. O ponteiro “Debinha” recebeu a bola de Gilvam e partiu para consagrar seu nome na história. Um gol que marcaria as futuras gerações. Cinquenta anos se passaram e o torcedor raposeira ainda comemora o “hexa”.⁵⁷

Na imagem a seguir, temos o elenco hexacampeão paraibano de futebol. Um dos maiores feitos do futebol estadual.

⁵⁷ NETO, Marco Antônio da Silva Batista. **Jornal da Paraíba**, 12 de abril de 2015.



Em pé: Tonho Zeca, Janca, Tícarlos, Zé Preto, Augusto e Ivo.

Agachados: Zé Luís, Cocó, Rüter, Araponga e Aberlado Coco-Cola.

Foto 8: Plantel Hexacampeão paraibano.

Fonte: clicknoscampeoes.weebly.com

Em meio as comemorações do hexacampeonato, o Campinense passou por uma disputa eleitoral. Edvaldo do Ó, presidente do clube social, saiu candidato a presidente do departamento de futebol, mas acabou perdendo pois conquistou apenas 3 votos, ao contrário de Lamir que arrastou 67 sufrágios, em um total de 70 votantes. O rompimento entre Edvaldo e os outros diretores do clube, foi o estopim. Irritado, saiu da diretoria do Campinense e se candidatou a presidência do Treze, onde ganhou começou um novo projeto

O ex-dirigente do clube cartola conseguiu arrastar boa parte dos atletas rubro-negros, como Augusto, Cocó, Zezinho Ibiapino, Zé Luís e o ex-treinador Astrogildo Nery. Uma das promessas feitas por Edvaldo, foi empregar os jogadores em repartições públicas, onde com o final de suas carreiras, eles já garantiriam seu futuro longe do futebol.

Edvaldo do Ó era um homem bem articulado na cidade. Apesar de ter sido presidente do clube social do Campinense, sua família ajudou a fundar e administrar o Treze Futebol Clube, estreitando ainda mais as relações entre Edvaldo e a equipe

alvinegra. Uma das primeiras medidas tomadas pelo dirigente foi colocar novos refletores no estádio Presidente Vargas e equilibrar os cofres do galo, que passou a dispor de 75 milhões de cruzeiros para investir no time.

Porém, o que mais atraía os atletas era o fato de ser incorporado a uma instituição pública e o presidente galista tinha uma forte influência com as elites da cidade. Segundo Lamir Mota, um dos dirigentes que se desentendeu com Edvaldo do Ó,

“Quando houve a conquista desses títulos, Edvaldo do Ó, que foi presidente do Campinense Clube, foi para o Treze. Ele tinha uma influência política muito grande e conseguia...pois foi dirigente da CELB, de outros órgãos do governo municipal, foi Reitor da FURNE, então ele conseguia colocação para o pessoal.” (MOTA, 2017)

Para a família de Edvaldo do Ó, ele foi injustiçado e acusado de muita coisa, por isso, saiu pela “porta de trás” do Campinense Clube.⁵⁸ O prestígio do novo presidente do Treze trouxe mudanças estruturais para a administração galista, afinal, o dirigente acabou tomando o Campinense como referência e aplicou a gestão empresarial no clube.

Os resultados começaram a aparecer de imediato. O Treze decolou no certame estadual, sendo ameaçado unicamente pelo seu maior rival. O que mais chamava a atenção de todos na cidade era que a equipe alvinegra não tinha perdido uma partida sequer no campeonato paraibano, desbancado Campinense e Botafogo e conquistando o título de forma invicta.

No dia 11 de dezembro de 1966, os maiores se encontraram. O empate bastava para que o Campinense ganhasse o título, mas o alvinegro do São José estava disposto a desbancar o hexacampeão paraibano. Aos 25 minutos do primeiro tempo, Cocó “estufa” as redes do rubro-negro, levando o estádio Presidente Vargas à “loucura”. No segundo período, o galo gastou os minutos esperando o apito final, o Campinense nada pode fazer contra o toque de bola do alvinegro. Com o encerramento da partida, a torcida invade o gramado e começa a abraçar os jogadores. Depois de um longo período de jejum, o Treze conquista um título em cima do seu maior rival.

⁵⁸ Matéria promovida pelo globoesporte.com/pb/campinense-100-anos.

Na fotografia abaixo, temos a equipe galista campeã de 1966 de forma invicta. Um dos grandes feitos do futebol paraibano.



Foto 9: Elenco do Treze.

Fonte: <http://museudoesportedecampinagrande.blogspot.com>.

O Treze foi campeão com: Astrogildo Nery (treinador), Jarbas, Antônio Lopes, Salvador, Zeca, Tomires, Romildo, Zoroá, Soares, Augusto, Cordeiro, Lima, Martinho, Marcos, Aldemir, Cocó, Zezinho Ibiapino, Nogueira e Zé Luís.

O campeonato de 1966 foi o líder em arrecadação de bilheterias. Segundo os dados da Federação Paraibana, os jogos disputados na cidade de João Pessoa conseguiram um montante de 10.149.400 cruzeiros, já em Campina Grande os clubes arrecadaram 26.816.600 cruzeiros, superando as bilheterias litorâneas.

Depois de falarmos das duas maiores conquistas do futebol profissional de Campina Grande, iremos tratar do surgimento da primeira associação de jogadores profissionais da cidade. Uma entidade que vai surgir com a intenção de defender os interesses trabalhistas dos atletas.

A organização de um grupo: A criação da Associação de atletas profissionais de Campina Grande.

Com o fim do campeonato, os jogadores de Campinense e Treze começaram a pensar suas condições de trabalho, principalmente os atletas que jogaram no sudeste do país e vivenciaram diferenças econômicas, estruturais e profissionais das equipes daquela região.

No dia 9 de novembro de 1965, o atleta de futebol do Campinense Clube, José Luís Júnior (Zé Luís), foi a redação do jornal Diário da Borborema, juntamente com seu amigo Fernando Maia, e pediu para os jornalistas publicarem um edital convocando os jogadores de futebol de Campina Grande para uma reunião. Essa reunião, era para organizar uma associação de jogadores de futebol, onde, a classe defenderia os interesses dos atletas profissionais. Ainda na redação, “Zé” Luís, disse que queria a:

“...união de toda classe de jogadores profissionais, dentro daquele “mode vivendi” de São Paulo, com uma entidade defendendo os interesses da classe, divisando futuro dos atletas em muitas formas de proteção, evitando que os azares de uma glória mal aproveitada levem craques a miséria.”⁵⁹

A associação de jogadores profissionais de Campina Grande uniu os atletas profissionais da cidade que estavam focados em defender os interesses do grupo, principalmente à profissionalização responsável da categoria. E em meio ao certame estadual de 1965, os jogadores se reuniram para fundar oficialmente a associação.

Logo, no dia 20 de novembro de 1965, às 20 horas no edifício João Rique, foi fundada a associação de atletas profissionais de Campina Grande. A diretoria ficou composta com José Luís Júnior (presidente), Zoroá Xavier (vice-presidente), Adelino dos Santos (1º secretário), Edvaldo Montenegro (2º secretário), Nilton Meneses Braga (1º tesoureiro) e Gilvam Rodrigues (2º tesoureiro). Conselho fiscal: João Batista Gonçalves (Janca), Martinho Cordolino da Silva e Antônio Carlos Vitorino (Ticarlos). Suplentes: Antônio Soares da Silva, José Joaquim dos Santos e José de Lima.⁶⁰

A entidade, além de defender os interesses dos atletas, tinha como uma das suas finalidades, promover a troca de experiência dos jogadores profissionais da

⁵⁹ **Diário da Borborema**, 10 de novembro de 1965.

⁶⁰ **Diário da Borborema**, 20 de novembro de 1965.

cidade. Neste caso, acreditamos que as relações humanas, experiências vividas, conseguem expor valores, posicionamentos e construir a consciência de uma classe. O historiador inglês Thompson, já tinha alertado para esse fator, pois a consciência política, não se manifesta exclusivamente em trabalhadores de chão de fábrica, mas em grupos ligados a outras formas de trabalho, que também incluem o lazer ou o lado lúdico.

O espaço destinado a práticas esportivas e culturais também são palco de manifestações e lutas por melhores condições de vida, por isso, devemos observar atentamente os hábitos e costumes de categorias que também resistiam as normas disciplinares e o controle das classes patronais.

Fugir de concentrações, fingir contusões, chegar de ressaca na concentração ou nos treinamentos, faziam parte do leque de resistência dos atletas profissionais. Considerados indisciplinados, boa parte desses jogadores recebiam baixos salários e tinham sua força física explorada ao máximo, fazendo com que ao chegar aos trinta anos o jogador profissional já era considerado velho para o esporte.

Esse movimento de classe, era semelhante ao que surgiu no ano de 1963 em São Paulo, o chamado “Lei Aurea para o futebol”, organizado pelo sindicato dos jogadores. A pauta do grupo tinha como objetivo regulamentar leis em favor dos profissionais de futebol que até então era praticamente escravos das equipes que tinham posse do seu “passe”.

Para o presidente do sindicato, Gêrsio Passadore, o jogador profissional estava passando por situações insustentáveis no futebol brasileiro. Segundo o sindicalista

O problema ultrapassou os limites. Chega a escravizar aquele que faz do futebol, legalmente um meio de vida. Urge a “Lei Aurea” para o futebolista profissional. (...) Regulamentação do passe. É indiscutivelmente o núcleo da questão. De nada adianta ao jogador Códigos de Trabalho e as leis atuais, desde que persiste o elo poderoso do passe em favor do clube que, com isso age a seu bel prazer. Na minha opinião, o passe deveria ser condicionado a um elemento objetivo, e não subjetivo como é agora, mercê à vontade dos dirigentes. Essa arbitrariedade precisa terminar com urgência porque o profissional do futebol, repito, não deve ser escravo. (Diário da Borborema, 08 de junho de 1963).

O que mais atrapalhava a regulamentação de leis que impedissem que o jogador profissional fosse explorado, assim como em outras profissões, era o fato de

que o governo juntamente com as entidades responsáveis pelo esporte, como FIFA, CBD e FPF, eram administradas por torcedores ou empresários (não profissionais), que tinham como intenção lucrar em cima do mercado futebolístico.

Em outros países, por exemplo, existiu um esforço por parte dos governos de banir e controlar os “cartolas” que viam no futebol uma mina de ouro. Na França dos anos de 1970, o Código do Esporte (*Code du Sport*), exigiu que todos os profissionais do futebol fossem remunerados e participassem do capital do clube⁶¹.

Apesar de existir uma frágil modernização do futebol, através das lutas das associações, sindicatos e entidades ligadas ao esporte, em boa parte dos clubes brasileiros a estrutura ainda está ligada ao amadorismo. Empresários, grupos de televisão e marcas esportivas voltam suas atenções para o lucro, negligenciando os profissionais que em sua grande maioria passam meses desempregados.

Voltando à Associação de Jogadores Profissionais de Campina Grande, as principais medidas tomadas nas primeiras reuniões foram a organização de um calendário que proporcionasse reuniões semanais. O presidente da entidade ficou encarregado de levar a ata para registro da nova associação na Delegação do Trabalho e Previdência Social, com a intenção de formalizar o grupo. Mesmo propondo a defesa da categoria, a associação não lutou por nenhuma melhoria na profissionalização dos jogadores de futebol. Pelo contrário, trabalhavam alinhados ao pensamento dos dirigentes clubistas, como disse Lamir Mota,

“Foi criado realmente a associação...havia uma contribuição, mas nunca houve problema de qualidade nenhuma. Nós, no Campinense Clube, adotávamos sempre, uma política que eu adoto em empresas minhas...toda primeira quinzena do mês, fazíamos um adiantamento aos atletas e no final do mês a gente pagava o restante do salário e mais as gratificações.” (MOTA, 2017)

Para José Luís Júnior (Zé Luís) atleta do Campinense, a associação serviu de trampolim político para sua chegada dez anos depois à câmara municipal da cidade. Aliás, Zé Luis já tinha conseguido um emprego na FUNDACT com Edvaldo do Ó,

⁶¹ CASTRO, Rodrigo R. Monteiro de; MANSSUR, José Francisco C. **Futebol, Mercado e Estado. Projeto de Recuperação, Estabilização e Desenvolvimento Sustentável do Futebol Brasileiro: Estrutura, Governo e Financiamento**. São Paulo: Quartier Latin, 2016. P. 33.

assim como outros atletas como Zezinho Ibiapino (motorista da CELB) e Tonho Zeca (funcionário da CELB).

Boa parte dos atletas que iniciaram no futebol no final dos anos de 1950 e acompanharam a primeira fase da profissionalização do esporte na década de 1960, chegaram ao final de suas carreiras em meados de 1968/69, “pendurando as chuteiras” e partindo para outros projetos.

Aqueles que fizeram parte do grupo campeão invicto pelo Treze rapidamente conseguiram emprego em repartições públicas, como já citamos anteriormente. Outros continuaram no esporte, mas em novas funções, colaborando para o desenvolvimento de novos atletas.

Alguns ex-jogadores foram forçados a deixar o esporte, pois as contusões não deixaram os futebolistas seguirem adiante, mas não por isso ficaram longe dos campos de futebol. Um exemplo disso, foi o ex-zagueiro Zé Lima que acabou tornando-se treinador ou orientador técnico, como ele gosta de ser chamado. Para o ex-zagueiro, ele foi derrotado para as

Contusões antigas...eu recebi muita pancada, porrada na defesa. A defesa do Campinense, mesmo jogando na bola, na malícia...chegar junto e marcar, parar as jogadas...a gente sofria o revide por parte do adversário, até na base da covardia, então, a gente paga um preço muito alto, por isso, eu já fui operado de tornozelo, joelho...tudo...e fui forçado a ser convidado a parar e aceitar outra proposta que não é muito fácil que é dirigir equipes, principalmente equipes em formação. (LIMA, 2017).

Fora as lesões nos membros inferiores, alguns atletas acabaram adquirindo hepatite, devido às agulhas infectadas das injeções de vitaminas que os atletas recebiam. Esses medicamentos serviam como parte do complemento alimentar e energético, gerando maior desenvolvimento dos jogadores dentro de campo. Por isso, alguns ex-futebolistas depois de aposentados tiveram que fazer transplante de fígado devido à sobrecarga do órgão. Um exemplo disso, foram os ex-atletas Zé Luís e Ivan Lopes, que passaram por cirurgia recentemente.

Por isso, mesmo sendo uma conquista e, de certo modo, um avanço da categoria dos jogadores de futebol, a associação serviu como uma espécie de ponte entre os jogadores e dirigentes, que também faziam parte do poder público. Como a carreira do futebolista era desvalorizada na Paraíba, os dirigentes encaminhavam os

atletas para as repartições públicas, garantindo um meio de vida para aqueles que se aposentavam profissionalmente do esporte.

Mesmo com os problemas vivenciados na primeira década da profissionalização, o futebol campinense atingiu o seu objetivo: tornar-se uma força dentro do futebol paraibano que era dominado pelos times da capital do estado. Porém, o clima de guerra fria entre os times serranos e a federação pairava sobre o certame estadual.

Com a reeleição de Genival para presidente da FPF, uma série de medidas foram tomadas e para os clubes de Campina Grande, boa parte das ações prejudicavam as equipes serranas e sertanejas, mas favoreciam os times de João Pessoa.

Mas o estopim estava por vir. No dia 15 de julho de 1969, o ônibus com a delegação trezeana capota na BR-230, deixando a maioria dos seus atletas feridos. A derrapagem do veículo por pouco não causou um estrago de grandes proporções, o que seria um desastre para o futebol paraibano. Com ajuda de populares e da polícia rodoviária federal, os jogadores e membros da comissão técnica foram socorridos e levados para o Hospital Antônio Targino, ficando em recuperação por sessenta dias.

O mais triste dessa história, foi a frieza do presidente da FPF, que exigiu o retorno do time alvinegro de Campina Grande ao campeonato, ameaçando excluir e terminar o certame sem a equipe galista. Segundo a imprensa esportiva local

A Federação Paraibana de Futebol informou que adotará medidas drásticas contra o Treze Futebol Clube, se o filiado não comparecer a campo, no próximo domingo, para o jogo de encerramento do turno final do certame estadual da época, contra o Botafogo, e que estava determinado para o domingo passado, não realizado em virtude do acidente sofrido pela delegação campinense e que vitimou vários jogadores impossibilitando-os de qualquer prática esportiva, durante os próximos sessenta dias. Além da perda natural dos pontos para o alvinegro pessoense, a entidade paraibana ameaça interditar o Presidente Vargas, afastando o Treze das disputas do “nordestão” e pedindo uma punição com a suspensão à Confederação Brasileira de Desportos. (Diário da Borborema, 18 de julho de 1969)

Forçadamente e com medo da punição, a diretoria trezeana manda o time para dentro de campo, sabendo que a equipe não tinha nenhuma condição de vencer a

final contra o Botafogo. O resultado não deu outro, o Botafogo ganhou por 2x1 e tornou-se bicampeão paraibano de futebol.

Nesse momento, os dirigentes dos clubes de Campina Grande começam um projeto paralelo de boicote à FPF, rompendo as relações com a entidade e marcando um novo período do futebol serrano, que em meio às crises econômicas vividas pela cidade, conseguiu se recuperar.

No capítulo seguinte, iremos mostrar como a ditadura militar interferiu na economia de Campina Grande, causando um declínio dos clubes da cidade. Nesse período abordaremos como foi o processo de renovação dos jogadores de Campinense e Treze, assim como a inserção dos ex-atletas em outros grupos, como treinadores, dirigentes e políticos da cidade.

CAPÍTULO 3

O jogo dentro e fora das quatro linhas

3.1 – A Seleção do milagre econômico

*“Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate o sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta.”⁶²*

Enquanto Chico Buarque e outros compositores expunham nas suas canções o cotidiano e as dificuldades que o povo brasileiro passava na ditadura militar, os golpistas continuavam a festejar “o carnaval” da sangria e do enriquecimento ilícito dos apoiadores e participantes do governo.

Porém, para os outros grupos sociais do país, a situação só piorava. Fome, falta de emprego, inflação, desigualdade social e perseguição política, acentuavam ainda mais os problemas do Brasil. Mas os militares estavam em campo, articulando mais uma jogada para tentar iludir os brasileiros.

Na tarde de 1970, no estádio Azteca, na cidade do México, o mundo voltava seus olhos para a final de Copa do Mundo entre Brasil e Itália. A expectativa do grande público era de um jogo duro, mas de uma grande apresentação da seleção canarinho, que para boa parte dos comentaristas tinha a melhor equipe de todos os tempos.

Sob o comando do velho lobo, Zagallo, a seleção brasileira entrou em campo com Félix (goleiro), Carlos Alberto Torres (lateral direita), Brito (zagueiro), Piazza (zagueiro), Everaldo (lateral esquerdo), Clodoaldo (meio-campo), Gérson (meio-campo), Pelé (meio-campo), Jairzinho (atacante), Tostão (atacante) e Rivelino (atacante). Por ser um time voltado para o ataque, os jogadores do meio para frente jogavam de forma mais livre, pressionando o adversário no seu próprio campo.

O Brasil era favorito ao jogo, principalmente por ter o maior jogador de todos os tempos no seu time, Pelé. Maduro, experiente e campeão, o atleta brasileiro chegou

⁶² “Meu caro amigo”. Canção de Chico Buarque de Holanda. <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/7584/>.

à Copa de 1970 no seu auge, jogando um futebol de encher os olhos, com lances geniais e apresentações que levaram o jogador ao título de rei do futebol.

No primeiro tempo, a partida terminou 1x1, mas nos últimos 45 minutos o Brasil conseguiu marcar três gols, chegando ao título de tricampeão mundial. Carlos Alberto Torres, capitão da seleção, levantou pela última vez a Taça Jules Rimet, gravando seu nome no seleto grupo de atletas campeões do mundo.

No Brasil, o tricampeonato era comemorado nas ruas das principais cidades do país. Bandeiras, flamulas, camisas verdes e amarelas, deram o tom dos festejos de um dos títulos mais esperados pela torcida brasileira, principalmente pela ditadura militar.

No governo do ditador general Emílio Garrastazu Médici, a aproximação entre os militares e a seleção era evidente. A luta dos militares para mostrar um Brasil em desenvolvimento, ganhava as páginas dos jornais e os outdoors das cidades, “Brasil: Ame-o ou deixe-o”, “Quem não vive para servir ao Brasil, não serve para viver no Brasil”, “Este é um país que vai para frente” e a canção utilizada no tricampeonato “Pra frente Brasil”, serviam de slogans para um Brasil em decadência.

As ligações entre os militares e a seleção tinham começado na gestão do general Costa e Silva. Apesar de ser extremamente autoritário, o general aumentou o diálogo com João Havelange, presidente da CBD. João Havelange chegou ao poder da instituição em 1958, diga-se de passagem, sem ter nenhuma experiência com o futebol, pois era atleta da nataçãõ e não conhecia nada do esporte, mas ganhou as copas de 1958 e 1962.⁶³

Um dos principais discursos de Havelange, dito em entrevistas e aos militares, era de que a CBD não possuía receita ou formas de gerar dinheiro para a instituição, outro fator era de que não recebia ajuda do governo, por isso era insustentável manter a instituição sem fazer dívidas. A sua principal proposta era criar a Loteria Esportiva, porém o general Costa e Silva vetou, pois, era crime os jogos de azar.⁶⁴

⁶³ KFOURI, Juca e CARRANO, Paulo César R. (org.). **Futebol: Paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. P.55.

⁶⁴ A lei que criminalizava os jogos de azar foi criada no governo de Jânio Quadros, onde o presidente proibiu: Loterias, jogo do “bicho”, brigas de galo, corridas de cavalo e mulheres de biquíni nas praias. Essas leis criadas em 1961 compõe o leque de medidas “confusas” do político nesse período.

No ano 1969, com a saúde debilitada, o general Costa e Silva estagnou as negociações entre ditadura e CBD, mas os planos ficariam nas mãos do seu sucessor o general Emílio Garrastazu Médici, que usou e abusou do tricampeonato mundial. Ainda nesse mesmo período, João Havelange já se articulava para conseguir o cargo de presidente da FIFA.

O governo Médici transformou o futebol em um dos seus principais instrumentos de propaganda. O chamado “milagre econômico”, enriquecia os setores empresariais e distribuía os bens públicos nas mãos dos corruptos militares, enquanto as desigualdades sociais aumentavam no campo e na cidade, principalmente com a ausência de escolas, hospitais e moradias de qualidade para a população mais carente. Mesmo assim, era necessário mostrar que o Brasil caminhava no viés da “ordem e do progresso” em todos os setores, até no futebol.

Para historiador Hilário Franco, logo depois das mudanças que afetaram a democracia brasileira, como o AI-5, era necessário modificar também a seleção. Assim, a CBD escolheu um novo técnico, o “convocado” para essa missão foi o jornalista João Saldanha (João sem medo). Declaradamente de esquerda e com ligações com o PCB, Saldanha era uma metralhadora que atravessava as decisões dos militares. “Sem Medo”, era

Polêmico, a ele são atribuídas declarações que geraram instabilidade. A respeito de Pelé, afirmou que tinha problemas de visão. Ao presidente Médici, que teria insistido na presença do atacante Dario na seleção, Saldanha respondeu com uma frase bombástica: “Ele escala o ministério e eu escalo a seleção.” (FRANCO, 2007, p.142).

Saldanha era querido pelo povo, passava firmeza nas suas colocações e entusiasmo para os jogadores, mas o buraco do jornalista treinador estava sendo cavado pelo general Médici, ainda bem que não literalmente, pois o ditador fez de tudo para que Saldanha deixasse o cargo, mesmo contra a vontade do presidente da CBD João Havelange.

De todos os jogos disputados pelo comandante e as suas “feras”, apenas dois foram perdidos, contra a Argentina e o Atlético Mineiro, motivos considerados suficientes para a demissão do treinador. Segundo Sarmento, as mudanças foram anunciadas de imediato e boa parte dos escolhidos para a comissão técnica tinham ligações com os militares. Por isso,

No dia 18 de março de 1970, foi anunciada a dissolução da comissão técnica da seleção. Iniciava-se o projeto de montagem de um esquema militar de preparação e acompanhamento das atividades da equipe que partiria para a disputa de mais um título mundial. Para a chefia da delegação foi designado o major-brigadeiro Jerônimo Bastos, que tinha vínculos com a chefia da SNI. Em sua assessoria direta foi empossado o major Ipiranga Guaranys, cuja principal tarefa era a montagem de um forte esquema de segurança que passaria a envolver a seleção. A preparação física dos atletas foi entregue aos cuidados de oficiais formados pela Escola de Educação Física do Exército, com destaque para Raul Carlesso e Cláudio Coutinho, que traçaram um programa calcado em técnicas atualizadas e estruturadas a partir de estudos médicos e fisiológicos. (...). Finalmente um nome que agradava tanto a CBD quanto aos interventores militares foi anunciado: o jogador bicampeão mundial Mário Zagallo. (SARMENTO, 2013, p. 138/139)

Apesar da conquista do tricampeonato mundial liderada por Zagallo, segundo os críticos da época, o modelo pensado pelo treinador seguia a base do seu antecessor, deixando claro que era mais uma mudança de postura por parte dos jogadores.

O cronista Luís Fernando Veríssimo, relata em uma das suas crônicas, que naquele momento a cabeça de alguns torcedores e opositores da ditadura militar ficaram perturbados nos jogos da Copa do Mundo. Pois, “Nunca foi tão difícil e nunca foi tão fácil torcer para o Brasil. Difícil porque torcer era uma forma de colaboracionismo, fácil porque o time era de entusiasmar qualquer um.”⁶⁵

O general Médici e João Havelange foram “as festas” com o tricampeonato mundial. No dia 23 de junho de 1970, foi decretado feriado nacional, pois era necessário receber os “heróis nacionais”. Banquetes foram promovidos em Brasília para os jogadores, assim como o desfile em “carro aberto” com a taça Jules Rimet, que anos depois foi roubada. Médici deu a cada jogador 25 mil cruzeiros, retirados da Caixa Econômica Federal e o prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, abriu os cofres do município para dar um Fusca a cada jogador tri campeão⁶⁶. Alguns jogadores, representados pelo capitão da seleção, aproveitaram da situação para pedir ao general que “desse um jeito” no pagamento de impostos que “pesava” sobre os salários.

⁶⁵ VERISSIMO, Luis Fernando. **Time dos sonhos: paixão, poesia e futebol**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. P. 110.

⁶⁶ GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular no país**. São Paulo: Contexto, 2014. P.180.

Em 1972, em entrevista ao jornal uruguaio *La Opinion*, o tri campeão mundial de futebol, Edson Arantes do Nascimento (Pelé) comentou: “Não há ditadura militar no Brasil. O Brasil é um país liberal, uma terra de felicidade. Somos um povo livre. Nossos dirigentes sabem o que é melhor para nós, e nos governam com tolerância e patriotismo”.⁶⁷ A declaração de Pelé e sua ligação com os militares não espanta ninguém, afinal, o “rei do futebol”, foi uma das personalidades que mais se beneficiaram da ditadura militar. Segundo o jornalista e pesquisador de futebol, Franklin Foer, no livro *Como o futebol explica o mundo: Um olhar inesperado sobre a globalização*, Pelé virou o garoto propaganda dos militares

Pelé tornou-se para o regime o símbolo desse *boom*, que os economistas denominaram o “Milagre Brasileiro”[...] Nos anos 1970, os ditadores mostravam seu rosto em *outdoors* ao lado de seus slogans (“Ninguém segura este país!”). Nos eventos oficiais, executava-se a música tema da conquista da Copa do Mundo de 1970 pela equipe liderada por Pelé. (FOER,2005. P. 111)

O rei do futebol, aproveitou o gancho e tornou-se um súdito dos militares, ganhando socialmente e financeiramente um status até então não visto no Brasil e no mundo. O garoto pobre, que superou as adversidades sociais e em 1969, ao fazer o seu gol de número mil, disse aos repórteres: “Lembrem-se das criancinhas, nunca esqueçam as criancinhas pobres do Brasil”. Esqueceu suas origens e se tornou um dos magnatas da indústria do futebol, preocupando-se apenas com seu bem-estar e esquecendo de companheiros campeões que não tiveram a mesma “sorte”.

Em contrapartida, a jovem geração de atletas que surgia no eixo-sudeste do país, apresentava uma outra forma de pensar o futebol e a sua categoria. O jovem de cabelos longos e barba grande, Afonsinho, conciliava o curso de medicina e as atividades futebolísticas, além de participar ativamente do movimento estudantil contra a ditadura militar. Porém, o jovem jogador, não ficou conhecido pelas suas jogadas ou pela sua militância, mas por questionar o “passe”, o vínculo trabalhista que os profissionais de futebol tinham com seus clubes.

Naquele período, o jogador profissional era quase um escravo do clube, pois só poderia deixar sua equipe se fosse permitido, fosse maior de 32 anos (fim de carreira) ou tivesse mais de dez anos na equipe. Grandes jogadores daquela época

⁶⁷ Entrevista cedida por Pelé, a Amália Barran, in: *La Opinion* (Montevideo), 1972. <http://impedimento.org/nos-50-anos-do-golpe-50-historias-de-ditadura-e-futebol/>.

acompanharam a luta de Afonsinho e como forma de protesto jogavam de barbas e cabelos compridos, foi o caso de Paulo César Cajú (Botafogo), Durval e Adílson (Flamengo), César (Palmeiras) e Jairzinho, que trocou o tratamento capilar e deixou o estilo black power. Afonsinho foi perseguido pelos militares e pelos clubes de futebol, chegando a ficar sem clube nos anos de 1976 e 1979. Era considerado rebelde e um péssimo exemplo para os outros atletas e para os jovens.⁶⁸

Milagre para quem? A crise econômica na Rainha da Borborema.

Enquanto as principais cidades brasileiras recebiam obras faraônicas da ditadura militar, os demais municípios eram sufocados pelo projeto de centralização política e econômica dos militares. Apesar de apresentar bons índices de crescimento econômico, devido ao “milagre” alcançado pelos ditadores, a distribuição de renda não existia, principalmente com reforma tributária criada pelos golpistas.

Segundo o historiador Damião de Lima, o discurso militar voltado para a hierarquia, disciplina e submissão, atingiu os pequenos municípios do país, pois para os ditadores a

Fonte primária dos desperdícios e da corrupção administrativa, na visão dos militares, as administrações municipais precisavam ser submetidas ao poder central, pois, ter controle sobre as administrações municipais era elemento fundamental no projeto centralizador. O discurso vigente era que o poder central precisava chegar aos mais distantes rincões do país, sendo essa, a única forma de debelar a incompetência e a corrupção. (LIMA, 2012, P.87)

Através dessa política, os militares estenderam seus tentáculos por todo o país, atravessando de ponta a ponta o Brasil e estabelecendo laços entre a União e os governos estaduais e municipais.

Mesmo vivenciando um crescimento industrial e econômico, a cidade de Campina Grande só começaria a sentir anos mais tarde os efeitos das mudanças promovidas pelos militares. Em 1967, a reforma tributária foi imposta pela ditadura, alterando o sistema de arrecadação de impostos de todo o país, porém, melhorando os cofres da União e prejudicando ainda mais o tesouro dos estados e municípios.

⁶⁸ FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 148.

A reforma tributária causou grande impacto no sistema econômico das pequenas cidades, pois

(...) os mais importantes tributos, em termos de montante tarifário, ficariam assim distribuídos: a União ficaria com o Imposto sobre a Renda (IR) e Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI); os Estados ficariam com o Imposto sobre a Circulação de Mercadorias (ICM) e; os municípios, com o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) e Imposto Sobre Serviços (ISS). (LIMA, 2012, p. 89)

Toda essa mudança prejudicou o desenvolvimento de algumas cidades interioranas do país, como foi o caso de Campina Grande. Apesar da ditadura promover um discurso de equilíbrio econômico entre os principais poderes do país, na prática isso não acontecia, pois, a queda da arrecadação dos impostos por parte dos municípios, prejudicou o desenvolvimento social das cidades.

Em Campina Grande, por exemplo, a prefeitura ficou impossibilitada de arrecadar seus impostos locais, quebrando o ritmo de crescimento da cidade. Além, dos problemas causados pelo IPTU, pois em uma cidade de médio porte como a Rainha da Borborema, a arrecadação era baixa, contrastando com outras grandes cidades do país.

Essas mudanças causaram um impacto no município, não imediato, mas que a longo prazo atingiu todos os setores na cidade serrana. Claramente, a política adotada pela ditadura militar tinha como objetivo defender os interesses dos seus apoiadores, em grande parte, empresários de todos os cantos do país.

O mais interessante é que mesmo não encontrando uma forte resistência por parte dos políticos campinenses, a ditadura cassou mandatos e impôs os seus interventores no setor administrativo da cidade. Por exemplo, Newton Rique, eleito prefeito de Campina Grande em 1963, foi cassado mesmo sem ser opositor dos militares, esse fato atrasou o projeto desenvolvimentista do município, que era encabeçado pelo banqueiro.

O vice-prefeito da cidade, Williams Arruda, assume o cargo apoiado pelos militares e pelos setores mais conservadores de Campina Grande, principalmente a Câmara Municipal, que já tinha feito homenagens e comemorações a ditadura e seus apoiadores, deixando claro, que estavam seguindo a maré do momento. Não podemos aqui afirmar que todos aqueles que participaram da administração da

cidade, direta ou indiretamente, apoiaram a ditadura e a sua política de violência, até porque em município como Campina Grande, qualquer verba por parte da União que trouxesse benefícios a comunidade, era de bom grado, por isso, não podemos afirmar que todos os políticos da Rainha da Borborema eram contra a ditadura.

Um dos políticos que mais se destacou atacando os militares e os setores conservadores da cidade, foi o jovem deputado estadual Ronaldo José da Cunha Lima. Ronaldo, como era popularmente conhecido, era natural de Guarabira, mas com a morte do pai acabou migrando para Campina Grande com toda a sua família. Ainda jovem, estudou no Estadual da Prata, local em que ficou conhecido pela participação no grêmio estudantil e pela criação de versos, depois utilizados nos comícios da cidade.

No dia do golpe sofrido por João Goulart, o deputado se colocou como oposição à ditadura militar. Logicamente, Ronaldo foi cassado, perdendo o mandato e saindo da vida pública campinense por um tempo, deslocando-se para o Rio de Janeiro, onde atuou como advogado.

Não só o cenário político e econômico da cidade foi afetado, mas de certo modo o esporte também sentiu as mudanças impostas pela ditadura militar. Tanto o Campinense como o Treze, apesar de terem diretorias compostas pelos membros das elites da cidade, tiveram uma grande queda de arrecadação de verbas depois que saíram do campeonato paraibano, principalmente porque ficaram impossibilitados de participar de competições nacionais, organizadas pela CBD.

3.2 Campina Grande x FPF: A formação do campeonato “Misto”.

O estranhamento entre os times serranos e a FPF já vinha ocorrendo a muito tempo, o clima de guerra fria pairava nas reuniões entre os diretores de Campinense e Treze e a presidência da federação. Os times serranos sentiam-se prejudicados pelo regulamento e pela falta de investimento da entidade nas equipes que mais traziam lucro para o campeonato, no caso os clubes de Campina Grande.

Desde que os times da Rainha da Borborema entraram no certame estadual, os números de público foram maiores do que o das equipes da capital do estado, principalmente o Botafogo, clube que possui o maior número de títulos e de torcedores da cidade de João Pessoa.

Depois do acidente que envolveu toda a delegação trezeana e da alteração da fórmula do certame que beneficiaria os times de João Pessoa, o clima entre Campinense e Treze e a federação chegou ao seu limite, as duas equipes ficaram de fora do campeonato paraibano de futebol, mas criaram um campeonato paralelo chamado “Mistão 70”.

No dia 04 de fevereiro de 1970, o presidente da FPF, Genival Leal, anuncia que Campinense e Treze estavam fora do campeonato paraibano. Segundo a crônica esportiva local o comandante da instituição disse as seguintes palavras:

“Enquanto eu for presidente da Federação Paraibana de Futebol. TREZE e CAMPINENSE não mais jogarão. ” Esta foi a declaração rude e em forma de ameaça que fez o esportista Genival Leal de Meneses, presidente da entidade estadual, ao senhor Antônio de Meneses, representante do Treze Futebol Clube, e a diversos cronistas que se achavam presentes à sede da FPF, após a comunicação de que os dois clubes de Campina Grande solicitavam licença das disputas do próximo certame estadual, alegando falta de condições financeiras para manter suas equipes num conclave deficitário. Como é sabido, Campinense e Treze, ficaram prejudicados com a fórmula do certame passado, sem nenhuma condição de reformar seus quadros. Inclusive com o próprio alvinegro sendo obrigado a negociar algumas de suas grandes estrelas para cobrir o déficit apresentado no ano passado. (Diário da Borborema, 04 de fevereiro de 1970)

As ameaças e trocas de ofensas continuaram entre os clubes serranos e a federação estadual. Em entrevista ao Diário da Borborema, o representante do Campinense Clube, disse:

“O Campinense não precisa de nenhum tostão da Federação. Não é verdade que tivéssemos exigido 20 mil cruzeiros novos para podemos nos inscrever no campeonato deste ano. Por enquanto, não desejamos saber de futebol, mas estamos nos organizando para entrarmos novamente para ganhar contra tudo e contra todos. E daqui mais há um ou dois anos voltaremos a disputar o campeonato com tal “rolo compressor”, que ganharemos contra Genival, Federação, Botafogo ou qualquer outro obstáculo. (Diário da Borborema, 12 de fevereiro de 1970.)

Apoiando as equipes de Campina Grande e se opondo ao presidente da federação paraibana, alguns clubes articularam o cancelamento do certame estadual, com exceção do Botafogo, equipe que “representava” informalmente os interesses da instituição máxima do futebol paraibano. Mais uma vez, a crônica esportiva de Campina Grande noticiou o fato.

Comentava-se, ontem nos bastidores, que os demais clubes que solicitaram inscrição, exceção feita ao Botafogo, iriam solicitar o cancelamento da mesma em solidariedade a Treze e Campinense, que firmaram propósito de não participar das disputas do certame da época, achando que o certame será deficitário com a ausência de ambos. (Diário da Borborema, 13 de fevereiro de 1970).

Para as equipes das demais regiões da Paraíba, Campinense e Treze arrastavam torcedores para as partidas do certame. Em alguns casos, as equipes serranas enchiam os estádios de outras cidades, mostrando a força de sua torcida por todos os locais do Estado. Boa parte das cidades do interior da região, visitavam Campina Grande para resolver problemas burocráticos, de saúde ou comercialização, já que depois de João Pessoa, a Rainha da Borborema era o município com mais estrutura da Paraíba. Segundo João Barbosa dos Santos, ex-morador da cidade de Cubati, eram muitos os torcedores que viam a Campina Grande assistir aos jogos dos times da cidade, para o torcedor

“Eu vinha em um “misto” de Picuí, que passava lá em Cubati (...) que era só para pegar passageiro. Tinha duas cabinas de madeira, pegava passageiro pra danado (...). Eu vinha sozinho, era uma tara mesmo (...) eu era apaixonado, eu gostava mesmo do Campinense. (SANTOS, 2016).

Esse movimento de ligação de Campina Grande com as outras cidades, de um modo ou de outro, fez com que o município interferisse culturalmente no modo de vida das pessoas. Sendo assim, os times de futebol da cidade serrana começaram a atrair expectadores de outros municípios, aumentando o número de torcedores das agremiações e fazendo com que em qualquer parte do estado Campinense e Treze possuíssem admiradores.

Por isso, quando foi ventilado que os clubes de Campina Grande não iriam jogar o certame estadual, boa parte das pequenas agremiações das cidades circunvizinhas, apoiaram as equipes serranas a fundarem um outro campeonato que movimentaria toda a região do cariri e brejo paraibano batendo de frente com o certame estadual organizado pela federação.

No dia 19 de fevereiro de 1970, os “maiorais” da rainha da Borborema, confirmaram presença no campeonato “Misto”. O fato foi noticiado pela crônica esportiva.

Do campeonato misto a ser realizado pela Liga Campinense de Futebol, poderão participar, por direito, todos os seus filiados e como tal, o sucesso do Misto-70 já está antecipadamente assegurado, desde que tenha a participação das suas principais agremiações. Para ter uma ideia, basta dizer que entre os principais filiados da Liga Campinense de Futebol figuram, Treze, Campinense, Nacional e Esporte de Patos, Associação Esportiva Souza, Santos de Cajazeiras e América de Esperança, afora todos os clubes amadoristas da cidade. (...) (Diário da Borborema, 19 de fevereiro de 1970).

Dentre os times citados, apenas o Souza e o Cajazeiras saíram do campeonato Misto. Mas todos os outros confirmaram presença no certame do interior. Para o presidente da federação Genival Meneses, a organização de um novo torneio era uma provocação a maior instituição futebolística do estado, por isso, no final do mês de abril, o comande dirigiu-se ao Rio de Janeiro, na tentativa de barrar juntamente com a CBD o certame interiorano. Segundo o jornalista Humberto de Campos, Genival Meneses estava desesperado, pois

(...) andou por aí tentando conseguir documentos, atestados, declarações, certidões, folhas corridas, atestado de vacina, atestado de boa conduta e outros bichos, tudo isso para levar ao Sr. João Havelange e acabar com o Mistão – que vai acabar por sua vez com o que resta do seu falido campeonato. (...) A própria ruindade do certame “oficial” do Sr. Genival Meneses, onde somente o Botafogo tem condições de ser campeão (o que é uma novidade da peste), seria suficiente para que o homem se convencesse de que Campina ainda representa o maior potencial esportivo do estado. Mas agora a coisa muda de figura Genival “DESLEAL” resolveu se intrometer em nosso Mistão. E daqui pra frente – de acordo com a musiquinha de Roberto – tudo vai ser diferente. Ele vai ter que aguentar umas verdades. (...). (Diário da Borborema, 30 de abril de 1970)

Apesar das tentativas de boicotar o campeonato Misto e deixar dos times de Campina Grande e de outras regiões prejudicados, o presidente da federação paraibana, nada pode fazer para conter o nascimento de um certame paralelo ao “oficial”. Mesmo a tentativa da CBD de apaziguar a crise entre os clubes serranos e a instituição futebolística.

No dia 10 de maio de 1970, a festividade de abertura do “Mistão 70 foi iniciada no estádio Presidente Vargas em Campina Grande. Todos os clubes e seus dirigentes estavam presentes, ao som de bandas, charangas e um desfile das escolas da cidade em homenagem aos clubes participantes do certame. O representante do governador,

o Sr. Tavares, deu o pontapé inicial ao campeonato, mostrando simbolicamente que o governo estava do lado das equipes interioranas, rivais naquele momento da FPF.⁶⁹

O que mais chamou a atenção em toda a festa, foi a grandiosidade da inauguração do torneio. Até então, nenhum certame estadual ou municipal tinha tido tamanha celebração de abertura, que tinha como intenção mostrar a força do futebol do interior mais precisamente dos clubes de Campina Grande.

Nas imagens abaixo, podemos ver a apresentação de um avião que sobrevoava o estádio Presidente Vargas, além de desfiles e homenagens prestadas.



Foto 10: Avião sobrevoando o Estádio Presidente Vargas.

Fonte: Diário da Borborema, 12 de maio de 1970.

⁶⁹ **Diário da Borborema**, 12 de maio de 1970.



Foto 11: Representante do Governo da Paraíba, o Dr. Edme Tavares.

Fonte: Diário da Borborema, 12 de maio de 1970.



Foto 12: Homenagens aos clubes participantes do “Mistão 70”.

Fonte: Diário da Borborema, 12 de maio de 1970.

As imagens acima apresentam as comemorações de abertura do campeonato interiorano, demonstrado a força política e futebolística dos times de Campina Grande. Campinense e Treze levavam além do poderio político e econômico para o certame,

arrastavam multidões para os seus jogos, agitando assim os pequenos estádios dos municípios vizinhos.

Mesmo sendo um campeonato reduzido pelas ausências de alguns times do sertão e litoral, o “Mistão 70” apresentava números de público superiores ao do campeonato organizado pela FPF. Em duas rodadas, o torneio arrecadou 4.324.000 de cruzeiros nas bilheterias, um bom número comparado as edições dos campeonatos paraibanos anteriores, principalmente para o início do torneio.

Outro fator importante para o certame e principalmente para o processo de renovação dos jogadores profissionais dos times de Campina Grande, foi a incorporação de atletas jovens nas equipes, principalmente com a falta de recursos destinados as contratações de atletas renomados no futebol nordestino.

Dentro desse processo de renovação, não só jogadores foram “descobertos”, mas também novos treinadores com novas metodologias de trabalho. A nova safra de técnicos era composta principalmente de ex atletas de região, como Zezinho Ibiapino, Zé Lima e Zé Luís que na década anterior ganharam destaque no Campinense e Treze.

Outro profissional que ganhou destaque na década de 1970 foi o supervisor/gerente de futebol, que anteriormente era apenas um colaborador, mas passou a ser um profissional de carteira assinada e remunerado como parte da comissão técnica. Essa função tinha como objetivo, contratar jogadores, técnicos, preparadores físicos, médicos e demais membros, além de representar os interesses da equipe em reuniões, sorteios e eventos promovidos por entidades reguladoras do futebol.

Nesse âmbito, destacamos José Santos (Super Zé), o primeiro supervisor/gerente de futebol a ser profissionalizado na Paraíba. Zé Santos, como era conhecido no bairro do José Pinheiro, era um colaborador do Campinense Clube, mas com o passar do tempo as atividades futebolísticas foram superando os seus afazeres cotidianos, sendo assim, Zé Santos entrou em contato com a presidência do clube que achou por bem profissionalizar a sua função.

O supervisor e o processo de renovação dos jovens atletas e treinadores

A participação do supervisor na renovação dos atletas, veio com o corte de gastos dos clubes que começavam a sofrer a crise econômica vivenciada pela cidade. Como já foi dito anteriormente, a centralização política e a reforma tributária imposta pela ditadura militar, acabou prejudicando as cidades do interior, que tiveram uma queda brusca na arrecadação de impostos.

Apesar de atingir aos poucos o município, as elites já sentiam a necessidade de conter gastos, principalmente com as incertezas vividas naquele período. O milagre econômico beneficiou principalmente os empresários do eixo sul/sudeste, deixando à margem as pequenas elites que sobreviviam das indústrias, agricultura e comércio.

Sendo assim, os clubes de Campina Grande que tinham como os seus investidores as elites locais, tiveram seus gastos reduzidos, deixando de lado as contratações consideradas de grande destaque e passando a acreditar na força dos jovens atletas das categorias de base. Outro problema foi a organização do “Mistão 70”, que tinha como regra a inscrição de apenas seis atletas profissionais,

No Campinense Clube, por exemplo, toda a geração da década de 1970 era composta por jovens das categorias de base, boa parte moradores do bairro de José Pinheiro, que acabou dando nome a equipe “time do zepa” ou “time de Zé Pinheiro”. Naquele momento, apesar das conquistas e da estrutura conquistada pelo Campinense Clube, a diretoria achou melhor promover os garotos das categorias de base e contratar no máximo três veteranos para dar “liga à equipe”. O projeto tinha como objetivo levar o clube às disputas de campeonato; porém, quando os jovens estivessem mais preparados, o que para a diretoria cartola levaria em média uns cinco anos.

Pensando nisso, José Santos, que era torcedor e colaborador do clube, acabou sendo incorporado ao quadro profissional do departamento de futebol, como supervisor/gerente. Segundo o supervisor, a profissionalização da sua função ocorreu do seguinte modo

Em 1968 até 1972, eu era diretor só, não tinha renumeração, não tinha nada. Em 1972, eu falei com Ermínio Leite e eu estava perdendo financeiramente, porque eu tinha que deixar o meu trabalho para resolver as coisas do Campinense. Ai foi quando ele combinou para

eu ser o supervisor e eu passei a ser renumerado, sendo o primeiro supervisor de futebol da Paraíba profissionalizado com carteira assinada. (...). Quando eu estava no Campinense, eu recebia 17.000 cruzeiros...eram dez salários mínimos. (SANTOS, 2017)

Essa função era determinante para um clube profissional, já que era responsável por construir elos entre a instituição e as várias entidades e pessoas que participavam e representavam o futebol profissional. Apesar de não ter tido a carteira de trabalho assinada de imediato, o supervisor exercia suas atividades como profissional, por isso, adquirindo experiência até ser efetivamente contratado pelo clube.

Para José Santos, um dos grandes desafios foi organizar as equipes profissionais, já que era necessário garimpar jovens atletas e profissionalizá-los. Observando o campeonato amador dos garotos do Campinense Clube, o supervisor percebeu que alguns jogadores já treinavam com o time profissional, apesar de não atuar em partidas oficiais. Com ajuda do ex-atleta e treinador Vado Agra, eles começaram a formar a equipe daquele ano que participaria do campeonato “Misto”. Mas já em 1969, eles incorporaram aos quadros profissionais atletas como

Valnir, veio Pidoreco, Ivan Lopes...então a gente conseguiu fazer um equilíbrio...e conseguimos ganhar um tricampeonato. (...) Em 1970, eu fui convidado por Lamir a assumir o departamento de futebol para o campeonato “Misto” de 1970. (...). Na época, só era permitido colocar seis profissionais e o resto era amador. Sempre o Treze extrapolava o limite. (...). Protestei, ganhei o protesto e foi a primeira vez que fui campeão. (SANTOS, 2017)

Os jovens atletas acabaram surpreendendo as expectativas da diretoria e conquistaram o campeonato “Misto” de 1970. Apesar da conquista, os jogadores não foram valorizados, pois o salário só dava para

Pro lanche...pelo menos no Campinense e eu já falei isso várias vezes...o salário no Campinense era pra transporte, pagar o lanche depois dos treinos e tomar umas cana, porque não dava pra tomar cerveja. (...). Eu sai do Campinense em janeiro de 1974, meu salário era de 300 cruzeiros e eu era da turma de elite...em fevereiro de 1974 eu fui para o Tiradentes ganhar 2.000 cruzeiros, em uma capital que era menor que Campina Grande, mas o futebol lá já estava adiantado...muito. (LOPES, 2017)

Desde os primeiros anos da profissionalização dos atletas profissionais de futebol em Campina Grande, a situação continuava a mesma: os jogadores recebiam salários mínimos ou até abaixo do piso salarial determinado pelo governo. Esse fato,

não só ocorria com esse grupo de trabalhadores do esporte, mas também com outras categorias de profissionais, que como já foi dito anteriormente, eram explorados pelas classes patronais da Rainha da Borborema.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos jovens atletas desse período, a vontade e a paixão de jogar profissionalmente movia os meninos. O “Mistão 70” revelou bons jogadores para o mundo da bola, como ex-lateral direito do Campinense e Treze Edivaldo Moraes, o jovem de origem humilde, fugiu das fábricas para seguir o seu sonho: ser um atleta profissional. Segundo Edivaldo, o início foi bem complicado, pois ele começou

Jogando descalço, no Treze, galinho na época...depois comecei a calçar chuteira fui evoluindo e a ideia de ser jogador foi amadurecendo. Chegou uma época que eu comecei a treinar com os profissionais da época, um time de fama...como eles viam em mim um bom valor, comecei a treinar no meio dos profissionais. Mas por força de circunstância da época, tive que sair, tive que dar uma largada. Ai surgiu o “Mistão 70”, um torneio intermunicipal que se fazia, menos com todos os times da Paraíba...fui jogar pelo time de Alagoa Grande, como lateral direito...o Campinense participando...ai o Campinense estava formando um time...vinha de uma reformulação...ai me viram jogando...o próprio Zé Santos me viu e visualizou minha fisionomia, guardou pra si...e em dado momento...Zé Santos me fez um convite, perguntando qual era a possibilidade de eu ir para o Campinense...eu disse que hoje eu trabalho e jogo pelo time de Alagoa Grande. Ai eu perguntei para ele se ele me pagava o que eu ganhava no meu emprego para me transferir para o Campinense...então ele me disse: “Quanto você ganha lá? ”. Eu disse: 171 cruzeiros. Então ele disse: “Nós pagamos.” Consultei meu irmão mais velho...ele disse tope, você não é do ofício? Eu trabalhava na SANBRA e larguei (...). Diante disso eu não cheguei a participar das categorias de base do Campinense, que era fortíssima na época, eu já cheguei como profissional no Campinense. (MORAIS, 2017)

Mesmo com os baixos salários e com as dificuldades enfrentadas no início da carreira como jogador profissional, a paixão pelo esporte alimentava o árduo compromisso com o futebol. Depois de mais de uma década de profissionalização dos atletas e dos clubes, o jogador ainda carregava as marcas do amadorismo, como se o atleta profissional exercesse sua função exclusivamente por amor, esquecendo assim os valores financeiros envolvidos no processo.

Por isso, é comum perceber um certo discurso de “jogar por amor à camisa” criando uma identidade com o clube. Naquela época, era normal um jogador passar

mais de quatro temporadas na mesma instituição, saindo da equipe apenas para grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Mesmo com os baixos valores pagos pelos dirigentes, os atletas não desistiam do futebol e participaram da reformulação das equipes da cidade no ano de 1971. Os clubes planejaram as equipes pensando no certame estadual daquele ano, por isso começaram o processo de reaproximação com a FPF, com a intenção de fazer com que os clubes participassem das competições regionais e nacionais com o apoio político da federação.

Devemos lembrar que as reuniões da CBD extrapolavam o plano esportivo, eram movidas pelos tentáculos políticos de João Havelange que usava a instituição como trampolim para outros cargos, como presidente da maior entidade esportiva do mundo, a FIFA.

Pensando nas aproximações e nos ganhos políticos e esportivos, o Treze foi primeiro clube a reaproximar-se da FPF e do presidente Genival Meneses. No dia 19 de fevereiro de 1971, Genival recebeu um convite para subir a serra da Borborema, onde participaria de um jantar organizado pela diretoria alvinegra representada por Edvaldo do Ó. Em entrevista ao Diário de Borborema, Edvaldo do Ó disse que as brigas

“(...) foram motivadas exclusivamente pelos prejuízos que os clubes estavam enfrentando, ao disputar campeonatos mal estruturados, com excesso de concorrentes. Mas mesmo assim, tais desavenças com o presidente da FPF, serviram inclusive, muitas vezes, para motivar o torcedor de ir a campo e no futebol profissional deve-se estimular disputas entre os clubes, pois serve de atrativo. ” (Diário da Borborema, 19 de fevereiro de 1971).

Mas esse retorno ao campeonato paraibano não saiu de graça para o clube galista. Em meio ao jantar, Edvaldo do Ó conseguiu que o Treze tivesse uma dívida de 2.000 cruzeiros perdoadada junto à federação paraibana. Esse débito não tinha sido pago desde que o alvinegro participou do campeonato “Nordestão”, organizado pelas entidades futebolísticas da região Nordeste. A FPF pagou a taxa galista com a intenção de receber depois da diretoria serrana, mas o pagamento não foi feito, mediante as brigas entre as instituições, para participar do campeonato paraibano de futebol daquele ano, o Treze teve sua dívida perdoadada e seu retorno garantido.

Já o Campinense Clube teve seu retorno confirmado em uma reunião organizada pela FPF em João Pessoa. Aparentemente, não houve nenhum benefício para o rubro-negro de Campina Grande, mas ficou firmado o compromisso de que Campinense, Treze e Botafogo não teriam que arcar com a maioria das despesas do certame estadual; sendo assim, os clubes participantes do campeonato iriam ter os gastos divididos de forma igualitária sem beneficiar nenhum clube paraibano. As despesas correspondiam ao pagamento das taxas de inscrição dos atletas e aos trios de arbitragem que apitassem nos jogos do certame.

O mais curioso é que os árbitros de futebol, apesar de terem estudado e recebido treinamentos por parte das entidades de futebol, não eram considerados profissionais do esporte, mesmo recebendo pelo exercício das suas atividades. Por isso, o jogo de profissionais sofria interferência de um membro determinante, mas que era não profissional. Ou seja, continuava o profissionalismo a caminhar a passos lentos.

Esse problema interferia diretamente nas relações entre árbitros, jogadores e dirigentes, pois os atores principais da partida, os jogadores, às vezes eram ofuscados pelas ações dos árbitros, que poderiam sair do céu para o inferno em questão de segundos.

Segundo José Santos, era necessário conhecer o árbitro e a sua personalidade, pois os “juízes”, como são chamados ainda hoje, eram movidos a interesses pessoais, de grupo ou de classe. Alguns árbitros possuíam apreço por determinados clubes e isso poderia ser determinante no resultado de uma partida. Em seu relato ele diz que

Naquele tempo nós tínhamos três juízes para fazer um sorteio. Tinha um que era tenente da polícia e o filho dele depois foi árbitro...ele não podia ser árbitro, pois era botafoguense doente, Evanilson Meneses era aquele que era raposeiro, como torcedor, mas pra não dizer que era raposeiro era muito caxias com o Campinense...se a gente podia ganhar um jogo era com Toscano, porque ele era um cara neutro, ele apitava e não houve nenhuma interferência. (SANTOS, 2017)

Nos jogos e principalmente nas partidas finais, era mais do que necessário conhecer o árbitro que conduziria a match. Dependendo do indivíduo, o jogo poderia ser truncado, rápido, lento ou até dado como perdido com as interferências do árbitro. Para Galeano o árbitro é

Arbitrário por definição. Este é o abominável tirano que exerce sua ditadura sem oposição possível e o verdugo afetado que exerce seu poder absoluto com gestos de ópera. Apito na boca, o árbitro sopra os ventos da fatalidade do destino e confirma ou anula os gols. Cartão na mão, levanta as cores da condenação: o amarelo, que castiga o pecador e o obriga ao arrependimento, ou o vermelho, que o manda para o exílio. (GALEANO, 2012, p. 17)

Alguns atletas sofriam nas mãos da arbitragem paraibana, sofrendo com a perseguição e o preconceito destilado por determinados indivíduos que humilhavam os jogadores que promoviam o espetáculo. O ex-zagueiro Ivan Lopes, era um dos atletas que escutavam ameaças o jogo todo. Em um dos seus depoimentos ele falou que

O juiz se ele quiser fazer um resultado ele faz, principalmente o empate. Ou se não, se ele quiser fazer o resultado de um a zero ele faz (...) as vezes eu fico em casa pensando, rapaz, naquele jogo era pra eu ter dado uma no juiz. (...). Todo mundo dizia que Evanilson Meneses era raposeiro, mas você pode perguntar a Deca o que ele dizia comigo e com Deca, antes de começar o jogo. Passava por a gente e dizia: “hoje vai um pra fora e se o outro falar eu boto os dois, dois cachaceiros.” E a gente aguentava calado. Quando começava o jogo ele falava: “vão falar nada não é?! Fala ai que eu quero colocar um pra fora”. (LOPES, 2017)

O árbitro que simbolizava as regras, a disciplina, o controle e que tinha o dever de ser neutro, exibia todo o autoritarismo e poder de um indivíduo que assim como ele eram chamados de juízes. Como já foi dito, os árbitros não eram profissionais e interferiam diretamente no trabalho dos outros participantes do jogo. Por isso, o supervisor de futebol tinha como dever fiscalizar e negociar com a federação os trios de arbitragem para que o juiz não prejudicasse o jogo dos profissionais.

Com medo de que os times de Campina Grande sofressem perseguição por parte da federação por conta da não participação do campeonato paraibano de 1970, todos os cuidados foram tomados pelos clubes serranos. Sendo assim, o supervisor do Campinense também defendia os interesses do Treze, pois apesar dos times e da federação levantarem a “bandeira branca”, a desconfiança pairava sobre as instituições.

3.3 – A retomada dos clubes de Campina Grande ao cenário estadual.

“Aquele time de Zé Pinheiro foi muito longe”. (Ivan Lopes)

No ano de 1971 uma coisa era quase certa: o Botafogo litorâneo era o favorito ao título do campeonato paraibano. A luta pelo bicampeonato fez com que a diretoria do clube investisse pesado nas suas contratações, deixando para trás as equipes de Campina Grande que até então tinham investido na garotada por conta da crise econômica vivenciada pela cidade.

Apesar da centralização política proposta pelos ditadores não atingir de imediato o município, Campina Grande sentia o efeito das pequenas doses da crise econômica do país, principalmente suas elites que tiveram seus projetos desenvolvimentistas amputados pelos golpistas de plantão. Por isso, os gastos em outras áreas, como o futebol, foi reduzido pelos seus financiadores.

Para o clube cartola, os jovens atletas vinham mostrando um bom serviço, pois conseguiram ganhar o campeonato “Misto” em cima do seu maior rival. Mesmo com a conquista da equipe, a diretoria achou melhor modificar o comando do time e trouxe o ex-atleta Zezinho Ibiapino para treinar os garotos. Considerado um homem tranquilo, experiente e inteligente, Ibiapino levou a sua bagagem de jogador para o comando técnico, ensinando futebol e servindo como pai para os atletas.

Antes de assumir o cargo de treinador da equipe rubro-negra, o ex-jogador tinha pendurado suas chuteiras no final da década de 1960, quando atuou pelo Treze, juntamente com boa parte do time que fez parte do hexacampeonato do Campinense Clube. Depois de ter largado o futebol,

Ibiapino trabalhava na CELB, como motorista...então eu conversei com o doutor Edvaldo do Ó, que era presidente da CELB para ele liberar Ibiapino, como experiência, porque para ele não perder o emprego dele. Mas aí foi um sucesso, ele armou o time, inclusive quando Zé Lima assumiu o time em 1972...então ele não só aproveitou o esquema, mas fechou mais o time, pois Ibiapino era um jogo mais aberto. (SANTOS, 2017).

Além de entender dos esquemas táticos dentro das quatro linhas, Ibiapino, usava da sua “bagagem” como ex-jogador profissional para passar as suas experiências para os jovens atletas que iniciavam sua vida de boleiro naquele momento.

Para os seus ex comandados, como Ivan Lopes e Edivaldo Moraes, Ibiapino conseguia usar da sua experiência para superar momentos complicados vividos no dia-a-dia de um clube. Pra Ivan Lopes

Ninguém acreditava no nosso time, não é moleza não. Você sair de um amadorismo que a maioria já vinha com experiência no profissional, mas não era profissional, você sair dali e subir um degrau, dois degrau...tá no primeiro e passar para o terceiro...então ninguém acreditava no nosso time. Ibiapino dava muito apoio a gente, ele chamava de “meus meninos”... “os meus meninos estão demais!”...sempre incentivando. (...) Em 1971, quando a gente chegou em João Pessoa, Ibiapino tão experiente...é por isso que eu digo que Ibiapino foi o melhor treinador que eu conheci. O que Ibiapino fez? Quando a gente chagava em um jogo em João Pessoa, ficava no túnel assistindo a preliminar e Ibiapino disse: “fica todo mundo no túnel, não sai ninguém.” Nós ficamos dentro do túnel, escorado...que no estádio lá tinha uma brecha da parede para chegar na cobertura...de quase um metro...a torcida do Botafogo passava e jogava lata, tudo...e a gente escondido no canto da parede para as pedras não bater na gente. Foi que Ibiapino falou com Lamir Mota e Lamir pediu pra polícia ficar por lá, mas nós só entramos em campo, depois que não tinha mais ninguém. Os caras do Botafogo quiseram tumultuar aqui no primeiro jogo, que nós ganhamos de dois a zero no municipal. Chegava os caras da imprensa de João Pessoa, que vinham entrevistar de migué...eles vinham pra tumultuar e Ibiapino trancou a gente nos quartos. (LOPES, 2017)

Mas nem tudo era às mil maravilhas entre Ibiapino e alguns jogadores, pois em toda equipe existiam as indisciplinas e os problemas que podiam colocar a temporada a perder, como acontece ainda hoje. Mas para os dois ex-atletas do Campinense (Ivan Lopes e Edivaldo Moraes), o treinador conseguia reverter as situações complicadas, graças a sua bagagem de ex-jogador. Antes da final do campeonato de 1971, entre o clube cartola e o Botafogo da capital, um fato abalou todo o clube serrano. Em seu relato Ivan Lopes disse que

Quando chegamos no municipal todo mundo cabisbaixo...certo de que tinha cumprido a missão...não deu pra ganhar porque o Botafogo era uma máquina. (...) Recebemos a notícia de que o filho de Ibiapino estava internado no Targino, tinha sofrido uma queda e estava internado. Ai Ibiapino tinha mando contratar Lelé, jogador experiente, pra aconselhar a gente. Ibiapino disse: “Lelé, você vai ficar tomando conta dos meninos, não deixa ninguém sair que eu vou no hospital saber como é que tá meu filho”. Inventaram de sair: Edgar e Bidoreco. (...) e a gente ficou na concentração. Quando deu umas nove e meia da noite Ibiapino chegou, a gente na cozinha da concentração, ai Ibiapino sentou-se e disse: “cadê os meninos aí?” Ibiapino... Edgar não quis me atender e saiu com Bidoreco. Mas rapaz...não deu dois minutos e chegaram os dois bêbados...Ibiapino disse: “Mas Edgar, pedi pra você não sair com ninguém”. Ele com o copo esse de asa

disse: “Que nada seu treinador...” e disse um palavrão. Ibiapino tirou o rosto pro copo não bater na cara dele e não abriu a boca. Se fosse outro treinador tinha apelado. Foi todo mundo pra cama...a gente se deitou e pensou: perdemos o campeonato. Pensar o que? Ibiapino claro ia tirar ele do time com uma indisciplina dessa querer bater no treinador?! (...). Parecia que não tinha acontecido nada...na terça feira coletivo e Edgar no time de cima...titular. Pensei: Ibiapino vai lascar Edgar, vai botar ele pra jogar não...a gente vai perder o jogo. Pois o time do Campinense de 1971 era como uma máquina...se quebrar uma peça desmontava tudo. Então Ibiapino pensou que se tirasse Edgar desmontava o esquema todinho...que o negão jogava muito...muito. Ai Edgar faz o gol da vitória, dois a um, ganhamos. Ai eu disse: Ibiapino, e ai?!...ele disse: “vou pegar Edgar, estava só esperando ser campeão, vocês e todo mundo pensava que eu ia tirar Edgar do jogo né? Não, se eu tirasse Edgar do jogo a gente perdia o campeonato”. Com dez dias pela frente Ibiapino pegou Edgar e disse: “Diga o que eu sou agora?!”. Edgar disse: “Calma, me desculpe, eu estava bêbado”...Edgar bateu pino. (LOPES, 2017)

A experiência e a liderança adquirida por Zezinho Ibiapino como ex-jogador, ajudou o elenco de 1971 a conseguir o título do campeonato estadual. Não eram todos os ex-jogadores que se tornavam técnicos de sucesso, pois a função de treinador exigia a capacidade de passar o conhecimento adquirido prático e teórico do futebol. O treinador é um professor que tem como objetivo ensinar e fazer com que os seus alunos vençam em um curto período de tempo. Para isso era necessário ter paciência, atenção, companheirismo e hierarquia dentro e fora do clube. Edivaldo Morais, ex-jogador da década de 1970, nos disse que

Tem hora que a experiência e a inteligência caminham juntos e foi o que ele fez (Ibiapino), uniu as duas coisas. Se era um jogador diferenciado...precisava dele, porque você vai puni-lo para beneficiar o outro? Você usa ele e foi o que Zezinho fez sabidamente e sabidamente...não tirou ele do time...botou ele pra jogar. (...) Ele usou o bom senso, ele usou o profissionalismo, embora que depois esse jogador pelo que fez fosse punido, mas no momento o time precisava dele e o treinador sabidamente botou ele pra jogar. (MORAIS, 2017)

Ao mesmo tempo em que o treinador era um professor que ensinava e ajudava o seu aluno, ele exercia a função de supervisionar as atividades extra-campo dos atletas. A concentração dos jogadores, que tinha como objetivo confinar, controlar e disciplinar os profissionais antes das partidas, estava sob responsabilidade do treinador e sua comissão. Mas era comum que os atletas quebrassem as normas, fugissem da concentração. Sobre esses fatos Edivaldo Morais nos revelou que

Nos concentrávamos lá no Plínio Lemos...a concentração era em cima, como se fosse no primeiro andar. Estávamos concentrados e mais na frente na parte alta, no Santo Antônio, tem a Igreja de Santo

Antônio...estava havendo uma festa na quermesse da igreja e nós estávamos concentrados no sábado a noite, o treinador nosso era Ibiapino (...) ele estava cretzinho que o jogador ou os jogadores estavam todos concentrados. Quando foi um dado momento, o locutor da quermesse no pavilhão...estava havendo um sorteio de uma galinha assada...coisa de 1970...é pra rir mesmo. O locutor chamava quem dava mais ou quem dava menos, era o conceito da época. (...) O locutor falou em alto e bom som...como se fosse hoje: “cem reais para fulano do Campinense”. Ai o treinador ouviu e disse: Oxente, meu jogador não tá dormindo não? (MORAIS, 2017)

Para Edivaldo Moraes, a transição de jogador para treinador feita por Ibiapino foi de sucesso. Ele entendia o que vivia os atletas, acompanhava a vida e o crescimento do jogador, pois era, como o próprio ex-jogador disse

...Era um paizão, até porque foi um grande jogador, fez sua história nas quatro linhas, sabia tudo de futebol...a dificuldade que nós víamos nele era a dificuldade de comunicação... na linguagem dele, tirando isso ele era completo. Tinha a leitura do jogo na mão, na hora de mudar, na hora de tirar o jogador...na decisão de 1971...o primeiro campeonato do ciclo de cinco que nós fomos penta, o Botafogo fez um a zero em cima do Campinense, o ponta esquerda era Ferreira do Botafogo, jogador espetacular, foi jogar no Santos de Pelé depois...ai estava no linguajar nosso, acabando com Miro, lateral direito...ninguém marcava Ferreira...ai quando Miro foi atrasar uma bola para Ailton, nosso goleiro...atrasou o que chama-se de meia bola...a bola não chegou toda, Ferreira antecipou entre Miro e Ailton e fez o primeiro gol. Zezinho Ibiapino vendo que o forte do Botafogo era aquele setor esquerdo com aquele ponta esquerda, o que foi que ele fez rapidamente? Orientou a Dinga ponta direita...e disse: “Dinga a partir de agora você saia da ponta direita, larga a lateral direita e passa a marcar o ponta esquerda Ferreira que Miro não tá conseguindo”. Dinga fez isso o tempo todo, Ferreira sumiu do jogo, o Campinense inverteu o placar para dois a um, ai nós fomos campeão do primeiro campeonato do ciclo de cinco. (MORAIS, 2017)

Para Edivaldo Moraes, Ibiapino não foi o melhor treinador que ele trabalhou, mas foi o ex-atleta que conseguiu fazer o processo de transição de uma função para a outra de forma exemplar, pois tinha a capacidade de unir experiência e saber futebolístico, passando isso para os seus atletas.

Esse processo de transição era baseado no modo de enxergar o esporte, o jogo e a vida. O treinador/professor procura fazer com que o futebol e todas as suas variáveis sejam um estilo de vida, pois não se faz nada sozinho em um esporte coletivo, não se consegue alcançar os títulos atuando de forma individual, afinal o futebol é doar-se para outras pessoas, em sua maioria desconhecidas.

Foi compartilhando experiências e observando os “meninos do zepa”, que Ibiapino conseguiu juntamente com seus comandados, levar o rubro-negro serrano para a final do “Nordestão”, campeonato regional que unia em uma mesma competição as principais forças do Nordeste, como Bahia, Sport, Santa Cruz, Sampaio Correa, Vitória, Treze, Campinense, CSA, ASA, América de Natal, ABC, Fortaleza, Ceará e outras agremiações que tinham destaque nos seus estados.

Para boa parte dos atletas daquele período, o Campinense Clube foi longe demais, pois os jogadores eram explorados pela diretoria cartola, jogando em condições físicas que não eram ideais para atletas de alto rendimento. Segundo Edivaldo Moraes

“Nós fomos para uma decisão contra o Sampaio Correa no Maranhão de uma Copa do Nordeste...essa decisão foi de um jogo só, que pela primeira vez que eu ouvi falar que houvesse uma decisão de um jogo só, que uma decisão ou é dois ou é mais. Mas não, marcou um jogo no “Nozinho Santos”, que era o estádio do Sampaio Correa do Maranhão, e nós viajamos de ônibus vinte e seis horas que o ônibus não tinha o mínimo conforto que se tem hoje, era totalmente diferente as acomodações. Chegamos no sábado pra jogar no domingo...a perna inchada da viagem, pois sua perna está imobilizada. (...) nós jogamos da mesma maneira, não nos afetou.” (MORAIS, 2017)

O jogo terminou empatado e como nas penalidades o Sampaio acabou levando a melhor e sagrando-se campeão do Nordeste naquele momento. Para Ivan Lopes, esse fato não sai da sua cabeça. Pois

Nós fizemos demais naquela decisão...duas passagens aéreas pro Rio de Janeiro rapaz...eu não quis dizer isso no início pra não inflamar a torcida do Campinense, mas se eu tenho aberto o jogo do que aconteceu nessa decisão...esse negócio da gente ir viajando enquanto o sorteio era na sexta feira? (...). Sabe o que aconteceu na volta? Marcaram um jantar pra gente no César Ribeiro...eu vou te falar, no sujinho você comia melhor...e deram vinte cruzeiros a cada jogador, dois dias depois ia ter o encerramento do ano com Treze e Campinense, eu disse: “Deca, vinte cruzeiros pra cada jogador da o que? Chamamos Bidoreco, Edgar e disse: Rapaz, só da pra gente fazer uma vaquinha e tomar de cana.” (LOPES, 2017)

O fato que Ivan Lopes reclama é de que a diretoria cartola alegou não ter condições de enviar um representante para o sorteio de mando de campo das finais. Outro caso estranho é que o sorteio ocorreu em uma sexta feira e o time do Campinense viajou na quinta feira, ou seja, um dia antes do “sorteio” que acabou definindo uma final de apenas um jogo, fato incomum naquele período. Assim como

Edivaldo, o ex atleta relatou as péssimas condições de viagem e trabalho, a viagem foi um verdadeiro castigo

Só tinha asfalto até o Crato, nessa viagem pra São Luís...pra você ter uma ideia a gente saiu daqui na quinta feira amanhecendo o dia, chegamos lá na sexta à noite. (...) eu não sei como nós suportamos os cento e vinte minutos naquela partida...o cansaço da viagem, o pé inchado, poeira, as cadeiras velhas do ônibus. (...) Foi no ônibus da Luso Brasileira, coletivo...tinha condições não, a gente foi longe demais naquele “Nordestão”...exploraram demais o time de Zé Pinheiro. (...) a gente chegava de viagem e ainda tinha que treinar à tarde. (LOPES, 2017)

Apesar de todos os problemas vivenciados pelos jogadores do Campinense Clube e do Treze, a década de 1970 vai ter a retomada do futebol serrano com destaque estadual, superando os clubes da capital do estado.

O rubro negro de Campina Grande desde sua retomada ao campeonato paraibano, conseguiu mais quatro títulos seguidos, tendo como principal adversário o Treze, seu rival histórico. Simbolicamente Campina Grande retoma o posto de “capital do futebol”, já que em um curto período de participação no certame estadual, as equipes conseguiram superar o favoritismo do futebol pessoense, mostrando que apesar dos baixos investimentos nas equipes, a valorização dos jogadores da base deu resultados até então não esperados pelos diretores dos clubes, que mesmo observando as conquistas dos jovens atletas, não valorizaram os jogadores, explorando seus rendimentos ao extremo.

Mas assim como boa parte da classe trabalhadora do país, os jogadores também eram explorados, principalmente em um período de ditadura militar, quando os arrochos salariais, a crise inflacionária e os privilégios das classes empresariais prejudicavam boa parte da população brasileira, principalmente os trabalhadores urbanos e rurais do país.

É verdade que no eixo sudeste/sul do Brasil, a ditadura usou ativamente o futebol para conseguir uma aproximação com a população, manobrando símbolos, instituições, dirigentes e jogadores para servir de propaganda para os golpistas. No Nordeste, especificamente em Campina Grande, as forças militares agiram no campo simbólico e também com a construção dos dois estádios estaduais o Ernani Satyro (O Amigão) e o José Américo de Almeida (O Almeidão). No próximo subtópico abordaremos a atuação dos militares no cenário futebolístico de Campina Grande.

A ditadura militar e o futebol serrano

A ditadura militar não agiu de forma direta nos resultados dos jogos em Campina Grande, diferentemente de cidades do Brasil. Mas no campo simbólico, como já foi dito anteriormente, os militares usaram e abusaram do esporte por todo o país, principalmente no governo do gaúcho Médici que até “adotou” o Flamengo como seu time de coração.

Administrativamente os golpistas andavam com a cúpula da CBD, escolhendo dirigentes para atuarem em defesa das reformas e construções de estádios públicos, enriquecendo com obras superfaturadas as empreiteiras dos empresários colaboradores da ditadura. Os templos de concreto foram levantados no período do “milagre econômico”, jorrando dinheiro para as empresas e movimentando, de certo modo, a economia dos estados.

Ao longo de toda a ditadura militar foram reformados e construídos 52 estádios pelo país, 32 deles erguidos nos governos Médici e Geisel, que fizeram a festa nos cofres públicos⁷⁰. A Paraíba foi o único estado contemplado com dois estádios, um na cidade de Campina Grande e outro na capital João Pessoa.

A população da Rainha da Borborema, desejava há muito tempo um grande estádio para comportar o grande número de torcedores. O Presidente Vargas e o Plínio Lemos, apesar de serem bem estruturados, não comportavam mais de sete mil pessoas nas suas dependências, ou seja, boa parte dos torcedores de Campinense e Treze ficavam de fora das grandes partidas. Por isso, a construção de um estádio de grande porte era necessário.

No ano de 1973, na cidade de Fortaleza, uma reunião com os prefeitos das cidades nordestinas foi marcada com os militares, o objetivo era atender os pedidos e firmar apoios com as forças políticas locais, fazendo uma aproximação entre os ditadores e os interventores⁷¹.

Representando Campina Grande estava o interventor Evaldo Cruz, que já tinha manifestado a vontade de construir um estádio de futebol para a cidade. Recebendo

⁷⁰ [http: www.trivela.uol.com.br/da-criacao-brasileirao-aos-elefantes-brancos-como-o-futebol-entrou-plano-de-integracao-nacional](http://www.trivela.uol.com.br/da-criacao-brasileirao-aos-elefantes-brancos-como-o-futebol-entrou-plano-de-integracao-nacional).

⁷¹ [http: www.cgretalhos.blogspot.com.br/seach?q=o+amigao](http://www.cgretalhos.blogspot.com.br/seach?q=o+amigao).

o apoio do governador Ernani Satyro, Cruz procurou o arquiteto do estádio “Mineirão” com a intenção de projetar um estádio nos moldes do mineiro. Mas para que a rainha Borborema possuísse um templo esportivo, era necessário que a João Pessoa também fosse contemplada com o projeto, por isso, as duas cidades ganharam um “presente” dos ditadores.

É importante lembrar que Campina Grande é a única cidade do interior nordestino que conseguiu tal feito, já que boa parte dos estádios construídos nesse período foram destinados às capitais de cada estado da federação. Isso mostra a importância política, econômica e esportiva da rainha da Borborema no cenário estadual. Abaixo tempos imagens da construção do “Amigão”.



Foto 13: Estádio Ernani Satyro em construção.

Fonte: www.cgretalhos.blogspot.com.br/seach?q=o+amigao.

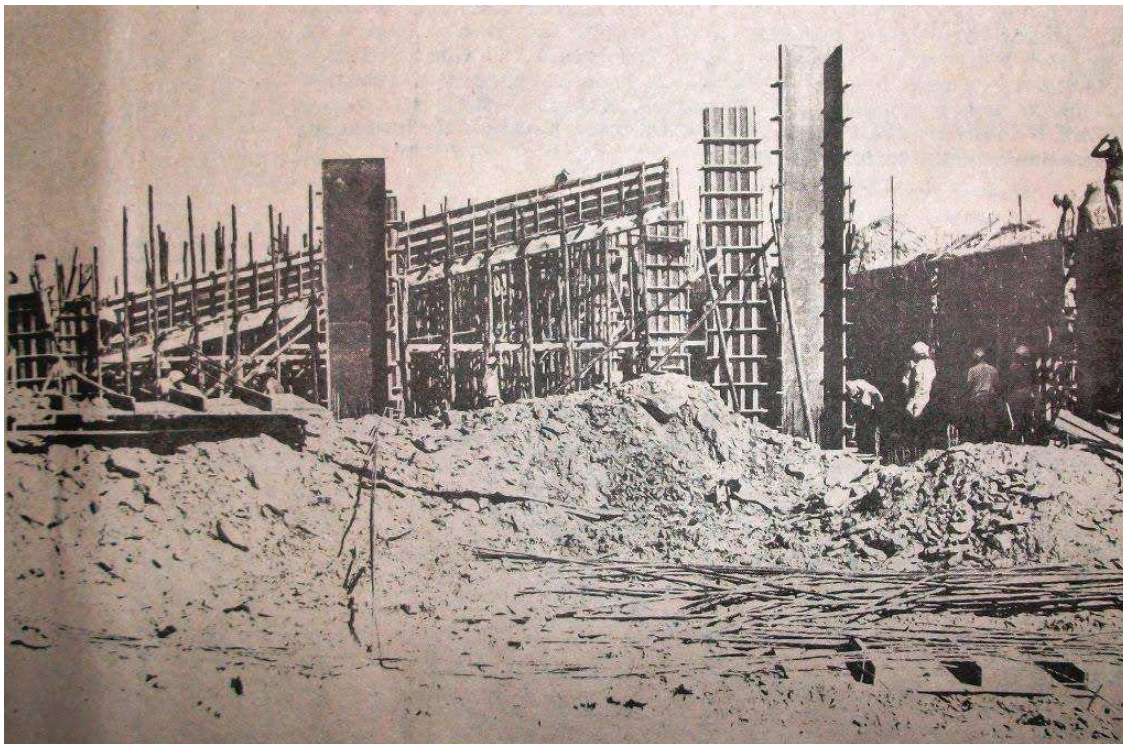


Foto 14: Construção das colunas do estádio Ernani Satyro.

Fonte: www.cgretalhos.blogspot.com.br/seach?q=o+amigao.

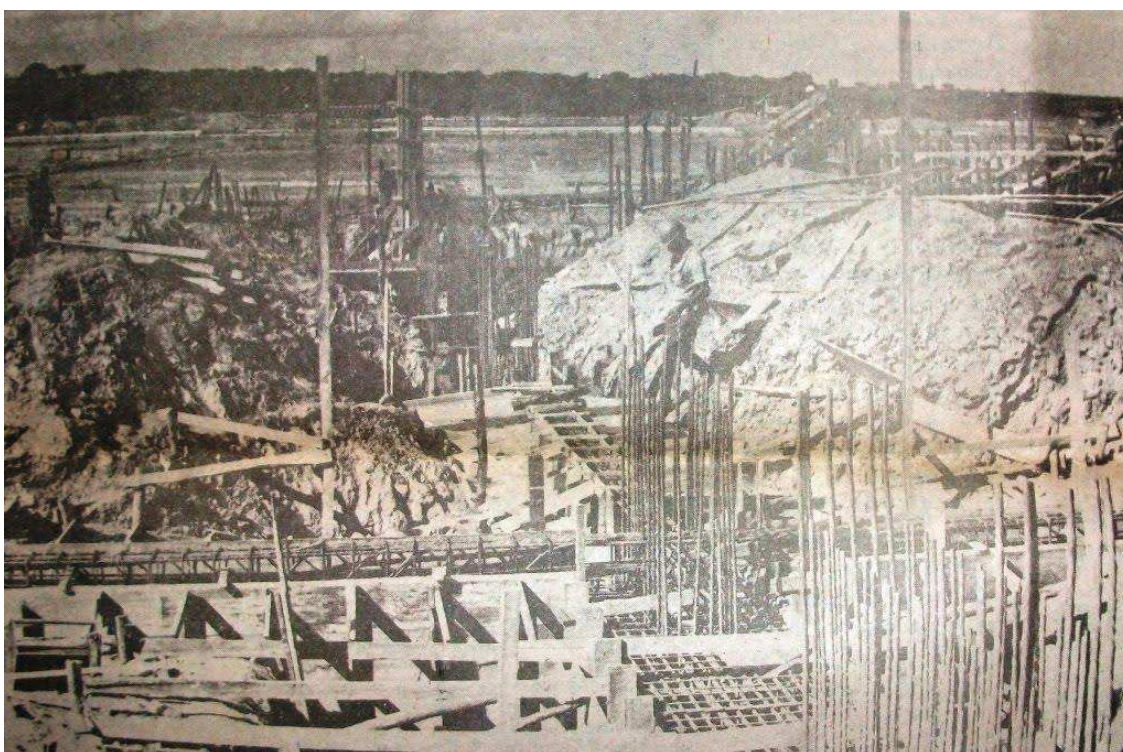


Foto 15: Operários na construção do estádio .

Fonte: www.cgretalhos.blogspot.com.br/seach?q=o+amigao.

Apesar do Governo do Estado contratar o arquiteto do estádio mineiro, o “Amigão”, não parece nem de longe com o “Mineirão”. Pois a praça de esportes não foi concluída, tendo seus anéis superiores incompletos, aliás cobrindo apenas um lance de arquibancadas, deixando os outros à mercê do sol ou da chuva.

O estacionamento durante muito tempo não foi construído, deixando os torcedores na poeira ou na lama para acompanhar os jogos das suas equipes. Apenas em 2014 os estádios “Amigão” e “Almeidão” passaram por pequenas reformas, renovando a estrutura de concreto que já estava desgastada pelo tempo. Além de terem o estacionamento parcialmente construído, melhorando o espaço de locomoção da comunidade apaixonada por futebol.

Mas essa medida não foi uma das únicas adotadas pela ditadura militar que afetou os clubes ou a torcida paraibana, pois no ano de 1973 o ditador Médici exigiu que a CBD aumentasse o número de participantes no certame nacional, chegando a 40 clubes disputando o título. Apenas em 1975, a Paraíba foi representada no grandioso torneio, o Campinense Clube participou do chamado campeonato de elite, já que os principais clubes do Brasil estavam disputando a competição. Mas a participação no certame não foi boa, a equipe conseguiu apenas 4 pontos, ficando como o último colocado da competição.

Essa medida adotada pelo governo militar tinha como objetivo incorporar todos os estados na federação ao campeonato brasileiro, fazendo com que boa parte da população fosse representada no maior certame nacional. O único estado que não participou do campeonato foi o Acre, pois o processo de profissionalização das suas equipes começou tardiamente no ano de 1989.

Apesar dos bons resultados conseguidos pelas equipes serranas nos campeonatos estaduais, o nível apresentado pelo futebol sulista ainda era um pouco superior, principalmente pelos investimentos feitos nas grandes equipes das metrópoles brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre.

Os principais times e jogadores do país tinham um rendimento muito elevado, pois jogavam praticamente três ou quatro competições por temporada. Seus principais atletas conseguiam formar uma boa reserva financeira, pois tinham suas carreiras

estendidas através de um cuidadoso preparo físico, mas aqueles que usavam medicamentos (vitaminas) que estimulavam o rendimento do jogador acabavam adiantando o pendurar das chuteiras.

Naquele período era comum que os atletas usassem medicamentos especiais para melhorar sua atuação dentro das quatro linhas. Por isso, boa parte deles adquiriram doenças que prejudicavam órgãos vitais ou os membros inferiores, adiantando a aposentadoria dos gramados.

No próximo tópico, abordaremos como os jogadores da década de 1970 foram aos poucos deixando a carreira futebolística e entrando em outras profissões, principalmente ligadas às repartições públicas administradas pelos dirigentes dos clubes daquele período, assim como o fim daquela geração trouxe o início de outra que participou de um outro momento histórico.

Amarrando as chuteiras precocemente: o mundo fora das quatro linhas.

*“Sua ilusão entra em campo no estádio vazio
 Uma torcida de sonhos aplaude talvez
 O velho atleta recorda as jogadas felizes
 Mata a saudade no peito driblando a emoção
 Hoje outros craques repetem as suas jogadas
 Ainda na rede balança seu último gol
 Mas pela vida impedido parou
 E para sempre o jogo acabou
 Suas pernas cansadas correram pro nada
 E o time do tempo ganhou” (Balada nº7 – Moacyr Franco)*

Quando o compositor Moacyr Franco escreveu essa canção, ele fez uma homenagem ao “anjo das pernas tortas”, mais conhecido como Mané Garrincha, um dos maiores jogadores de todos os tempos. Garrincha era o típico jogador malandro, que surgiu das fábricas até brilhar nos campos do Brasil e do mundo.

Mas ao mesmo tempo que em essa bela canção faz uma grande homenagem a um mágico jogador, ela mexe com a memória de todos aqueles ex jogadores que não tiveram o reconhecimento nacional de Garrincha, mas que não são esquecidos pelas suas torcidas locais e principalmente por aqueles que acompanharam suas carreiras. Poderíamos citar vários ex atletas de Campinense e Treze que marcaram

história nos campos paraibanos, mas para não cometer nenhuma injustiça, deixemos que a memória do leitor flane pelos estádios paraibanos.

Da metade para o final da década de 1970, boa parte dos atletas de Campinense e Treze começaram a encerrar precocemente suas carreiras futebolísticas. Aos trinta anos, um jogador de alto rendimento naquele período já era considerado velho para o futebol, além de sentir o corpo cansado pelas jogadas duras que acabaram provocando lesões nos joelhos, tornozelos, pés e músculos inferiores.

A deslealdade nas jogadas dentro das quatro linhas era presente na carreira dos atletas. Segundo Ivan Lopes, apesar da união da “resenha” construída entre os jogadores, existia o contraponto, jogadores que iam de forma violenta nas jogadas. “Tem jogador... que tem jogada que ele vai com maldade, não adianta negar não. Jogador que na dividida vai por cima e vai mesmo. Hoje com a consciência que o jogador tem hoje... rapaz, bota o pé por cima da bola...existe a maldade. (LOPES, 2017).

Isso acabou prejudicando a saúde dos atletas, que carregam as consequências das duras partidas disputadas. Continuando com o exemplo de Ivan Lopes, ex zagueiro, que tinha como objetivo parar o ataque das equipes adversárias, ele nos relatou que

“Eu tive problemas por causa do futebol...tive problemas por causa da seringa. Naquele tempo era uma seringa pra três ou dois jogadores...não era nada descartável, era umas agulhas de vidro que levava tanto esquento que as bichas ficavam amareladas, escuras...ela era fervida, esterilizada...as seringas serviam pra injeções de vitaminas...naquele tempo também, foi lançado no futebol brasileiro uma injeção com o nome de Gorgo Fernegan que aplicava na veia...foi que 70% ou 80% dos jogadores brasileiros da década de 1970...feito pesquisa...todos são portadores do vírus da hepatite C. Foi ai onde eu adquiri a hepatite C...e cheguei a ser submetido a um transplante hepático...graças a Deus dei a volta por cima, estou curado do vírus.” (LOPES, 2017)

De fato, as injeções de Gorgo Fernegan trouxeram muitos problemas de saúde para os atletas daquele período, principalmente na parte neurológica e motora dos ex jogadores, pois tinha como objetivo deixar os atletas excitados antes das partidas. A agitação, falta de sono e nervosismo faziam parte desse medicamento estimulador.⁷²

⁷² http://www.medicinanet.com.br/bula/reacoes_adversas_fenergan.

Com o fim da carreira, Ivan Lopes conseguiu um emprego na prefeitura municipal de Campina Grande, através do prefeito da época Ronaldo Cunha Lima. Depois seguiu exercendo a função de treinador dos juniores do Campinense Clube, revelando jogadores como Suélio Lacerda, campeão pelo São Paulo e Botafogo-RJ. Depois foi contratado pelo Esporte de Patos para dar visibilidade a equipe sertaneja, quando conseguiu fazer uma boa campanha no ano de 1995.

Já Edivaldo Moraes não adquiriu nenhuma doença naquele período, jogou até os trinta anos e depois seguiu como treinador de escolinhas de futebol, exercendo esse grande trabalho até hoje. O ex lateral do Campinense e Treze tem como objetivo revelar jogadores para o mundo da bola, além de educar os jovens atletas afastando os garotos do mundo da marginalidade.

Zé Lima, assim como Ivan Lopes, parou de atuar logo cedo, como já mencionamos. Problemas nos joelhos e tornozelos fizeram com que o zagueiro se afastasse dos gramados como atleta, mas como treinador seguiu dando sequência. Campinense, Treze e Botafogo-JP, foram as equipes em que o treinador conquistou mais títulos paraibanos e regionais, fazendo parte da história do futebol paraibano.

Com as duas primeiras gerações de atletas profissionais de Campina Grande, surge a geração da década de 1980, motivada por outras demandas e objetivos, esse grupo de jogadores estavam muito mais próximos dos grupos políticos paraibanos, que voltavam com toda força para as disputas estaduais. O Treze, por exemplo, foi acolhido pela família Cunha Lima, que ainda hoje participa da administração alvi-negra. Já o Campinense Clube passou por uma grave crise, perdendo quase todo o seu patrimônio físico, mas conseguiu se reerguer com a ajuda de torcedores e empresários locais, como a família de políticos Ribeiro.

Hoje, mesmo distantes do futebol profissional os ex atletas ainda carregam valores ensinados pelo esporte. Segundo Edivaldo Moraes

“O jogador é um ídolo, é uma pessoa pública. Ele tem que andar bem, fazer bem, se apresentar bem, porque ele sendo uma pessoa pública, ele é cobrado. Quando um jogador entra em campo pra jogar, tem milhões e milhões de pessoas admirando ele e ele tá formando opinião naquele momento...para uma criança, para um adulto...muita criança ali gostaria de fazer o que ele tá fazendo...tem ele como ídolo. Aquilo ali é muito importante, o comportamento de um jogador de futebol perante a sociedade, tanto jogando tanto quando deixar de jogar. Ele

encerrou a carreira de jogador, mas ele não encerrou pra vida não. Ele permanece o mesmo cidadão, só que em outra profissão, do outro lado. ” (MORAIS, 2017)

Apesar das dificuldades, explorações e incertezas do mundo futebolístico, o esporte conseguiu realizar sonhos de garotos pobres que tinham o mundo fabril como destino. Esses homens carregam suas memórias pelos quatro cantos da cidade, destilando as conquistas do passado e mostrando as dificuldades do período.

Se observamos o profissionalismo daquele período e de hoje, perceberemos mudanças significativas. Mas as equipes paraibanas, se comparadas com as de outros centros, ainda estão muito abaixo do esperado. Os “cartolas” não mudaram e usam e abusam dos clubes, aproveitando da paixão de milhares de torcedores para conseguir projeção política ou status social.

No âmbito nacional, o futebol do nosso país ainda precisa melhorar muito. Boa parte dos jogadores profissionais passam mais de seis meses parados com o fim dos campeonatos regionais que empregam boa parte desses profissionais. Mas o que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) faz sobre isso? Nada. Como já mencionamos, os “cartolas” são os mesmos e apropriam-se do futebol para fins políticos e econômicos. Esperamos que em breve, assim como em boa parte do continente europeu, o futebol brasileiro possa profissionalizar-se de fato, deixando de lado as amarras políticas, televisivas e econômicas que atrasam a maior paixão nacional, pois se isso não acontecer, todo dia é dia de sete a um.

CONCLUSÃO

“Mas viva sobre tudo o futebol”. (Carlos Drummond de Andrade)

Quando o juiz ergue os braços e aponta para o centro, o jogo chega ao fim. Se a partida não for empate, torcedores comemoram ou choram o resultado, passando, às vezes, dias pensando nos lances ou escutando os comentários do jogo do time do coração.

Nesta última partida, é necessário manter a cabeça tranquila, apesar dos gritos que animam este velho jogador. Mas espero ter a frieza de Romário e poder concluir para o gol de forma satisfatória, vencendo o arqueiro e a sua elasticidade.

Os jogadores de futebol profissional são vistos como operários da bola, pois é necessário trabalhar duro para alcançar os objetivos do clube. Lesões, solidão, confinamento, ausência familiar e outros fatores atingem a vida desses profissionais durante, no mínimo, dez anos. Mas aos olhos do torcedor aquele atleta simboliza o sonho de muitos daqueles que não conseguiram pisar no tapete verde, vestir o manto sagrado e correr para os braços da galera na hora de um gol. Aos olhos da torcida, o jogador vive no paraíso.

O processo de profissionalização das equipes e dos jogadores paraibanos em comparação com algumas regiões do Brasil, aconteceu de forma tardia, arrastando-se por um longo período de amadorismo e desvalorização dos atletas. Os jogadores de futebol dos clubes de Campina Grande conseguiram brilhar nos gramados paraibanos e nordestinos, apesar da dura realidade financeira.

Como mostramos, na cidade de Campina Grande, os clubes de futebol eram administrados pelas elites serranas, que em alguns casos, como os diretores do Campinense Clube, não queriam profissionalizar seus atletas, acreditando que o futebol não era uma profissão, mas sim um lazer sério.

Boa parte dos jogadores do início da década de 1960 até o final de 1970 era de origem pobre e tinha como destino as fábricas da cidade, oferecendo sua força braçal por valores que não chegavam a atingir o salário mínimo da época. Atraídos pela paixão de infância, trocaram as máquinas pelas chuteiras e partiram atrás da bola com o objetivo de superar as barreiras sociais.

Esse retrato é comum em boa parte do Brasil; e se voltarmos um pouco mais, perceberemos características semelhantes ao processo de profissionalização dos jogadores ingleses; porém, com uma grande diferença: na Inglaterra o movimento sindicalista era mais forte e atingia diretamente o futebol.

Apesar de ser uma cidade em desenvolvimento econômico e cultural na década de 1960, Campina Grande seguia o viés planejado pelas elites locais; ou seja, criação de indústrias, melhorias urbanas e manutenção de privilégios para empresários locais. Mesmo com as rivalidades políticas, a cidade era voltada para o bem-estar dos grupos dominantes, esquecendo os problemas sociais que afetavam a Rainha da Borborema.

A exploração dos trabalhadores, a separação de espaços e o controle da administração local compunha a cartilha dos mandatários políticos da urbes serrana, que assim como outras cidades, teve a cultura e o esporte atingidos pelas escolhas das elites.

Os clubes de futebol de Campina Grande, mesmo possuindo uma formação social diferente, não conseguiram fugir dos planos da elite, que lentamente foram profissionalizando as instituições e seus funcionários. O Treze foi o primeiro clube profissionalizado da cidade, mesmo mantendo uma estrutura ligada ao “amadorismo”, a equipe alvinegra largou o futebol amador para adentrar no mundo do esporte profissional.

Já o Campinense Clube vivenciou momentos de tensão antes de aderir ao futebol profissional, já que a elite que constituía a administração do clube não queria que o esporte bretão fosse levado a sério, pois a profissionalização iria abrir as portas do clube da elite para as pessoas mais pobres da cidade. Mas no final da década de 1950, os aristocratas acabaram aderindo ao esporte profissional, mudando assim a história da cidade dentro do esporte paraibano e regional.

Mesmo com as dificuldades e com a força das equipes da capital do estado, os times de Campina Grande começaram a conquistar títulos e aos poucos foram modificando a estrutura profissional dos clubes.

A experiências dos jogadores, dirigentes e treinadores, nos mostram o lento e árduo processo de profissionalização das equipes serranas, além de quebrar com a visão de sucesso, fama e dinheiro dos jogadores profissionais, que na sua grande

maioria são explorados pelos clubes, recebendo baixos salários e passando por problemas financeiros depois do término das suas carreiras.

No período de ditadura militar, alguns jogadores conseguiram empregos em repartições públicas, garantindo uma profissão depois de pendurar as chuteiras; afinal, aos trinta anos um jogador de futebol já era considerado velho para a prática esportiva. Outros, seguiram dentro do esporte, mas fora das quatro linhas, exercendo a função de treinador ou auxiliar técnico, passando suas experiências e saberes para a nova geração de jovens atletas que estava sendo preparada.

Com o processo de centralização política e econômica dos militares, a cidade de Campina Grande começou a sentir em doses lentas a crise econômica que assolava o país. O “milagre econômico” existiu para uma pequena parcela da população brasileira que seguiu enriquecendo graças às forças golpistas que arrombavam os cofres públicos e aumentava a desigualdade social.

No mundo da bola, os militares se aproximaram do futebol vinculando a imagem da seleção tri campeã do mundo ao governo de Médici, tentando mostrar à população um novo Brasil que crescia nas mãos dos militares. Acordos com a CBD e com empreiteiras foram determinantes para a construção de estádios públicos pelas principais cidades do país, incluindo João Pessoa e Campina Grande.

Nesse período, o futebol da Rainha da Borborema estava passando por dificuldades financeiras, assim como as elites que investiam no esporte da cidade. Superando os problemas, as equipes formaram times compostos por jovens que acabaram colocando mais uma vez Campina Grande como destaque regional, vencendo torneios interestaduais e desbancando a força da Federação Paraibana de Futebol, que durante muito tempo, procurava beneficiar as equipes da capital do estado.

Nessa análise, futebol, política e sociedade se misturam, seus atores comunicam-se constantemente, lutando pelos seus interesses e pelos seus grupos. Por isso, esse esporte é considerado uma metáfora da sociedade. As improvisações da vida são vistas como as de um atacante que quebra as normas táticas durante um jogo, e logo em seguida marca um gol, provocando um sistema político duro com o povo. Foi assim com Leônidas, Garrincha, Maradona, Eric Cantona, Drogba e tantos

outros jogadores espalhados pelo mundo, que lutaram e lutam pelo fim de regimes autoritários e por melhores condições de vida para os pobres, trabalhadores, mulheres, enfim, os marginalizados pela sociedade.

Por isso, temos como principal objetivo despertar o interesse pela pesquisa sobre o futebol, mostrando ao público acadêmico que esse esporte é um campo ainda em construção, repleto de fontes, problemáticas e assuntos a serem debatidos, mostrando a importância desse esporte para a história, afinal, “em futebol, o pior cego é o que só vê a bola.”⁷³

⁷³ RODRIGUES, Nelson. **Às sombras das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.103.

Bibliografia

AMORIN, Adriana. **Futebol x Teatro: Rito, cena e dramaturgia do espetáculo futebolístico**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ANTUNES, Fátima Martin R. F. **O futebol nas fábricas**. Revista USP, São Paulo, n.22, 1994, p. 102-109.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.

BARROS, José D' Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo, Brasiliense, 1982.

CALDAS, Waldenyr. **Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro**. Revista USP, n.22, jun/ago, 1994.

CARNEIRO, Mario Vinicius. **Treze futebol Clube: 80 anos de história**. João Pessoa: União, 2006.

CARVALHO, José Eduardo de. **O jogo**. São Paulo: SESI – SP editora, 2012.

_____. **Geopolítica**. São Paulo: SESI – SP editora, 2012.

CASTRO, Rodrigo R. Monteiro de. MANSSUR, José Francisco C. **Futebol, Mercado e Estado: Projeto de recuperação, estabilização e desenvolvimento sustentável do futebol brasileiro**. São Paulo: Quartier Latin, 2016.

CERRANO, Paulo César Rodrigues (org). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. P. 25.

CHAIM, Aníbal Renan Martinot. **A bola e o chumbo: Futebol e política nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira**. Tese de mestrado defendida na Universidade de São Paulo (USP), 2014.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. AUGUSTIN, Gunther Herwing. SILVA, Silvio Ricardo da. **Futebol, linguagens, artes, cultura e lazer**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015.

DAMATTA, Roberto. **Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro**. Revista USP, São Paulo, n. 22, 1994. Págs . 7/10.

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org). **O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FILHO, Mario: **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1947.

FILHO, Severino Cabral. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e história**. Campina Grande: UFCG, 2009.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&M, 2012.

GERMINIANO, Wagner. **Enredando “Campina Grande” nas teias da cultura. (Des)inventando festas e (Rei)inventando a cidade (1965-2002)**. Dissertação de Mestrado. Recife, UFPE, 2008.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In.: **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular no país**. São Paulo: Contexto, 2014. P.150.

GRAMSCI, Antônio. **Escritos políticos, volume 1**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. Págs. 209/211.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. MELO, Victor Andrade (orgs). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. P. 171.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludes: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

JUNIOR, Hilário Franco. **A dança dos deuses: Futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIMA, Damião de. **Campina Grande sob intervenção: a ditadura de 1964 e o fim do sonho regional/desenvolvimentista**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

LUCA, Tania Regina de. **Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSK, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006. p.112-143.

KFOURI, Juca e CARRANO, Paulo César R. (org.). **Futebol: Paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MARQUES, Giovanna Lopes. **Quem nasce em Campina Grande é campinense: Futebol e sociabilidade na “Rainha da Borborema” (1954-1965)**. Dissertação defendida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: Cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **Memórias, percursos e reflexões**. Revista Saeculum, n. 18, UFPB: João Pessoa, 2008, p. 195.

MULLER, Ricardo Gaspar. DUARTE, Adriano Luiz (orgs.). **E. P. Thompson: política e paixão**. Chapecó: Argos, 2012.

NETTO, José Paulo. **Pequena história da ditadura militar brasileira (1961-1985)**. São Paulo: Cortez, 2015.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. PRADO, Maria Lígia Coelho e JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco (orgs.). **A história na política, a política na história**. São Paulo: Alameda, 2006. P. 16.

PEREIRA, Leonardo A. de M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.2000.

REIS, Heloísa Helena Baldy. ESCHER, Thiago de Aragão. **Futebol e Sociedade**. Brasília: Liber Livros, 2006.

RODRIGUES, Nelson. **À sombras das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.103.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947. P. 222.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SARAMAGO, José. **A viagem do elefante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da nação canarinho: Uma história institucional da seleção brasileira de futebol (1914-1970)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SÊGA, Rafael Augustos. **Os melhoramentos urbanos como estratégia de dominação social**. In: Revista do curso de Pós Graduação em História, Porto Alegre, nº 14, dezembro de 2000.

SEVCENKO, Nicolau. **“A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio”**, in NOVAIS, Fernando (coord.). **História da vida privada no Brasil**. Volume 3. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, José. **Linhas e entrelinhas do futebol paraibano**. Campina Grande: Latus, 2016.

_____. **Futebol da Paraíba dos bastidores ao gramado**. Campina Grande: Latus, 2014.

SCHUWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: Uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos: Sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1930-1945)** – Tese de doutorado em História. Recife: UFPE, 2002.

SOUZA, Denaldo Alchorne. **O Brasil entra em Campo! Construções e reconstruções da identidade Nacional (1930- 1947)**. São Paulo: Annablume, 2008.

STÉDILE, Miguel Enrique. **Da fábrica à várzea: clubes de futebol em Porto Alegre**. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa, volume 1**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VERISSIMO, Luis Fernando. **Time dos sonhos: paixão, poesia e futebol**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FONTES:

Jornal Diário da Borborema: Janeiro – Dezembro (1960 – 1975).

Entrevistas: Edvaldo Moraes;

José Lima;

José Santos;

Lamir Mota;

Ivan Lopes.